



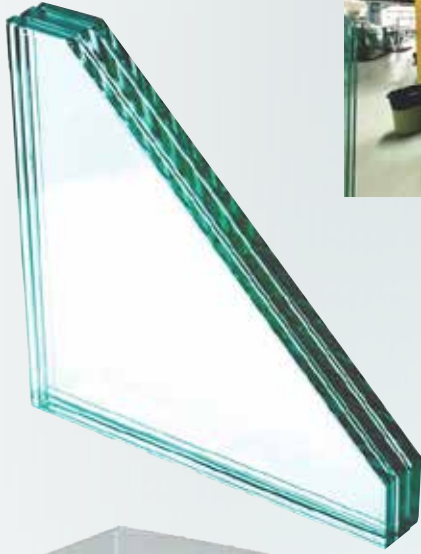
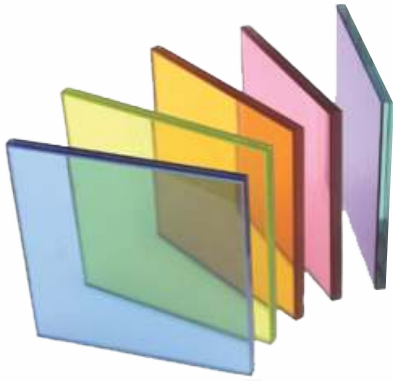
**A música de
Tim e Vanessa**

Divulgação: Rede Globo

Tábata Poline: Não negocio minhas raízes

A apresentadora conversou com a Viva Grande BH, e contou um pouco da sua trajetória de vida e jornalística.





Vidros Curvos, Laminados
Termoacústicos e Blindados
com certificação do Exército Brasileiro
Linha completa de espelhos
em cores e espessuras

 31 3361.5599

 /bendglass

 /vidrosbendglass

 www.bendglass.com.br


Motivos para comemorar
e agradecer não nos faltam!



Qualidade, pontualidade
e bom atendimento!

Grupo Bend Glass





VENHA CONHECER
UM MUNDO DE BELEZA,
SOFISTICAÇÃO E CRIATIVIDADE.
VEM DECORAR COM



LA VЕНИ
D E C O R

(31)2568-0555

☎(31)9 8527-6244

RUA ANTÔNIO BERNARDINO MUNIZ, Nº 115
LOJA 03, CENTRO - CONTAGEM/MG

📱 @lavenidecor

📌 @lavenidecor





Agora, é possível renovar o Certificado Digital SPC on-line!

Aproveite e continue realizando seus processos com segurança e comodidade, sem sair de casa.

Consulte condições.



3359-6426
3359-6441

Rua Manoel Teixeira
de Camargos, 475
Glória - Contagem



www.cdlcontagem.com.br/certificado

Falta pouco, falta pouco! Estamos quaaase acabando esse “pandêmico 2020”. Êta ano louco! Chuva em excesso, fogo em excesso... E põe fogo nisso! Aliás, pelo amor de Deus, apague esse fogo! Nunca se viu tanta queimada, nunca se destruiu tanto! Porém, ainda não está na hora de retrospectiva. Foi só uma pequena “reclamaçãozinha”, temos ainda em dezembro a edição 25 pela frente.

Enquanto isso, aqui na vigésima quarta edição damos um “SALVE A PERIFERIA!” Salve Tábata Polini, que de uma maneira brilhante faz o seu “Rolê” pelas nossas vilas e favelas nas tardes de sábado e mostra pela Globo os grandes valores que temos escondidos pelos becos e barracos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Nesta edição, Tábata estampa nossa capa e nos emociona com seus depoimentos marcantes em uma rica entrevista feita pela jornalista Aline Teodoro.

Ainda falando em periferia, nossas queridas guerreiras da Arquitetura na Periferia trazem mais uma história de superação para gente; e tem indicação internacional no projeto. Parabéns!

Mas, a região metropolitana não tem só coisa legal não. Muitas barbaridades fazem com a nossa natureza. A jornalista Camila Martucheli traz uma história polêmica sobre o sistema hídrico da região. Se não lutarmos, ficaremos sem água em menos de 30 anos.

Voltando a falar de coisa boa, aplausos aos nossos violeiros, Mestre Malaquias, Zé Antônio Viola e João Araújo. Parafrazeando Rolando Boldrin: “É a viola falando alto em nosso peito humano!” Saldemos nosso patrimônio, saldemos nossa viola! Ainda falando de música, vamos acalmar nosso corpo e mente com a doce melodia de Tim e Vanessa. Convido a todos a clicarem nas páginas dessa matéria e enquanto leem, relaxem ouvindo suas canções.

Bom, além de tudo isso, tem muito mais. Leia, curta e compartilhe: tem muita Viva Grande BH pela frente. Uma ótima leitura!



Raimundo Pradino
Publicitário | Mobilizador Social

Jornalismo: Camila Martucheli | Raissa Daldegan | Aline Teodoro
Revisão e Web: Edgard de Pádua | Design e Projeto Gráfico: Raimundo Pradino
Colaboradores: Ana Maria N. Resende, Ângela Mendes, Camila Martucheli, Daisy Braga, Ronan Gomes, Ohara Raad, Sarah Pardini, Victor Dzenk, Rafael Ferreira, Juliana Mariani, Mão Dupla Comunicação, Associação dos Condomínios Horizontais - ACH, Acolasa, IAB-MG, Leticia Miranda, Junia Nocchi, A Dupla Informação, Fabio Gomides, Arquitetura na Periferia, Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB-MG,
Suporte de Web: Ana Romagnoli
Revista Digital - FOGGY LABS



46

Índice

- 10** | CASACOR Minas anuncia a primeira edição do projeto “Janelas CASACOR”
- 16** | Veja, como serão os espaços pós-pandemia
- 26** | URBANISMO ECOLÓGICO
Porque temos Urgência!
- 30** | Arquitetura na Periferia: ELAS constroem a vida e também casas!
- 36** | Urbanização desenfreada e mineração: uma sentença de morte às águas que abas tecem a Região Metropolitana de Belo Horizonte
- 46** | **CAPA** - Entrevista com Tábata Polini. A apresentadora conversou com a Viva Grande BH, e contou um pouco da sua trajetória de vida e jornalística.
- 52** - Conscientização: Palavra de ordem para prevenção do câncer infantojuvenil
- 54** - GUATEMALA: Explorando um país completamente desconhecido
Por Raissa Daldegan
- 62** - A Designer Vanessa Menezes nos mostra uma reforma incrível que revitalizou e transformou todo um espaço
- 70** - Viola: patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais As 10 cordas que encanta e carrega consigo tradições, histórias e muitas paixões
- 78** - Tim e Vanessa: acalento para a alma em forma e canção
- 83** - Victor Dzenk - Como o coronavírus influenciou as tendências de peças na nova estação
- 88** - Junia Nocchi entrevista o arquiteto Pedro Lázaro que mostra sua paixão pela arte
- 93** - **COLUNISTAS**

Sugestão de Pauta: redacao@vivagrandebh.com.br
Comercial: 31 2559.1208 | 99928.5010 whatsapp
marketing@vivagrandebh.com.br
Viva Grande BH é uma publicação da Raimundo Pradino Planej. Grafico e Arte
www.vivagrandebh.com.br | revistavivagrandebh.com.br
Facebook/revistavivagdebh

*A Revista Viva Grande BH, não se responsabiliza pelo conteúdo veiculado por seus colaboradores - Colunistas

MORE NO
MELHOR
2 QUARTOS
DE CONTAGEM!

EDIFÍCIO
ATENNA



- APARTAMENTO DE 2 QUARTOS
- 2 ELEVADORES
- PRÉDIO SOBRE PILOTIS
- QUARTOS COM PISO LAMINADO
- SALA COM PORCELANATO POLIDO
- VAGAS DEMARCADAS
- MEDIÇÃO DE ÁGUA INDIVIDUALIZADA
- APARTAMENTOS COM VARANDA
- LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA

2 
 QUARTOS


 Minha Casa
 Minha Vida

FINANCIAMENTO:
CAIXA



INFORMAÇÕES
3398-1100
98668-1434 
construtoradez.com.br

Edifício Atenna

Assim como os Empreendedores que acreditaram e continuam acreditando no potencial de Contagem, a ACIC, uma associação de 37 anos, quer fazer a sua parte, desenvolvendo projetos para potencializar o consumo, a fabricação e a contratação de serviços. Com esse pensamento a Associação Comercial e Industrial de Contagem toma a iniciativa de apresentar uma campanha de valorização do comércio, serviço e indústria do município, **“Contagem Faz, Contagem Vende”** que tem os seguintes objetivos:

- Buscar a retomada do crescimento dos setores do comércio, de serviços e da indústria;
- Promover o desenvolvimento do município;
- Contribuir para o aumento de novos postos de trabalho;
- Trazer mais recursos para o município;
- Gerar mais investimentos nas mais diversas áreas.
- Principal: Concientizar a população que o melhor para ela está próximo à sua casa, trazendo comodidade, redução de gastos e segurança, mais ainda, fazendo a economia girar.



Eles já vestiram a camisa

**Vista você também
Participe dessa campanha**



Estelita Turani
Empresária

Egmar Panta
Empresário

Andréia Oliveira
Apresentadora

Evandro Veiga
Empresário

Raimundo Pradino
Publicitário



Valorizar o Comércio, a Indústria e prestadores de serviços de Contagem é fazer a cidade crescer.

Acesse o site e saiba como participar
contagemfazcontagemvende.com.br

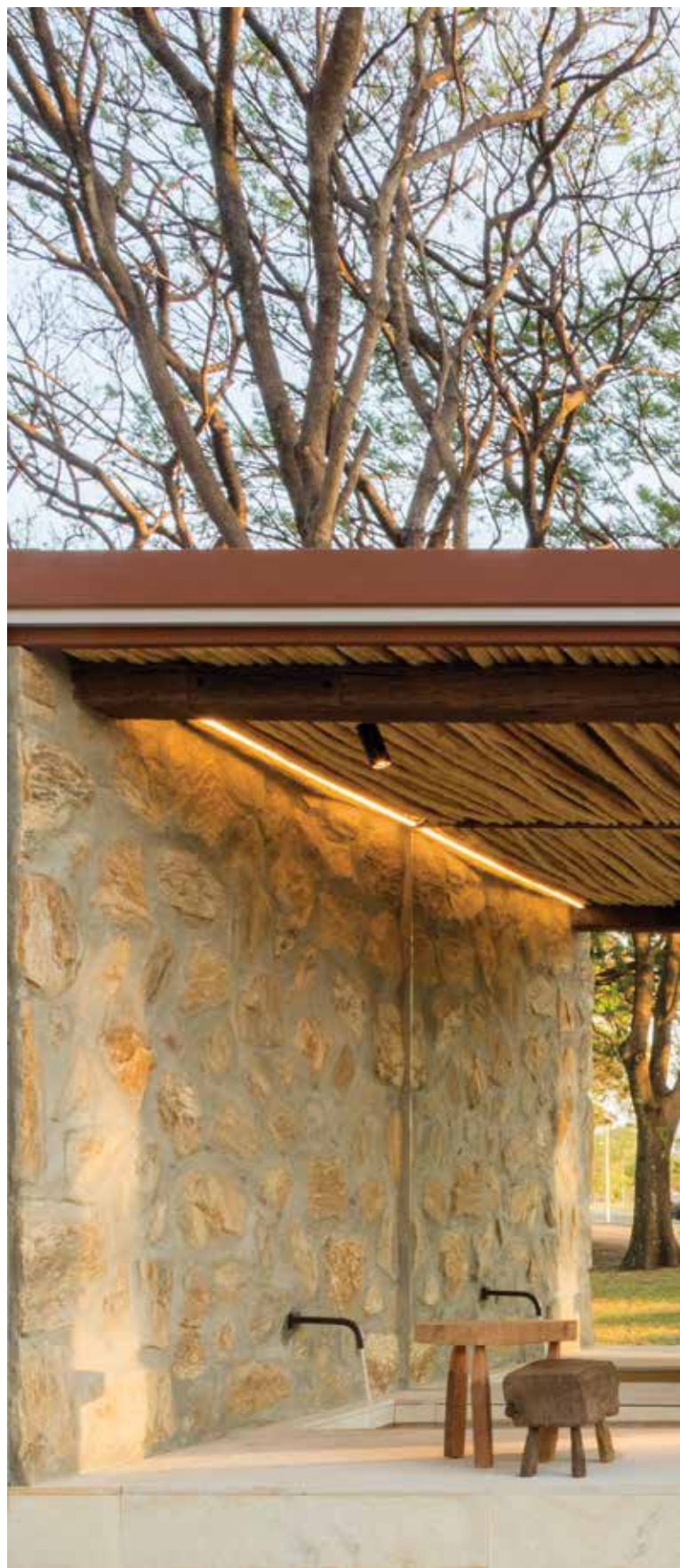
Iniciativa

acic
associação comercial e
industrial de contagem

CASACOR Minas anuncia a primeira edição do projeto “Janelas CASACOR”

Principal mostra de arquitetura das Américas prepara projeto inovador voltado para promover debates e reflexões a respeito do morar contemporâneo, sobre as mudanças que estão em curso e sobre o conceito do “novo morar” pós-pandemia. A iniciativa combina recursos tecnológicos e digitais para encurtar distâncias, potencializar a experiência dos participantes e, claro, garantir segurança e responsabilidade na realização e na convivência

Imagens ambientes do Janelas
CASACOR de Brasília





Ângela Castilho - Pausa
Fotografia Edgar Cesar

Com mais de 25 anos de atuação em Minas Gerais e extensa contribuição à arquitetura, design e áreas correlatas, a CASACOR Minas se consolidou como uma plataforma que movimenta diversos segmentos do estado em prol do conceito de morar na contemporaneidade. Retomar essa reflexão para ressignificar a relação das pessoas com suas casas, moradias e espaços de vivência e convivência é uma medida necessária no contexto mundial causado pela pandemia.

Partindo deste recorte, a mostra anuncia a realização inédita do “Janelas CASACOR”: um projeto inovador, aliado ao uso de tecnologias e meios digitais, para potencializar e aprofundar a experiência de visitação a ambientes em formato pocket que estarão espalhados pela cidade. O projeto será realizado entre os dias 30 de outubro e 30 de novembro e ocupará espaços expositivos do Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB-BH, Casa Fiat de Cultura, Sebrae-MG, Mineiraria, além de lojas nos centros comerciais da rede Multiplan (Diamond Mall, Pátio Savassi e BH Shopping), ressignificando o espaço físico da vitrine de loja e transformando-o em uma janela aberta para uma nova visão de mundo sobre o morar na contemporaneidade pós-pandemia. De acordo com os organizadores, as ações serão realizadas seguindo todos os protocolos de segurança estipulados pelos órgãos competentes. Entre os nomes confirmados nesta edição estão: BCMF Arquitetos (Bruno Campos, Marcelo Fontes e Silvio Todeschi), Isabela Vecci, Estúdio

Mineral (Atamar Lorrani e Filipe Castro), Cynthia Silva, Ø Arquitetos (Katarina Grillo e Filipe Pederneiras), Paula Guimarães, Carol Horta, Andrea Pinto Coelho, Francisco Morais e Andréa Medeiros, Bárbara Nobre, Regina Padilha, Rodrigo Aguiar e Isabela Torres, Ana Bahia, Gabriel Xavier e Pedro Souza, Gabriel Souza e Isabel Brant, Igor Zanon, Roger Lages, Carolina Campos e Maria Magalhães, Nídia Duarte, Marina Diniz, Ana Paula Paolilli, Mariana Spinola e Fernanda Villefort.

Parcerias

A parceria da CASACOR com a Multiplan não é uma novidade: em 2018, o Pátio Savassi abrigou um ambiente da mostra, o Home Office Sumisura, assinado por Ângela Roldão. Já o Diamond Mall, recebeu neste mesmo ano a exposição “Viva a Casa”, com imagens registradas pela fotógrafa Leca Novo. A Casa Fiat de Cultura abrigou em 2018 a terceira edição da Mostra 100% Minas. No mesmo ano, a instituição promoveu juntamente com a CASACOR Minas/Multicult um programa de residência artística, que selecionou ao todo 8 artistas. E desde o último ano, a CASACOR Minas/Multicult também vem estreitando laços com Centro Cultural Banco do Brasil, o CCBB-BH, o que possibilitou a realização da exposição “Caravana Modernista”, durante os meses de novembro e dezembro de 2019, apresentando um rico acervo sobre o tema.

Albuquerque e Peres - Refúgio Do Leito
Fotografia Edgar Cesar





Zardo Arquitetura - CARA DE CASA
Fotografia Edgar Cesar

Conceito

O Projeto Janelas CASACOR propõe, acima de tudo, uma abertura física e digital para expor as reflexões do nosso tempo e também para acessar o futuro, dividindo angústias universais relacionadas ao período conturbado e atípico que estamos vivendo, assim como para debater ideias de um novo por vir. Para isso, a mostra convidou profissionais das áreas de Arquitetura, Design, Paisagismo, além de artistas, chefs e outros agentes da cena cultural de Belo Horizonte para juntos articularem ambientes, instalações, experiências digitais em 3D e vídeos, compondo uma janela com vista para o interior das casas – cada vez mais importantes e fundamentais para o bem viver no novo mundo. Será um mergulho e aprofundamento em soluções criativas para nossas necessidades em relação à casa pós COVID-19, inovando, reinventando e nos adaptando ao novo mundo que já estamos vivendo.

Dentre os espaços já confirmados para o “Janelas CASACOR” estão uma apresentação pocket da Mostra 100% Minas; uma exposição fotográfica autoral, do fotógrafo Jomar Bragança, um dos mais reconhecidos do país, reunindo capturas de ambientes, edificações e projetos arquitetônicos que serão comercializados e terão o valor inteiramente revertido para apoiar projetos sociais; uma intervenção no Pátio Central do Centro Cultural

Banco do Brasil - CCBB-BH, assinada pela equipe da BCMF Arquitetos, além da ocupação da Mineiraria, capitaneada pela chef Agnes Farkasvolgyi, relacionando a gastronomia mineira à temática global da iniciativa. A Casa Fiat receberá a exposição Exposição Morar Contemporâneo - 3 AS DO MADE IN ITALY, organizada pelo Consulado Italiano e com expografia de Isabela Vecci. Além disso, ainda estão previstas uma série de intervenções nos espaços que receberão a programação.

Todo o projeto foi concebido, produzido e pensado da forma mais segura e responsável possível, tanto para o público frequentador quanto para os profissionais que participam de sua realização. Neste sentido, o uso de recursos digitais alinhados a uma experiência empírica e presencial reformulada possibilita modos inovadores de participar e frequentar as atividades propostas, encurtando distâncias e promovendo ações intensas e impactantes.

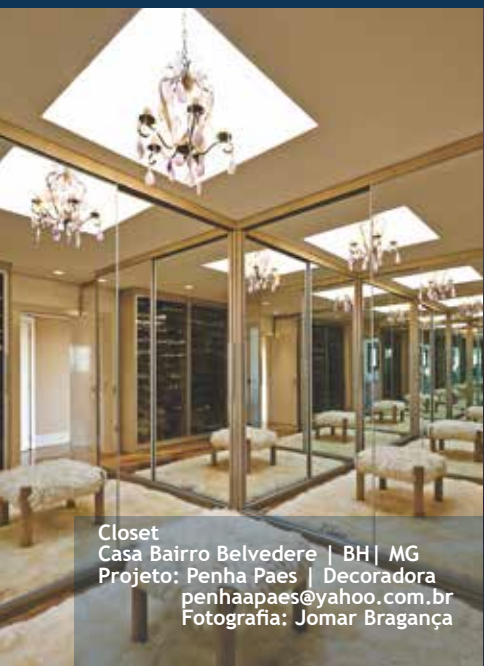
O resultado, que poderá ser conferido entre os dias 30 de outubro e 30 de novembro, inclui a abertura de um novo leque de experiências e oportunidades de negócios que continuarão em 2021 a reforçar a CASACOR como a mais importante mostra de arquitetura, design de interiores e paisagismo das Américas.



Painel com TV | Instalações ONE INVESTIMENTOS
Projeto: A4 PROJETOS LTDA. | Thaís Donato | Design de Interiores
a4@a4projetos.com.br | www.a4projetos.com.br | Fotografia: Daniel Mansur



O que mais queremos
é que todas
as portas se abram.



Closet
Casa Bairro Belvedere | BH | MG
Projeto: Penha Paes | Decoradora
penhaapaes@yahoo.com.br
Fotografia: Jomar Bragança



Cozinha Victor Dzenk
Mostra Construir Casa Design - Lagoa Santa | MG
Arquitetos
Everaldo Ammorim | everaldoamorin.arq@gmail.com
Homero Avvelar | homeroavelar@yahoo.com.br
Fotografia Osvaldo Castro



Painel de Espelho
Banho das Crianças
Mostra Morar Mais por Menos 2016
Projeto: Mônica Murari | Arquiteta
contato@monicamurari.com.br
www.monicamurari.com.br
Fotografia: Gustavo Xavier

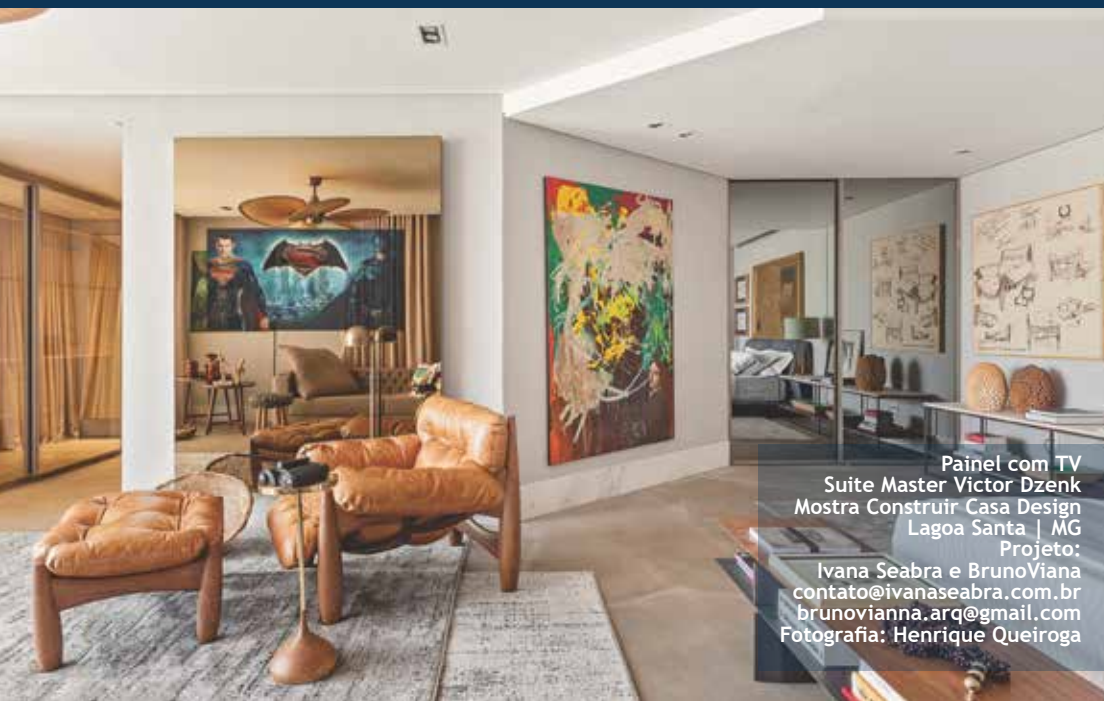


Banheiro Masculino
Mostra Construir Casa Design
Lagoa Santa | MG
Projeto: Beth Magalhães
e Cláudia Tamietti - Decoradoras
mgtamietti@oi.com.br
Fotografia Osvaldo Castro

Que voltemos a nos abraçar!



www.post-door.com.br



Painel com TV
Suite Master Victor Dzenk
Mostra Construir Casa Design
Lagoa Santa | MG
Projeto:
Ivana Seabra e Bruno Viana
contato@ivanaseabra.com.br
brunovianna.arq@gmail.com
Fotografia: Henrique Queiroga



Painel Giratório com TV
SALA DE JANTAR E CONVERSACÃO |
Morar Mais por Menos BH 2015
Marta Luisa Mendes
lumendes.designer@gmail.com
Vanessa Menezes -
vanessamenezes@vanessamenezes.com.br
Fotografia Osvaldo Castro

Como serão os espaços pós-pandemia

Por Mão Dupla Comunicação

Escolas, trabalho, casa, lojas. Quem nunca pensou como ficará esses locais depois da pandemia? Arquitetos e designers pensaram e mostram para gente o que eles imaginam para o futuro próximo

Todo grande trauma traz grandes mudanças. Basta lembramos, por exemplo, da peste negra que, coincidentemente, teve origem no continente Chinês e se alastrou pela Europa, a princípio, por meio de ratos e pelas precárias condições de higiene e habitação que davam aos roedores o cenário ideal para procriarem e causarem centenas de milhões de morte. Isso motivou o desenvolvimento do saneamento básico nas cidades e vilas medievais mudando a realidade desses locais e trazendo mais saúde e bem-estar as pessoas.

Num episódio mais recente da nossa história, tivemos a crise hídrica, que se tornou mais grave a partir de 2014, e que fez com que a maioria das pessoas deixassem de lavar as calçadas com água.

Esses são apenas dois casos e de vários outros que mostram que estruturas e hábitos mudam quando o que está em jogo são vidas. É muito pertinente pensar que com o a pandemia do Coronavírus que, em setembro de 2020 já matou mais de 133 mil pessoas só no Brasil, não será diferente. mas quais seriam essas mudanças?

Para responder essa angustia que assola todos aqueles que querem abrir seu negócio, construir sua casa ou desejam trazer mais segurança para seus alunos, nós convidamos arquitetos e designers a pensarem no futuro e trazer soluções no presente levando em conta todo o aprendizado dado pela pandemia do Covid-19.



Instituições de Ensino

Já vivemos divididos em relações reais e virtuais e o âmbito escolar terá que integrar, também, estes dois mundos. Segundo o arquiteto Henrique Hoffman, do escritório Painei Arquiteto Associados, estes novos espaços serão projetados com uma reconfiguração que possibilite essa comunicação bilateral ao mesmo tempo e de forma integrada. “As instituições precisarão adaptar o ensino para serem bem-sucedidas nessa produção de um processo de aprendizado atraente de forma on-line e, junto a essa mudança, acompanhar a questão espacial por uma arquitetura que, assim como os novos meios eletrônicos, não crie barreiras e limites e responda aos novos padrões de convívio social”, avalia Henrique.

A arquitetura precisa ser cada vez mais fluida, contínua, aberta, integrada e que conecte todas as partes possibilitando uma flexibilização do espaço e uma adaptabilidade às necessidades inerentes a cada momento onde os estudantes se apropriem do espaço de diferentes maneiras e conforme os novos padrões de distanciamento. “A sala de aula, da maneira como conhecemos, limita os estudantes a um espaço fechado e introspectivo que não responde de maneira única a essas novas exigências comportamentais e ambientais. A concepção de espaços fluidos e flexíveis serão fundamentais nessa incorporação de novos ambientes de ensino. Nós, arquitetos, precisamos conceber tais pontos: espaços que se adaptem a diferentes usos; espaços que integrem as diferentes modalidades de ensino; Espaços que flexibilizem o uso de um variado número de pessoas; espaços de estudo integrados aos espaços externos; espaços que possibilitem uma melhor relação com o lugar”, explica Henrique Hoffman.

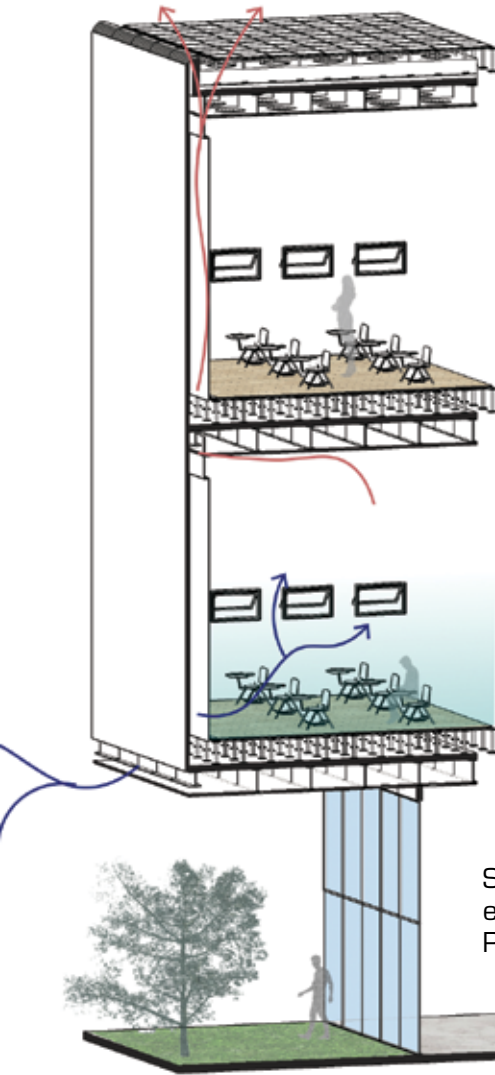


Nesses dois modelos de sala de aula a uma aumento da distância das carteiras, ventilação natural e adequação do espaço para o uso de aulas virtuais.

Projeto:
Painei Arquitetos Associados ►

Alguns pontos deverão ser levados em conta para a projeção destes novos espaços, tais como uma maior incidência solar nos horários e estações condizentes, maior índice de ventilação cruzada no local e uma troca passiva com o ambiente externo sem o uso constante do ar condicionado. **“A recomendação principal é priorizar ambientes onde haja uma ventilação natural e uma troca passiva entre os ambientes educacionais. A importância dessa ventilação cruzada e natural é a limpeza do ar confinado no ambiente e superfícies dos revestimentos dentro de uma sala de aula. É claro que para alcançar resultados eficientes, os elementos de aberturas (portas, janelas, venezianas ...) devem ser utilizados adequadamente”**, avalia Henrique Hoffman.

Já em relação à higienização, o arquiteto ressalta que os espaços de permanência transitória e prolongado dentro dos campi educacionais serão adequados à nova realidade em que vivemos. **“Precisamos compatibilizar a arquitetura com a nova infraestrutura de assepsia. Essa adequação deve ser feita em cada sala de aula com a instalação de um suporte de higienização bem posicionado e constantemente em reposição. Além disso, precisamos criar novos espaços para algo em maior escala, na entrada dos campi, na entrada de cada prédio e setor. A Painei estuda a criação de novos pórticos, em diferentes escalas e materiais que possibilitam a rápida e efetiva medida de desinfecção dos alunos e funcionários”**, explica Henrique Hoffman.



Sistema de entrada de ar nas instituições de ensino devem ser revisadas.

Projeto: Painei Arquitetos Associados

Residências

Segundo os arquitetos Alberto Dávila, Afonso Wallace e Cadu Rocha, do escritório Dávila Arquitetura, o futuro das novas moradias perpassa por três premissas principais: aproveitar melhor a natureza; valorizar a higiene e viabilizar o trabalho. Tudo pensando na saúde, bem-estar e sucesso profissional dos moradores.

O melhor aproveitamento da natureza se mescla à tendência irreversível da sustentabilidade e favorece o bem-estar e a saúde dos moradores. A incidência solar e a ventilação natural, especialmente, são exemplos dos proveitos que podemos obter, gratuitamente, com mínimo impacto no meio ambiente.

“Uma iniciativa importante é recriar os solários, espaços onde se possa tomar sol e ar, dentro de casa. E podem ser configurados na própria varanda. No entanto, é necessário favorecer a iluminação e ventilação naturais dos ambientes, dos dormitórios às áreas sociais e às áreas de serviço. O sol é um ‘desinfetante’ natural e poderoso, que pode atuar como coadjuvante na esterilização de roupas e objetos. A ventilação natural, se possível cruzada (janelas em lados opostos da planta do apartamento, para favorecer a circulação de ar) é imensamente mais benéfica do que a artificial ou condicionada, ainda mais que esta última corre o risco de acumular germes. Para a ventilação natural, janelas, venezianas e basculantes fazem seu papel”, indicam. ▶

É importante pensarmos, também, nos aspectos psicológicos dos moradores e uma boa pedida para relaxar é a inserção do verde nas residências. **“A cor verde, por si só, já traz tranquilidade, especialmente em tons mais suaves, mas podemos expandir bastante este conceito, trazendo, literalmente, vegetação, ou espaços-verdes para dentro das casas e, principalmente, apartamentos, onde não são tão comuns. Isto pode ser nas varandas e terraços, através de vasos ou paredes verdes, ou ainda através de jardineiras nas janelas”**, citam os arquitetos.

Sobre a valorização da higiene, essa se dá por meio de medidas que devem ser praticadas dentro e fora de casa. No âmbito doméstico, uma destas práticas é a disponibilização de um lavabo bem próximo à área de refeição. Ele é importante para lembrar e estimular as pessoas a lavar as mãos antes de comer, o que evita a contaminação dos alimentos. Já em relação à entrada do apartamento, seja a social ou de serviço, que são áreas de transição de toda residência, cuidados especiais podem ser tomados daqui para frente.

“Notamos, na pandemia, que espaços para uma “mini quarentena” de objetos trazidos da rua são muito bem-vindos. As compras de supermercado, por exemplo. Seria interessante uma despensa, um armário ou bancada específicos para a disposição destes objetos enquanto aguardam a desinfecção. É importante que este espaço resista a produtos químicos como álcool, água sanitária e desinfetantes, ou até mesmo gases como o ozônio (sobre o qual há notícias de que pode ser um eficiente desinfetante natural) ”, ressaltam os arquitetos da Dávila.

Deve-se salientar, também, dos tão necessários espaços para depositar os sapatos, que podem ficar dispostos em estantes e/ou sapateiras apropriadas à entrada da residência. Os arquitetos explicam que um lado bastante positivo desta prática de não se entrar com os sapatos em casa, é que os pisos internos da residência podem ser pensados para serem mais confortáveis e delicados, uma vez que dispensarão uma limpeza pesada, por não estarem sendo contaminados e sujos cotidianamente.

O espaço de varanda volta a ter destaque nas moradas contemporâneas com grande presença do verde.
Projeto: Dávila Arquitetura



Ao falarem de viabilização do trabalho, Alberto Dávila, Afonso Wallace e Cadu Rocha ressaltam que um dos desafios que a pandemia impôs, de forma muito contundente e acelerada à grande parte da população, foi a de trabalhar remotamente, ou seja, em casa. E ao que tudo indica, o home office veio para ficar. E, de acordo com os profissionais, uma das grandes dificuldades deste tipo de trabalho é justamente o fato de estarmos em casa. Além de oferecer distrações e tentações, também envolve afazeres domésticos que têm que ser conciliados com o trabalho da empresa.

“Com a integração de espaços, os ambientes de uso único foram sendo eliminados em favor de uma maior interatividade entre os usos. Isto não necessariamente favorece o trabalho quando temos que fazê-lo em casa. A solução talvez esteja em escritórios mais próximos à entrada da residência, quiçá com entrada independente – como acontecia em casas desde o período colonial brasileiro, até meados do século XX. Se há mais de um morador que precise trabalhar remotamente, deve existir uma combinação de soluções: quem precisa de algum contato externo ou uma estrutura mais bem montada, fica com o escritório oficial. Os demais teriam outros escritórios opcionais instalados em outros espaços da residência, comumente os dormitórios, o que demanda eles tenham que ser pensados para admitir um espaço de home office em seu layout”, apontam.

No projetado elaborado pelos profissionais, eles incorporaram ideias bastante interessantes, ainda não vistas em outros lugares, como o que eles chamam de Multihall, um vestíbulo privado da residência que integra tudo na casa, incluindo o escritório independente para home office, que é conversível à suíte.

“O Multihall dispõe de um lavabo completo, que é ao mesmo tempo o banheiro do escritório/suíte. Este é o espaço de desinfecção, troca de sapatos, roupas e quarentena de objetos. Pensamos num jogo de portas que deslizam e que revelam um aparador, o que faria o Multihall parecer um lavabo comum, mas que movimentadas, revelam os equipamentos para higiene, desinfecção e armários e estantes para guardar a tralha toda. E movimentadas, estas portas também revelam o setor social da casa.

Enfim, tentamos fugir do óbvio e do lugar comum”, pontuam.

O Multihall é um dos ambientes proposto pelo escritório Dávila Arquitetura pós-pandemia. Trata-se de um vestíbulo que faz uma transição entre o “fora” e o “dentro”, oferecendo estrutura para higiene e assepsia do corpo e objetos.



Lojas

As designers Cris Araújo e Linda Martins, do escritório Maraú Design Studio, acreditam que forma como as lojas se relacionam com o cliente e a forma como compramos certamente mudará após esse período de quarentena.

“Pensando em tudo isso, tomamos partido de um projeto já entregue por nós no passado, para exemplificar como serão os atendimentos em lojas físicas após o Covid-19. A loja, que anteriormente possuía apenas uma porta de entrada e saída, teve sua vitrine reduzida e recebeu uma nova porta, para facilitar o fluxo. O cliente entra por uma porta e sai por outra”, relatam.

As modificações no estabelecimento também foram feitas do lado de fora, onde a fachada recebeu um toldo para o caso de os clientes precisarem esperar e, assim, evitar aglomerações no interior do estabelecimento.

“Nessa nova versão, retiramos todo mobiliário e detalhes estofados e substituímos por materiais que possam ser esterilizados com álcool líquido. O uniforme dos atendentes também precisa estar de acordo com essa nova realidade: luvas, avental, máscara de tecido e de acrílico, são imprescindíveis para a proteção dos colaboradores”, pontuam Cris Araújo e Linda Martins.



Nesta loja, projetada pelo escritório Maraú Design Studio, a vitrine foi reduzida para receber uma nova porta e, desta maneira, facilitar o fluxo de clientes que poderá entrar por uma porta e sair por outro diminuindo o contato com outras pessoas

Na pós pandemia, o comércio precisará de novas dinâmicas para manter as portas abertas e continuar com sua clientela de forma segura e higiênica. Assim, a profissionais ressaltam uma nova dinâmica, como um passo a passo, que deverá ser seguido por todos.

“Ao entrar no ambiente, o cliente utiliza o espaço logo ao lado da porta para higiene e proteção pessoais. Coloca protetor de pés, passa álcool gel e retira uma máscara caso necessite. Se dirige ao atendimento, que pode ser dentro de uma das cabines em acrílico ou no balcão. No momento de fazer o pagamento, deve respeitar o espaço demarcado para afastamento e, ao sair da loja, descarta os artigos de proteção no lixo ao lado da porta”, explicam.

Após a permanência do cliente dentro do estabelecimento, é a vez dos funcionários fazerem o seu papel. Aplicam álcool líquido 70% com borrifador em todos os móveis que foram usados durante o atendimento.

Para as designers, o mais importante é ter ao lado um profissional que projete o estabelecimento dentro das normas sanitárias, trazendo para seus clientes um ambiente, além de atrativo, também seguro.

“Projetar com um profissional é muito importante, para que a loja esteja de acordo com todas as normas de segurança da OMS, sem perder a essência do projeto e da marca”, salientam Cris Araújo e Linda Martins.



Todo mobiliário e detalhes de estofados utilizados na loja devem ser substituídos por matérias mais resistentes que possam ser esterilizados com álcool líquido.
Projeto: Maráu Design Studio



Trabalho

O prefeito da capital paulista, Bruno Covas, publicou no diário oficial da cidade, no dia 15 de setembro de 2020, um decreto que institui o regime permanente de teletrabalho nos órgãos da administração direta, autarquias e fundações do Município de São Paulo. Com essa ação, em seis/sete anos, a prefeitura prevê uma economia de R\$ 1 bilhão.

Em Belo Horizonte, muitos escritórios já estão adotando um sistema de trabalho híbrido, que mescla trabalho em casa (três ou duas vezes na semana) e no escritório (uma ou duas vezes na semana). **“O fato é que home office é uma realidade que não vai mudar depois do fim da pandemia. E, diante disso, se antes esse espaço era criado apenas como uma base de apoio, agora ele se torna um ambiente fixo, assim como é a sala ou quartos, e precisa ser construído de maneira a garantir, entre outras coisas, a ergonomia e bem-estar de quem o usufrui”**, explica Maria Fernanda Oliveira, arquiteta do Estúdio 4 Soluções em Arquitetura.

Para isso, a profissional indica três itens fundamentais para se ter em um espaço de trabalho em casa. **“Para um bom funcionamento de um home office é importante se ter uma boa cadeira ergonômica, mesas na altura certa, compatíveis com a cadeira e ter tudo a mão: tomada de fácil acesso, impressora, área livre para livros e outros utensílios de uso diário para a atividade”**, salienta a arquiteta.



Home office se torna um ambiente padrão das residências pós-pandemia e, portanto, deve oferecer ergonomia e bem-estar aos usuários.
Projeto: Estúdio 4 Soluções em Arquitetura ▶



Nos escritórios tradicionais, a Painel Arquitetos Associados coloca como grande tendência o uso de lavatórios para evitar contaminações

Evidentemente, nem todos os trabalhos podem ser feitos em sistema home office e, para essas atividades, os escritórios precisarão se adaptar. **“A implantação de divisórias, que muitos edifícios já usam para separar mesas em escritórios, para atuarem como barreiras, seja de plástico, vidro ou as tradicionais de PVC, além de aumentar o distanciamento entre as mesas serão itens que devem permanecer. Isso porque esses são itens que impedem a contaminação de qualquer tipo de vírus, garantindo a saúde do trabalhador. A ventilação natural também é importante isso porque quanto maior a dissipação do ar, menores as chances de que vírus permaneçam no ambiente, lembrando que, o uso de ar-condicionado não ajuda neste controle, ele apenas circula o ar que pode já estar infectado”**, explica Henrique Hoffman, da Painel Arquitetos Associados.

Em relação aos intervalos, o ideal é dividir os grupos de funcionários para cada pausa, além de manter o distanciamento em refeitórios, assim como a entrada e saída do edifício. **“Com relação as salas de reunião, elas devem também haver maior distanciamento entre as cadeiras e a utilização da tecnologia necessária, como televisões e computadores, para que quem está em casa também possa participar”**, pontua Henrique.

Os setores da arquitetura, construção e design já trabalham em cima daquilo que muitos estão chamando de o “novo normal”. Sua casa e/ou negócio está preparado para essa nova realidade?



*Realizar sonhos é a
nossa maior satisfação*



Carla Miraci
Buffet

Buffet Completo, Organização de Festas,
Infantil, 15 anos, Casamento,
Empresarial, Formaturas

Solicite um orçamento: **31 99455.6051**

 /carlamiraci  @carlamiraci





URBANISMO ECOLÓGICO

Porque temos Urgência!

Internet



Para cuidar da administração e da manutenção das cidades, o setor público tem a responsabilidade de considerar novas maneiras alternativas de lidar com estas questões. Muitas cidades progressistas já dispõem de políticas de sustentabilidade efetivas para viabilizar o ambiente urbano de forma consequente, mais verde e mais amigável para a vida em sociedade.

Por: Edwiges Leal é Arquiteta e Urbanista,
Conselheira do Instituto dos Arquitetos – IAB/MG



Para cuidar da administração e da manutenção das cidades, o setor público tem a responsabilidade de considerar novas maneiras alternativas de lidar com estas questões. Muitas cidades progressistas já dispõem de políticas de sustentabilidade efetivas para viabilizar o ambiente urbano de forma consequente, mais verde e mais amigável para a vida em sociedade.

Esse ambiente está em constante estado de reorganização. Necessita respostas dinâmicas, preferencialmente reversíveis, muitas vezes transitórias para uma outra etapa conforme a evolução.

A diluição das fronteiras urbanas e rurais, principalmente em áreas metropolitanas, implica em uma maior conexão e complementariedade entre as várias áreas do território. As intervenções, muitas vezes semelhantes ao que o Arquiteto e Urbanista Jaime Lerner denominou acupuncturas urbanas, tem impacto significativo que ultrapassam limites físicos visíveis.

Os danos ambientais e particularmente ao patrimônio hídrico tendem a ser fatais e irreversíveis. Pensar ao mesmo tempo no atendimento das demandas, com a sensibilidade para conectar a pequena e grande escala, de forma inteligente e coesa, exige mudar o pensamento e modelos de planejamento regional até então praticados.

O modelo de cidade construída e tradicional tem se mostrado insuficiente, e uma nova ecologia urbana precisa ser pensada, extrapolando os limites físicos e setoriais, visíveis e invisíveis. O Planejamento físico, comumente urgente e imediatista, não sobrevive sem obrigatoriamente considerar o planejamento ambiental, a paisagem, a ecologia e a biodiversidade. As decisões legais, econômicas e políticas da administração e suas tensões na comunidade passam a ter que responder, necessariamente ao comando de uma ecologia regional, mais ampla, global e não podem se impor isoladamente.

Para entender melhor o novo horizonte que se impõe, e que poderá traçar o possível sucesso de nossa permanência com menos sofrimento nas cidades, fiz o recorte de algumas das 51 propostas de ações contidas na **“Carta-Aberta à Sociedade e aos (às) Candidatos (as) nas Eleições Municipais de 2020 – Um projeto de cidades pós-pandemia”**, elaborada por várias entidades de Arquitetura e Urbanismo.

Internet



Internet



ARQUITETURA E SAÚDE

Universalizar o saneamento básico e integrá-lo a outros planos como as políticas públicas de saúde, os planos de habitação, arborização, recursos hídricos e resíduos sólidos.

Reconhecer a importância das empresas reguladoras e prestadoras desses serviços e dotá-las de capacidade administrativa, técnica e financeira.

CIDADES SUSTENTÁVEIS

Elaborar e/ou revisar o plano ambiental e de paisagem do município, respeitando as especificidades de cada ecossistema, a capacidade de suporte do território, as características da ocupação e uso do solo, visando a mitigação dos riscos ambientais e adaptação às mudanças climáticas.

Investir na criação de parques e reflorestamento de áreas de preservação permanentes – APP urbanas e incentivar a produção urbana e familiar de alimentos, melhorando a qualidade do ar, reduzindo ilhas de calor e evitando longos deslocamentos no fornecimento de alimentos.

Otimizar a infraestrutura urbana instalada, investindo inclusive em projetos da chamada infraestrutura verde, da aplicação dos instrumentos urbanísticos de Parcelamento, Edificação e Utilização Compulsórios em vazios urbanos, visando o adensamento e evitando o espraiamento do Perímetro Urbano.

PAISAGEM E PATRIMÔNIO

Adotar políticas ambientais, paisagísticas e culturais que valorizem as dimensões material e imaterial do patrimônio, de forma indissociável, como bens coletivos e ativos econômicos, sociais e políticos.

Planejar as diversas escalas da paisagem, visando o desenvolvimento local, promovendo atividades econômicas e sociais, construindo convergências com o planejamento municipal, planos metropolitanos e planos estaduais.

Enfatizar a dimensão ambiental e paisagística no planejamento urbano e territorial a partir da preservação, valorização e recuperação dos ecossistemas e suas especificidades.

Promover a conservação e preservação ambiental e da paisagem em sintonia com o desenvolvimento local, a segurança alimentar e a agroecologia.

Leia documento na íntegra no link:

<http://iabmg.org.br/site/eleicoes-municipais-entidades-de-arquitetura-e-urbanismo-lancam-carta-aos-candidatos/>



Horta Carioca de Manguinhos, a maior horta urbana institucional da América Latina.

Aprenda música de onde estiver

Sinta-se na escola com aulas ao vivo



AULAS ON-LINE
31 99356.0906



esmu

kids



ELAS constroem a vida e também casas!

Como algumas
mulheres do projeto
Arquitetura na Periferia estão
atuando na construção civil.

**Juliana Freire,
Livia Gonçalves e Mariana Borel
para Arquitetura na Periferia**

A construção civil conformou-se historicamente como um campo majoritariamente masculino, onde as mulheres foram consideradas inaptas para os serviços e para as relações estabelecidas dentro do canteiro de obras. Entretanto, nos últimos anos, essa realidade vem mudando. Segundo pesquisa do IBGE, entre 2007 e 2018, a presença feminina na construção civil aumentou 120%, sendo as atuações como azulejista, pintora e eletricitista, as mais comuns. Na proposta do projeto Arquitetura na Periferia não há espaço para o bordão ultrapassado que diz “isso não é coisa de mulher”. Nosso trabalho é fundamentado no compartilhamento de conhecimentos, habilidades de planejamento e técnicas básicas da construção civil com o objetivo de trazer segurança e autonomia para as mulheres, tanto nas tomadas de decisão sobre suas casas, quanto na execução de obras. Essas capacitações, além de refletirem na construção das próprias casas, têm despertado o interesse de algumas mulheres em trabalhar na construção civil.



Conversamos com a mestra de obras responsável pelas oficinas mão-na-massa do projeto, Cenir Silva, e a ex-participante do processo de assessoria, Cristiane Veríssimo. Ambas ingressaram no ramo da construção civil executando suas casas e hoje seguem esse caminho como profissão, mostrando que **LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER.**



A Cenir é mestra de obras, trabalha de forma autônoma com sua equipe e é quem ensina as mulheres do projeto as técnicas básicas de construção desde 2013. Atua há mais de 20 anos no canteiro e tem muito a dizer sobre a vivência feminina nesse espaço.

AnP: Cenir, como você entrou para construção civil?

CS: Eu moro num conjunto que foi construído pela Urbel, a gente tinha assessoria técnica e também trabalhava nos mutirões nos finais de semana. E eu sempre tive muita vontade de aprender a trabalhar em obra. Tenho 2 irmãos que são pedreiros e já cansei de pedir pra me ensinar e eles falavam que não era coisa de mulher. Então, eu comecei nos mutirões nos finais de semana ajudando a construir minha casa e depois eu comecei a trabalhar durante a semana sendo remunerada. Fiz um curso de alvenaria estrutural e aí eu segui, continuei trabalhando, fazendo cursos...

AnP: Quanto tempo da construção da sua casa até você entrar para construção civil como profissão principal?

CS: Até que não demorou muito. Trabalhei 3 meses de servente, o pedreiro que eu trabalhava com ele me ensinou a mexer com reboco e fiz cursos também de aperfeiçoamento. Daí fui pra outra e de lá o engenheiro me levou pra outra obra. Foi de uma para outra por indicação e tô trabalhando até hoje. Já tem 21 anos.

AnP: Você tem 4 filhos. Como foi trabalhar, ser mãe e sustentar seus filhos com a construção civil?

CS: É muito desgastante! No início foi pior que meus meninos ainda estavam pequenos então demandava muito de mim. Nossa, eu ficava exausta, exaurida. Com passar dos anos ficou mais tranquilo, os meninos cresceram passaram a fazer as coisas dentro de casa e eu chegava tava tudo pronto. Mas, foi isso que me ajudou, me deu suporte mesmo pra conseguir manter meus filhos.

AnP: Há muito machismo na construção, é um ambiente dominado por homens. Tem dificuldades pras mulheres entrarem nesse ramo?

CS: No início pra mim foi bastante difícil sim, teve muito assédio, só que a gente tem que saber lidar com isso e tentar tirar de letra. Porque se for falar “nossa senhora, os caras tão mexendo não vou mais pra aquela obra”, isso não existe. A gente tem que enfrentar, erguer a cabeça e seguir em frente.

AnP: Teve alguma coisa de “ah, ela não vai saber fazer”?

CS: Teve. Já teve até aposta de engenheiros em uma obra que eles acharam que eu não iria conseguir fazer no prazo que tinha estipulado. Aí eles apostaram que eu não ia conseguir, um homem e uma mulher. A mulher apostou que eu conseguiria, o homem falou que não. Ah, eu trabalhei que nem uma louca, deixei pronto no prazo certinho.

AnP: Há reclamações de que é muito pesado, difícil e desgastante pro corpo. As mulheres em geral têm mais dificuldade?

CS: É verdade. Só que de certa forma, de acordo com que elas vão trabalhando vão se adaptando a maneira mais fácil de trabalhar que seja menos desgastante pra elas. Não tem necessidade de pegar tanto peso sozinha, igual um saco de cimento. Os homens devem pensar “eu aguento, eu sou homem, eu sou macho, eu dou conta de fazer” e não é assim que funciona. Eu acho que tem que trabalhar em grupo que é o melhor. Quando se trabalha em grupo você produz muito mais.

AnP: Como foi pra você começar no projeto Arquitetura na Periferia?

CS: Eu entrei pelo convite da Carina através da Leta. Pra mim foi muito bom, é muito gratificante ta la com as meninas, que são maravilhosas. Cada dia eu aprendo uma coisa nova, da vida delas e da luta né. Eu gosto demais, pra mim é um dos melhores dias que eu tenho, quando tem oficina ou mutirão, eu fico alegre demais.

AnP: Explica melhor o que você faz no projeto, o que você lembra que já fez.

CS: Eu sou instrutora nas aulas práticas, e algumas vezes quando vocês precisam de ajuda para cálculos de material essas coisas que ficam meio em dúvida. Já ensinei nas oficinas alvenaria, cerâmica, reboco...

AnP: O que você mais gosta do trabalho na AnP? Qual você acha que é importância do projeto pras mulheres?

CS: A companhia das meninas e aquela coisa de trabalhar em grupo que sempre funciona super bem. É uma ajudando a outra e isso faz uma diferença muito grande. Eu gosto de tá lá com elas, ajudando a mexer na casa delas, e a aprenderem. E quando elas fazem alguma coisa sozinha e mandam fotos, pra mim é o melhor. Fico muito feliz. [A importância] é que elas tomem segurança do que elas são capazes de fazer, sabem, aprendem... pra não ficar dependendo de ninguém, nem de homens nem de nada, só depender delas mesmas. E serem capazes de fazer o que elas querem na casa, do jeito que elas querem.

Acervo-AnP



Foto: Lucas Monteiro



AnP: O que você falaria pras mulheres que tem vontade de trabalhar na construção ou saber fazer as coisas na casa dela?

CS: Sigam em frente. Que se tem vontade de fazer, vai conseguir. É só correr atrás e ter força de vontade, que elas conseguem. E esse negócio de aprender e ficar só pra si é egoísmo, não é tão difícil assim ensinar e sem aquele medo "ah vai tomar o meu lugar", cada um tem seu lugar e o espaço tá pra todos.

A Cristiane é moradora da ocupação urbana Eliana Silva, no Barreiro, participou do AnP e é aprendiz da Cenir. Hoje, com o que aprendeu no projeto e a dedicação em aprimorar-se tecnicamente, conseguiu entrar para o mercado da construção civil e está trabalhando como pedreira.

AnP: Cris, o que você lembra primeiro quando pensa na Arquitetura na Periferia? E qual a relevância do Arquitetura pras mulheres?

CV: Carinho, aconchego mulheres fortes, sábias... Eu acho importante a arquitetura para mulher que tem vontade de aprender. Eu acho que é importante, todas as mulheres tinham que fazer. Não para trabalhar fora, mas, para arrumar suas coisas em casa, se quebrou alguma coisa, ela tem condições de ela mesma fazer, sem esperar por ninguém. Então eu acho que todos deviam aprender sim, é muito importante você saber pegar uma pá, um alicate. ▶

AnP: Como entrou para trabalhar construção civil?

CV: Eu entrei para a construção civil depois que eu fiz o curso na Arquitetura na Periferia e conheci essas mulheres maravilhosas. A oportunidade surgiu quando eu conheci a Carina, aí na primeira vez eu não pude participar, aí quando surgiu de novo eu consegui participar.

AnP: Você imaginava trabalhar na construção civil? Como foi para você, ingressar nesse ramo e estar atuando como pedreira?

CV: Sempre tive vontade mas não tinha oportunidade e hoje estou aqui. Incentivo das meninas do projeto, que me deram muita força e segui essa carreira. Tá massa pra mim enfrentar a sociedade e mostrar pro mundo e pra muitos que eu posso, você pode e juntas somos mais fortes.

AnP: Você mora com dois filhos. Como está sendo nesse contexto trabalhar e ser mãe? Está conseguindo sustentar sua família com a construção civil?

CV: Para mim, trabalhar e ser mãe é gratificante. Porque eu junto o útil ao agradável. Se eu não trabalhar, meu filho não come, porque é só Deus e eu que sustentam minha casa. Eu sou a estrutura do meu lar. Estou conseguindo sustentar meus filhos com a construção civil sim, graças a Deus.

AnP: Sobre machismo no canteiro de obras, tem sentido ou visto alguma coisa acontecer?

CV: Em questão do machismo no canteiro de obras, eu consigo levar de boa, só que às vezes não rola tanto o machismo. Eu fiquei foi surpresa com a inveja que rola sabe, porque a gente faz bem feito, a gente é cuidadosa com o que a gente faz, então os homens ficam furiosos.

AnP: Você tem colegas de trabalho mulheres? Qual a diferença entre os homens e as mulheres na obra?

CV: Sim, tenho colegas de trabalho mulheres. Lógico que tem diferença entre o homem e mulher na obra, a mulher é cuidadosa, detalhista, prestativa. A mulher quer fazer, quer acabar, o homem não. O homem acha que tudo é na hora que ele quer, e a mulher não, ela já pega e executa, faz ali pronto.

AnP: Como foi pra você participar do Arquitetura na Periferia?

CV: Para mim foi “top”, diferente e gratificante. Eu pensei que ia fazer um curso simples, aprender o básico e hoje eu tô executando de tudo, graças a Deus. Então foi “top”, foi muito bom, muito bom mesmo, foi uma porta que abriu, e eu nunca vou esquecer de agradecer essas mulheres maravilhosas. Todos os dias eu agradeço, todos os dias,



agradeço a Deus e a elas. A minha história no projeto foi muito boa, tá sendo até hoje. Até hoje eu gosto, eu amo as oficinas, de conhecer pessoas novas.

AnP: O que vocêalaria pras mulheres que tem vontade de trabalhar na construção ou saber fazer reparos na própria casa?

CV: As mulheres que têm vontade de trabalho construção civil, eu só falo que se você tem vontade, se você gosta da profissão, segue em frente, enfrenta o mundo, enfrenta a sociedade, ergue a cabeça e esquece isso de profissão só para homem que agora é profissão para todos e para todas, não tem essa divisão mais. Hoje as empresas estão dando mais oportunidade para a gente mostrar o nosso trabalho.

AnP: Você já atuou como instrutora em mutirão do projeto. Como é pra você poder passar o que você aprendeu para outras pessoas?

CV: A minha experiência como instrutora foi ótima, foi maravilhosa. É gratificante para mim passar para outras mulheres de luta como eu. Experiência que todo mundo tem que ter, porque não existe profissão para homem profissão para mulher, existe profissão para todos, independente do que seja. Então passar o que aprendi para mim tá sendo ótimo, tá sendo maravilhoso e vou continuar passando essa experiência. O que eu estou aprendendo, eu tô adquirindo é muito gratificante para mim. Com o tempo eu posso passar até para o meu filho, você não pode parar de transmitir.

A visão institucional do Arquitetura na Periferia é “unir e impulsionar mulheres multiplicadoras da equidade social e de gênero”. Constatar que os conhecimentos compartilhados no processo de assessoria técnica estão contribuindo para o fortalecimento das mulheres e se desdobrando na prática profissional é muito gratificante! Histórias como a da Cenir e da Cris mostram que o aprendizado é transformador e que as limitações impostas historicamente às mulheres precisam ser rompidas. Apesar do aumento da presença feminina nos canteiros, as mulheres ainda recebem em média salários 23% menores que os dos homens, fazendo com que o caminho de luta por equidade ainda seja longo! Por acreditarmos nos potenciais de cada uma de nós, seguiremos firmes, executando um trabalho próximo, empático, e que reforça o protagonismo das mulheres na sociedade.

Caso você tenha interesse em apoiar o Arquitetura na Periferia e colaborar em mais histórias como essas, venha fazer parte da nossa rede! Acesse o nosso site ou faça a leitura do QR-code. :) www.catarse.me/arquiteturanaperiferia/



Nos siga também nas redes sociais:
facebook.com/arquiteturanaperiferia
[@arquiteturanaperiferia](https://twitter.com/arquiteturanaperiferia)



A notícia boa desse último mês é que fomos selecionadas como finalistas pelo 7º Prêmio de Arquitetura do Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel. A indicação é pela instalação montada durante a XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo que ocorreu em 2019. Nela, tentamos transmitir aos visitantes uma experiência próxima do nosso contexto de trabalho apresentando os desenhos, projetos, relatos e áudios das participantes, interfaces que utilizamos, ferramentas e outros elementos. A montagem foi financiada pela empresa CRH Brasil que é nossa parceira com o Cimento Campeão

SEGURO

O melhor seguro
com os menores
preços!

- Seguro de Vida Individual e Coletivo
- Seguro de Vida Empresarial
- Seguro de Automóveis e Frotas
- Seguro Patrimonial
- Seguro D&O - responsabilidade civil de gestão da empresa
- Previdência Privada
- Seguro de Responsabilidade Civil e Profissional
- Seguro Escolar
- Seguro PET
- Seguro Viagem



3359.6400
3359.6415

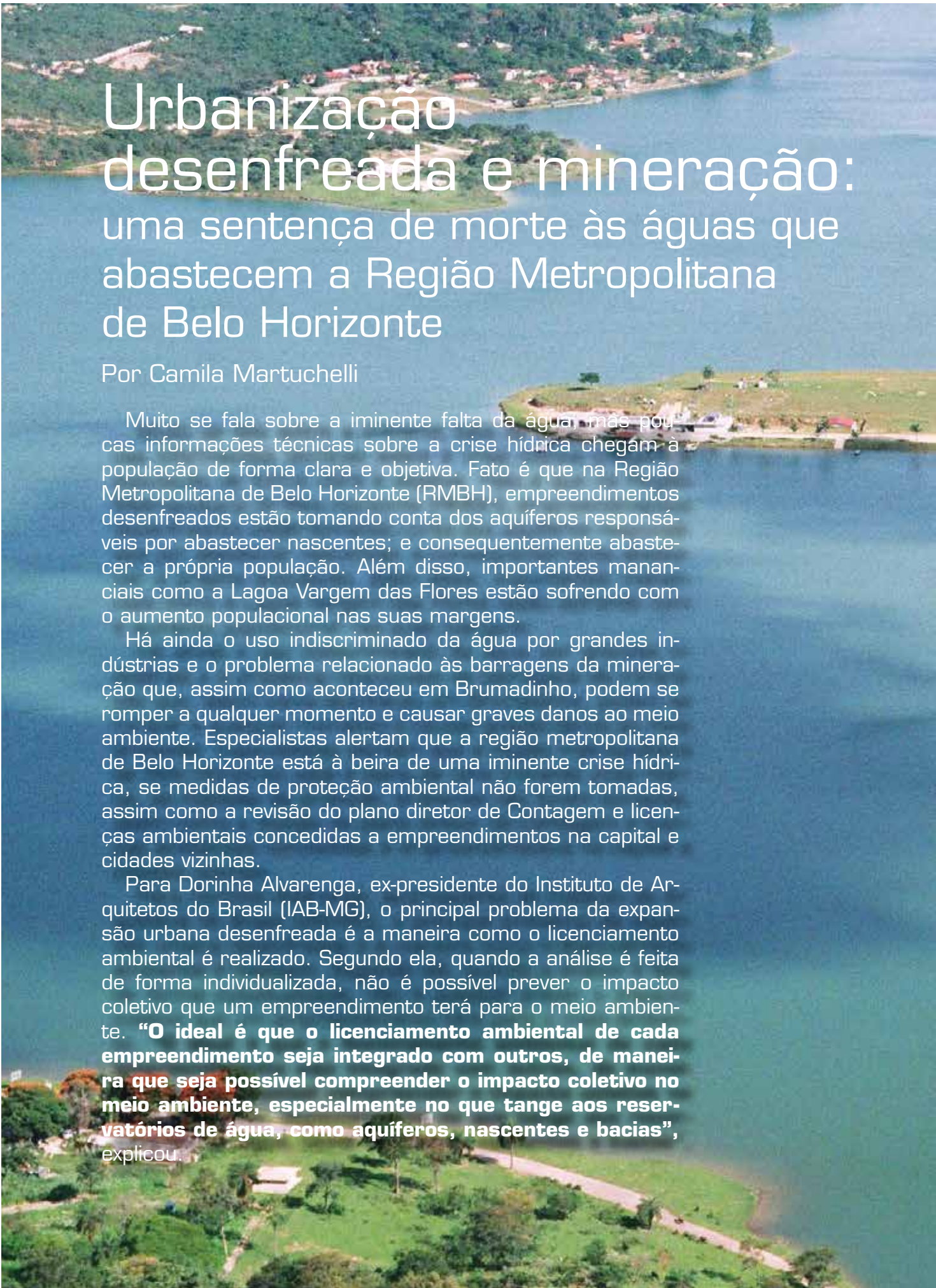


atendimento@cdlcontagem.com.br



PARCERIA





Urbanização desenfreada e mineração: uma sentença de morte às águas que abastecem a Região Metropolitana de Belo Horizonte

Por Camila Martuchelli

Muito se fala sobre a iminente falta de água, mas poucas informações técnicas sobre a crise hídrica chegam à população de forma clara e objetiva. Fato é que na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), empreendimentos desenfreados estão tomando conta dos aquíferos responsáveis por abastecer nascentes; e conseqüentemente abastecer a própria população. Além disso, importantes mananciais como a Lagoa Vargem das Flores estão sofrendo com o aumento populacional nas suas margens.

Há ainda o uso indiscriminado da água por grandes indústrias e o problema relacionado às barragens da mineração que, assim como aconteceu em Brumadinho, podem se romper a qualquer momento e causar graves danos ao meio ambiente. Especialistas alertam que a região metropolitana de Belo Horizonte está à beira de uma iminente crise hídrica, se medidas de proteção ambiental não forem tomadas, assim como a revisão do plano diretor de Contagem e licenças ambientais concedidas a empreendimentos na capital e cidades vizinhas.

Para Dorinha Alvarenga, ex-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-MG), o principal problema da expansão urbana desenfreada é a maneira como o licenciamento ambiental é realizado. Segundo ela, quando a análise é feita de forma individualizada, não é possível prever o impacto coletivo que um empreendimento terá para o meio ambiente. **“O ideal é que o licenciamento ambiental de cada empreendimento seja integrado com outros, de maneira que seja possível compreender o impacto coletivo no meio ambiente, especialmente no que tange aos reservatórios de água, como aquíferos, nascentes e bacias”,** explicou.





Vargem das Flores pode ser completamente assoreada em 20 anos

A condenação a médio prazo da Vargem das Flores, segundo ambientalistas, foi 'sentenciada' com a sanção da Lei Complementar 019/19, a chamada Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo (LPOUS), pelo prefeito Alex de Freitas. A sanção da LPOUS, que aconteceu no início deste ano, deu continuidade à expansão urbana às margens da Vargem das Flores, local onde os terrenos já estão sendo divididos e comercializados em lotes de apenas 1 mil metros (até mesmo de forma clandestina), de acordo com Cristina Maria de Oliveira, membro do Conselho Municipal de Política Urbana (Compur) e do movimento SOS Vargem das Flores.

Mesmo com a Ação Civil Pública (ACP) proposta pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) que solicita a anulação do Plano Diretor de Contagem, o LPOUS tramitou rapidamente na Câmara Municipal de Contagem no ano passado e foi aprovado no início desse ano, com a mesma agilidade.

Ainda segundo Oliveira, um grande empreendimento no bairro Icaivera também está tirando o sono dos ativistas que lutam pela proteção da Vargem das Flores. Trata-se da construção de um condomínio, segundo ela, para 900 famílias. **“Imagina o impacto que a vinda de tanta gente vai causar tanto para o bairro que não tem infraestrutura adequada quanto, e principalmente, para a Vargem das Flores que sofrerá ainda mais com o crescimento populacional ao seu redor”**, frisou.

Na iminência de sua aprovação, o Compur tem agido contrário ao licenciamento de tamanha obra e vem literalmente brigando para que tal empreendimento não seja feito na região.



Cristina Maria de Oliveira, membro do Conselho Municipal de Política Urbana (Compur), conselheira do Conselho Municipal do Meio Ambiente e do Movimento SOS Vargem das Flores.

História de luta

Em outubro de 2019, foram realizadas duas audiências públicas na Câmara Municipal de Contagem com o objetivo de debater LPOUS. As audiências foram marcadas por muita discussão e exaltação do plenário que marcou presença em peso, especialmente os membros de associações e movimentos ambientalistas, como o SOS Vargem das Flores, a Associação de Proteção e Defesa das Águas da Vargem das Flores, e a Apua – Associação dos Protetores, Usuários e Amigos da Represa Vargem das Flores.

O ex-secretário municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Ivayr Soalheiro, apresentou as principais alterações que a proposta da Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo trazem em relação à LPOUS vigente, que é do ano de 2010. Contudo, a proposta não altera o Plano Diretor da cidade, em especial a regulamentação referente à Bacia de Vargem das Flores, que ocupa 54% do território de Contagem. Não era isso que esperavam os ambientalistas e a própria população.

Destaca-se que o Plano Diretor, aprovado em 2017 pela Câmara, extingue a zona rural de Contagem e a transforma em ZEUS – Zona de Expansão Urbana 3. O documento ainda permite a cotização dos lotes de 10 mil metros em cinco partes no entorno da Lagoa Vargem das Flores, uma área classificada como ZEITE (Zona de Especial Interesse Turístico).

De acordo com Oliveira, o novo texto vai permitir a urbanização da região de Vargem das Flores que, em 50 anos, pode chegar a abrigar mais de 900 mil moradores, o que levará ao assoreamento total do reservatório em pouco tempo. E Oliveira não está errada em sua colocação, pois, segundo o **“Relatório Técnico: avaliação da vida útil do reservatório de Vargem das Flores”**, realizado pela Fundação Coppetec e encomendado pela Copasa em 2018, se a ocupação da bacia da Vargem das Flores continuar seguindo a atual tendência, em pouco mais de 30 anos o reservatório irá perder todo seu espelho d’água.

Até mesmo a Arquidiocese de Belo Horizonte está preocupada com a Bacia de Vargem das Flores, tanto que, no final do ano passado, o Bispo Dom Vicente fez uma visita ao local, ao lado de 30 populares, entre moradores da região e ativistas ambientais. Na ocasião, o clérigo pode visitar as áreas de nascente, os locais onde serão construídos prédios para 200 apartamentos (Residencial Icaivera I) e o espelho d’água da represa. Ele falou sobre o papel da Igreja Católica em defender a população que irá sofrer diretamente as consequências de uma crise hídrica e destacou a tristeza que é assistir a lagoa secar em virtude da ação humana.

“A Vargem das Flores é um pedacinho de reserva sagrada que nós temos. Se o Evangelho é vida, a água é vida e temos que protegê-la. Uma hora a conta chega para todos e não importa se a pessoa mora em um prédio bonito, se não tiver água na torneira, ela vai viver como?”, questionou o clérigo. Vale lembrar que a Arquidiocese também esteve presente nas audiências públicas, por meio de seu representante, Wagner José Oliveira, se posicionando contrária ao PLC 019/19 justamente porque o documento não resolve o problema ambiental da Vargem das Flores.

Foto Rodrigo Braga

Foto Helder Nardo



Bispo Vicente de Paula Ferreira em uma visita ao local

Fato é que, de acordo com a Fundação Coppec, se a bacia Vargem das Flores passar por modificações profundas no uso do solo, sua situação se tornará crítica em pouco tempo e a gravidade da situação do reservatório já é bem conhecida. Isso porque, em 2009, um estudo realizado por Tales Heliodoro Viana em sua tese de doutorado intitulada **“Estudo do conteúdo de calor e suas influências sobre variáveis limnológicas em reservatórios de abastecimento de água”**, defendida no Programa de Pós-graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Universidade Federal de Minas Gerais, já alertava sobre a ameaça das ações antrópicas (alterações realizadas pelo homem no planeta Terra) devido à urbanização descontrolada e de grande porte na região.

Segundo esse estudo, não havia sido prevista uma área de proteção no entorno da lagoa, o que viria a contribuir para a entrada de sedimentos, expondo-a à ação de fatores negativos à conservação da qualidade da água. Contudo, mais preocupante do que a situação continuar como está atualmente, é se o Plano Municipal de Contagem não for alterado, o que irá causar uma grande urbanização da bacia Vargem das Flores e aí sim, em 23 anos o reservatório estará completamente assoreado.

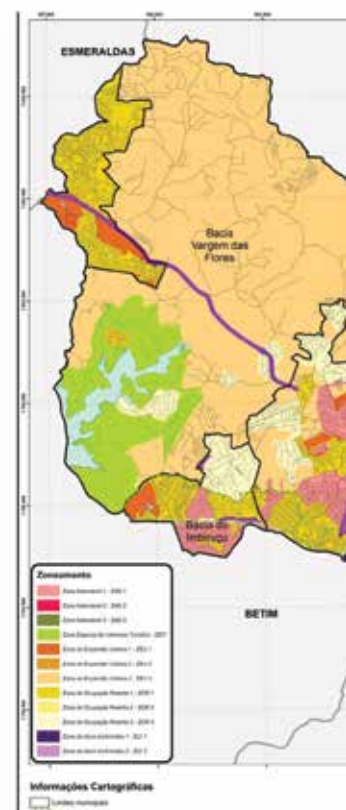
“Diante disso, é necessário avaliar as alterações previstas no Plano Diretor de Contagem, com vistas a reduzir os impactos que o processo de expansão urbana de grande porte pode trazer ao reservatório, especialmente no que tange ao incremento nos processos erosivos e ao assoreamento do reservatório. De fato, a própria proposta de urbanização espalhada na bacia deve ser revista, favorecendo uma lógica de maior adensamento e compactação da cidade”, consta nas considerações finais do relatório.

Ou seja, a solução para que a água do mais importante reservatório da RMBH seja preservada depende da reformulação do Plano Diretor de Contagem, o qual precisaria ter a urbanização da região da lagoa revista. Dessa maneira, ainda segundo o relatório, é preciso que haja um macrozoneamento da RMBH, contemplando uma urbanização mais controlada e a preservação de áreas florestais. Assim, a vida útil do espelho d’água da Vargem das Flores se estenderia por mais de 70 anos.

PLANO DIRETOR E O que muda proposta pelo M

Projeto apresentado pela Prefeitura de Contagem

- Na Bacia de Vargem das Flores as áreas rurais se transformaram em ZEUI III (Zona de Expansão Urbana III)
- Lotes que eram de 20.000^m2 passaram a ser de 2000^m2
- Permite a construção multifamiliar (prédios)
- Apenas em volta do lago mantiveram áreas mínimas de 10.000^m2 na ZEIT (Zona de Especial Interesse Turístico);
- Bem ao norte do município, no limite com Esmeraldas e Ribeirão das Neves, estão as áreas de recarga com lotes de apenas 2000^m2 já com áreas para empreendimentos industriais e imobiliários autorizadas pela Lei Municipal 267/2018



O mapa 1 representa a proposta da Prefeitura, que libera lotes com do O mapa 2 representa a proposta do Movimento SOS Vargem das Flores de 13 de agosto de 2019, que propõe a ampliação das áreas rurais (ár

Aprovação da LPOPUS e derrota do meio ambiente

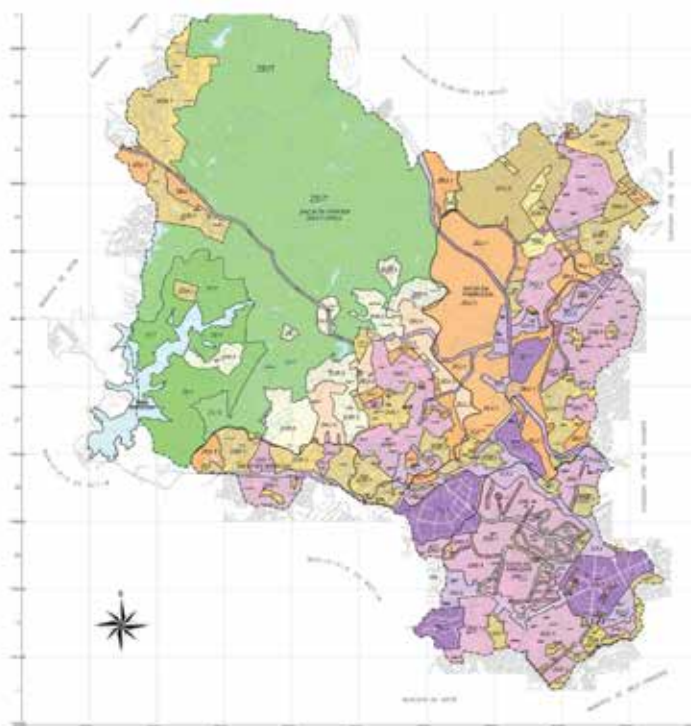
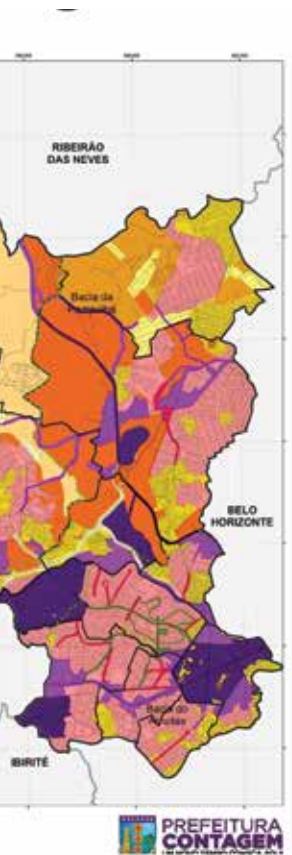
Segundo Oliveira, os movimentos de proteção da Vargem das Flores imploraram, em vão, para que o prefeito Alex de Freitas retirasse o projeto de lei de uso e ocupação do solo da Câmara e fizesse uma revisão do Plano Diretor para que as áreas rurais voltassem a fazer parte do documento.

“Reivindicamos isso porque no nosso entendimento as áreas rurais precisam ser preservadas, uma vez que são elas que garantem as nascentes e a permeabilidade do solo para que a água da chuva possa infiltrar. Se o solo é loteado em áreas menores e há ainda a construção de prédios, essa permeabilidade do solo acaba e as nascentes secam”, explicou Oliveira. ►

LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DE CONTAGEM Como ficaria com a emenda ao PL 19 Movimento SOS Vargem das Flores

do tagem

Como ficaria com a emenda proposta pelo Movimento SOS Vargem das Flores



ZEIT (Zona Especial de Interesse Turístico), incorporando as áreas rurais e de nascentes

- Ampliamos a ZEIT (Zona Especial de Interesse Turístico), incorporando as áreas rurais e de nascentes;
- Proíbe a ocupação multifamiliar (prédios);
- Proíbe criar novas Áreas de Interesse Social (AIS-2) que são áreas para construção de prédios e revoga as áreas já criadas que agora estão na ZEIT;
- Proíbe a criação de novas áreas de desenvolvimento sustentável (ADES) e revoga as já criadas nos terrenos que estão na ZEIT;
- Proíbe indústrias de forte impacto ambiental;
- Protege as Áreas de Interesse Ambiental (AIA);
- O tamanho mínimo do terreno é de 20.000m²;

Portanto, esta emenda adota critérios de ocupação tão restritivos como na área rural, agora aplicados numa ZEIT que é urbana.

A emenda do Movimento SOS Vargem das Flores protege as áreas de recarga.

is mil metros quadrados em torno da lagoa.
, oficializada na emenda de número 102 ao Projeto de Lei Complementar número 019,
(área verde), com lote de no mínimo 20 mil metros quadrados.

Contudo, mesmo com o apelo dos ativistas, no dia 17 de dezembro, os vereadores aprovaram a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, ignorando a emenda apresentada pelo Movimento SOS Vargem das Flores, redigido com base no relatório da Copasa. A emenda que tinha a assinatura de 19 vereadores simplesmente sumiu e o projeto de lei de autoria do executivo foi aprovado em primeiro e segundo turno, com outras 92 emendas de vários vereadores.

Uma delas é do vereador Alessandro Henrique (PTC), que publicou um vídeo nas redes sociais explicando que sua emenda proíbe loteamentos menores que 20 mil metros quadrados nos arredores da lagoa. Essa emenda, segundo o Movimento SOS Vargem das Flores, minimiza um pouco o impacto da aprovação da referida lei.

Importante destacar que no dia seguinte à aprovação da LPOUS, em 18 de dezembro, foi aprovado por unanimidade na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Alemg) o projeto de lei número 1.284/2019 de autoria do deputado Mauro Tramonte (PRB), cerceando a ocupação da Vargem das Flores. Essa decisão da Alemg, segundo Oliveira, levanta o questionamento sobre a autonomia do município em legislar sozinho sobre o futuro da água, um bem comum que é garantido pela Constituição.

“O município pode parcelar o solo como bem entender e atrapalhar o futuro da nossa água? Os governos têm a obrigação de cuidar do meio ambiente e será que o nosso prefeito está fazendo isso? O que estamos vendo é o favorecimento da especulação imobiliária em detrimento da preservação da água”, questionou Oliveira. ▶

Aquífero Cauê pede socorro no Vetor Sul de Belo Horizonte

Programado para ser erguido no entorno da Serra da Moeda (Vetor Sul de Belo Horizonte), em Nova Lima, um projeto monumental de condomínios para a classe média será iniciado em breve. Trata-se do Centralidade Sul (CSul), um audacioso complexo que irá abrigar mais de 100 mil pessoas, em 50 anos. O único, e complexo, inconveniente é que embaixo de tanta gente que irá demandar 22 milhões de litros de água por dia, está o Aquífero Cauê. Trata-se do principal reservatório de água subterrânea do Quadrilátero Ferrífero e um dos maiores reservatórios de água da RMBH, responsável por abastecer inúmeras nascentes da região.

Para se ter uma ideia, a população estimada desse complexo tem projeção de ser maior do que a de 823 dos 853 municípios de Minas Gerais. Por aí já é possível ter uma noção acerca dos possíveis efeitos negativos sobre o abastecimento de água da capital mineira e demais cidades do entorno. Ao todo, a área possui dois mil hectares (equivalente a dois mil campos de futebol), onde serão erguidos prédios residenciais com 34 mil unidades, centros comerciais e áreas industriais.

O impacto ambiental deste complexo ainda está sendo estudado, por meio do Projeto de Monitoramento e Pesquisa Hidrogeológica, que custou R\$10 milhões. De acordo com a administração do CSul, o estudo irá permitir um profundo conhecimento das características hídricas subterrâneas do local. Contudo, especialistas alertam sobre a sobrecarga do abastecimento de água de Belo Horizonte e região metropolitana.

O projeto iniciou-se com a perfuração de poços na região, o que ocasionou no corte de vegetação em vários locais da Serra da Moeda. O fato despertou a atenção de moradores e acendeu um alerta entre os ambientalistas sobre as consequências de tal empreendimento para o futuro da capital mineira. Além disso, a ONG Abrace a Serra da Moeda, com receio de que haja desabastecimento da RMBH, entrou com ação civil pública para tentar evitar que os poços perfurados inicialmente para a pesquisa sejam utilizados para abastecimento do empreendimento.

Porém, ainda que o CSul tenha conseguido o primeiro licenciamento ambiental, segundo o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-MG), uma vez que não há um estudo integrado, não é possível, de fato, identificar o real impacto do empreendimento. Além da iminente exploração do Aquífero Cauê pela CSul, as águas subterrâneas da região



da Serra da Moeda já sofrem com a mineração e o uso desenfreado do reservatório por uma fábrica de refrigerantes. Mesmo a região sendo considerada uma unidade de conservação ambiental, a proteção dos mananciais de abastecimento não está sendo feita como deveria.

De acordo com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, em virtude da escassez de água que já acontece em comunidades do entorno, como Suzano e Campinho, em Brumadinho, o local já é considerado uma região de conflito pelo uso da água. A situação ficou tão difícil que, no período de estiagem, desde 2015, a fábrica de refrigerantes precisa fornecer aos moradores dessas comunidades caminhão-pipa. ▶



Ação Civil Pública contra o licenciamento do CSul

Em março deste ano, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) ajuizou Ação Civil Pública (ACP) solicitando a suspensão da licença prévia concedida à CSul, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil. De acordo com o MPMG, “o licenciamento não conseguiu trazer respostas sobre várias questões ligadas à viabilidade ambiental do empreendimento, contrariando a Constituição Federal e apresentando risco de dano irreparável ao meio ambiente”.

Conforme apurado pela Central de Apoio Técnico (Ceat) do MPMG, o complexo de condomínios

irá demandar uma grande quantidade de água. O órgão constatou que a disponibilidade hídrica no local para captações de fio d’água, seja atual ou futura, encontra-se praticamente esgotada. “A Ceat considera ser necessário melhorar o detalhamento de informações sobre as condições hídricas da região onde se pretende fazer as captações de abastecimento de água”, diz trecho da ACP.

Segundo o MPMG, os estudos para a análise dos impactos ao meio ambiente feitos pela CSul não apresentaram as informações ambientais necessárias próprias a licença prévia. A ACP encontra-se em tramitação.

Recentemente, a Comissão Parlamentar de Inquérito das Barragens, da Câmara Municipal de



Mineração x abastecimento de água

Belo Horizonte chegou à conclusão de que a capital mineira está à beira de um colapso hídrico. E um dos vilões desta triste constatação é a mineração desenfreada, a qual ocasionou uma das maiores tragédias ambientais e humanas do país, o rompimento da barragem de rejeitos da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, em janeiro de 2019.

De acordo com o Projeto Manuelzão, após a tragédia, o Sistema Paraopeba, que representava 30% do abastecimento de Belo Horizonte e mais de 50% do abastecimento da RMBH, foi comprometido em virtude da densa lama que invadiu suas águas. Com isso, recorreu-se à captação de água dos reservatórios do Rio Manso e da Vargem das Flores (que já corre o risco de ser assoreada em 20 anos). Essa atual captação de água está com os dias contados, pois não conseguirá suportar mais do que um ano e meio de abastecimento. E como ficará a situação da população após esse período?

Para agravar ainda mais esse cenário, o Rio das Velhas, que corresponde à cerca de 70% do abastecimento de Belo Horizonte, sofre com o risco iminente de que outra tragédia, semelhante à que houve em Brumadinho, aconteça a qualquer momento. Isso em virtude da existência de 82 bar-

ragens de rejeitos no Alto Velhas, das quais sete estão com elevado risco de rompimento e 36 possuem grande potencial de dano ao meio ambiente. Assim, caso uma dessas barragens se rompa, Belo Horizonte ficará sem água.

Além da escassez da água, a qualidade também é preocupante, principalmente com relação às consequências da mineração. É por isso que, recentemente, o movimento socioambiental “Fechos eu Cuido”, de Nova Lima, alertou a população sobre o comprometimento dos recursos hídricos por meio de um manifesto. Segundo o movimento, a extração de minério tem destruído o Aquífero Cauê, formado por um horizonte geológico de minério de ferro.

As margens dos cursos d’água ficam contaminadas pelos resíduos tóxicos advindos da mineração e demoram a se dissipar com as chuvas. Uma vez que a mineração no Quadrilátero Ferrífero é feita em áreas com grande recarga deste e de outros aquíferos, o abastecimento de cerca de 6 milhões de habitantes da RMBH pode ser afetado em breve.



**GARANTIA
DE FÁBRICA**

Tritury *desde 1974*
Tweeny
TRITURADORES DE RESÍDUOS

ELIMINE RESÍDUOS EM SEGUNDOS

CONFORTO NA COZINHA

PRATICIDADE E HIGIENE

PRODUTO ECOLOGICAMENTE CORRETO

**LINHA
RESIDENCIAL**

*Com o triturador de resíduos alimentares
Tritury[®] Tweeny[®], você não precisa mais se
preocupar com o lixo orgânico!*

COMPRE JÁ O SEU

 **(31) 2555-4897 / 3201-4899**

 **www.tritury.com.br**

 **tritury@tritury.com.br**

 **WhatsApp (31) 99608-4576**



Tritury *desde 1974*
Tweeny
TRITURADORES DE RESÍDUOS

AUGUSTO CLEMENTINO INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA
Rua Patrocínio, 71 - Carlos Prates. CEP 30710-140 - Belo Horizonte - MG
FÁBRICA - VENDAS - ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Tábata Poline: “Não Negócio Minhas Raízes”

De sonhadora a apresentadora!

A jornalista conversou com a “Revista Viva Grande BH”, e contou um pouco da sua trajetória de vida e jornalística.

Por: Aline Teodoro
Fotos: Victor Ataíde

Mineira, negra e periférica! É assim que a jornalista e apresentadora Tábata Poline (32), se autodenomina. De riso solto e ao mesmo tempo muito peculiar, Tábata faz questão de enaltecer sua base familiar em sua trajetória de vida: **“O que as pessoas veem na TV ou nos trabalhos que realizo, são resultados de 32 anos de uma história fora da televisão. Eu sou filha do Saulo e da Márcia, neta da Lena e da Maria (in memoriam), irmã da Thainá e Kauan e companheira do Diego”**, complementa com orgulho a comunicadora.

Apesar do pai e colega de trabalho ser repórter cinematográfico, a vocação jornalística nasceu nos tempos em que, próximo ao Campo do Popular no bairro São Paulo – campo de várzea onde cresceu e colecionou suas vivências - apresentava seu jornal. **“Reunia as minhas colegas de infância para assistirem o meu noticiário imaginário, que levava o meu nome com as principais notícias da vizinhança”**, conta.

Gente como a gente, a apresentadora afirma não se deslumbrar com o título de jornalista. **“As pessoas tendem a dar um valor diferente para os jornalistas. A gente entra na casa delas com muita intimidade. E a devolutiva delas é como se fôssemos inacessíveis, alguém acima da média. E não é assim! Eu sou uma prestadora de serviços. E manter a convivência com as minhas origens, me faz manter os meus pés no chão. Afinal de contas, não se pode negar que a soberba é algo presente nas profissões que têm muita visibilidade”**, pontua. ▶



DO COMÉRCIO EXTERIOR AO JORNALISMO

Apesar de conhecer os bastidores das redações desde muito cedo, o pai de Tábata não queria que ela ingressasse no jornalismo. Talvez por vivenciar muitas coisas ruins no dia a dia como repórter cinematográfico, ele sempre a estimulou estudar comércio exterior.

O que ele não sabia era que o coração da filha já pulsava por algo mais forte. Tão forte que abriu mão de uma bolsa de estudos no curso que o pai havia proposto, para fazer comunicação.

De lá pra cá, Tábata passou por várias experiências no mundo jornalístico. Desde assessoria de imprensa, até o atual cargo de apresentadora.

RACISMO

Não diferente de 99,99% dos negros do mundo, Tábata reconhece que por muitos anos não percebia que era alvo de racismo, mesmo de forma velada por ser filha de preto com branco. Um fato marcante foi quando ainda na adolescência, viajou com sua irmã e seu pai para Porto Seguro – BA. **“Eu sou uma mulher negra que carrega um estereótipo da mulata. E isso é perverso, doentio, além de sexualizar a mulher. Nesta viagem, enquanto estávamos na balsa com outras pessoas, como bons farofeiros (sic), tínhamos nossas sacolas e bolsas com lanches. Em um determinado momento eu fui abordada por um turista estrangeiro que me perguntou o preço. Inocentemente respondi que não estava vendendo nada, e que aquelas bolsas eram nossas. Ele retrucou dizendo que queria saber qual era o preço para eu transar com ele! Meu pai não ouviu esta parte. E por instinto, não tive coragem de contá-lo”**, comenta. Profissionalmente a jornalista também não foi poupada. Desta vez o racismo foi estrutural. Por conta da cor da sua pele, foi confundida com a copeira em um grande grupo de empresas da cidade em que fazia assessoria de imprensa. E não para por aí. **“Quando fui substituir uma assessora colega de trabalho, branca e loira, em um tradicional evento de moda em BH, tive que ouvir de uma das proprietárias que eu não poderia ficar perto delas! Afinal, o evento era importante demais e elas tinham um nome a zelar”**, recorda a jornalista. Consternada, ligou para sua chefia que ao chegar ao evento, pediu desculpas pela falta da jornalista branca. Tábata, politizada, rebateu as ofensas à altura e no tempo certo. Uma delas foi quando já era conhecida por trabalhar na Globo Minas. **“Até para ser Luther King tem limites! Sou muito Malcolm X”**, pontua. ▶





ROLÊ NAS GERAIS DE QUADRO A PROGRAMA SEMANAL

Apaixonada pelo jornalismo social, Tábata que ainda era produtora da TV, idealizou um projeto voltado para as periferias de BH, para ser um quadro dentro do MG1. Sua proposta não vingou inicialmente, mas tempos depois, seu projeto foi acolhido, com status de programa semanal e em setembro, completou um ano, com edição especial relembrando as histórias de muitos que ali passaram.

E neste desafio Tábata levou suas vivências para as ruas, certa de que os protagonistas seriam os entrevistados. **“Falar do Rolê, me deixa até sem palavras. É algo muito potente! Uma relação de muita confiança e respeito entre eu e os entrevistados. Definitivamente é o projeto da minha vida. Por que fala da vida dos meus... fala da minha vida!”**

Inúmeras foram as vezes em que a jornalista chorou durante a produção e realização das matérias. Um dos momentos inesquecíveis foi quando gravou no Aglomerado da Serra, com o projeto Mulheres Da Quebrada. **“Aquilo para mim foi um resgate ancestral. E não estou falando de religiosidade, mas sim do legado de outras mulheres. Foi tão especial que eu agradecei a Deus por ter gravado tudo o que eu precisava antes. Eu chorei tanto depois de todo aquele momento especial, que eu não consegui gravar mais nada”.** Relembra.

“Hoje, falo que os principais desafios que a mulher negra enfrenta são: o menosprezo por sempre não nos enxergarem como mulheres pensantes. Ao contrário, somos vistas como serviçais e nunca como intelectuais, donas de si. E isso se estende a todos os ambientes: relacionamentos, amizades e, principalmente, profissional. Às vezes as pessoas acham que estão nos prestando favores e não recompensando a nossa inteligência, capacidade e talento. E como mulher e negra, tenho que provar todos os dias que sou capaz, não sou um pedaço de carne e por último, é que estou onde devo estar”, ressalta.

A jornalista afirma que além dela, ter Camila, Aline e Fabiana (colegas de profissão e de emissora), é uma ação inteligente e estratégica da Globo, em resposta a sociedade para dizer: **eu estou ouvindo vocês!**



BATE BOLA!

- **RACISMO**

(Lágrimas...) A pior violência que alguém pode sofrer. Porque é uma violência inteligente que destrói a gente em todas as nossas faces de existir – na infância, adolescência, vida adulta, no mercado de trabalho, no afetivo... É a principal doença e violência que alguém pode sofrer! Não tem como falar de desigualdade sem falar de raça! Não choro de emoção, mas de dor.

- **MULHER PRETA**

Potência, afetividade, ancestralidade e força. Gratidão às que vieram antes de mim, às que caminham comigo e que virão depois. Porque os caminhos delas serão melhores que os meus, afinal, eu vivo para isso!

- **CARREIRA**

Missão! Uma vida com propósito!

- **SONHOS**

(Pausa...) Eu sou muito sonhadora! Tem uma frase do pastor Henrique Vieira, que eu me enxergo nela: "eu tento deixar de crer, mas eu não consigo viver sem crer".

- **NÃO NEGOCIO**

Minhas raízes!
Elas são inegociáveis!

Conscientização:

Palavra de ordem para prevenção do câncer infantojuvenil

Por Shara Busato

Sabia que os sinais do câncer infantojuvenil podem ser confundidos com doenças comuns da infância? Dor nos ossos, febre persistente sem causa aparente, manchas roxas pelo corpo, dor de cabeça persistente por dias, emagrecimento repentino, entre outros, são características que precisam de atenção.

Ao contrário de muitos cânceres de adultos, não é possível estabelecer relação entre fatores de risco relacionados com o estilo de vida e o risco de uma criança desenvolver câncer, por isso o combate precisa ser feito através da conscientização e disseminação do conhecimento.

Analice Ferreira de 15 anos, nascida em Céu Azul de Minas – MG, entendeu essa realidade de perto. No início de 2020 notou algumas manchas escuras na pele, mas não se preocupou. Com o não sumiço das manchas, sua mãe Maria da Consolação Ferreira desconfiada, a levou para realização de alguns exames, que constataram anemia profunda. Dois dias depois ela foi internada na cidade do Serro em Diamantina. Diagnosticada com Leucemia Mieloide Aguda (LMA), Analice foi transferida para o Hospital das Clínicas em Belo Horizonte, onde começou o tratamento.

Devido a distância da cidade de origem, mãe e filha foram acolhidas pela Fundação Sara Albuquerque, instituição que acolhe crianças e adolescentes com câncer em BH, e durante 5 meses não puderam retornar para sua casa. **“O início do tratamento é mais complicado, pode haver intercorrências e o assistido passar mal. Estar em um local mais próximo do hospital faz toda diferença para que a criança e adolescente receba o melhor e mais adequado atendimento neste momento que é delicado”**, explica a Fernanda Araújo, assistente social da Fundação Sara Albuquerque. **“A família chega fragilizada, e requer um acompanhamento de perto”** conclui a assistente social.

Ha 6 meses em tratamento, a garota acredita ter se adaptado bem a nova rotina. **“No início não consegui raciocinar direito sobre o que estava acontecendo, e senti muita saudade da minha família, mas agora estou melhor. Fui muito bem recebida na Fundação Sara e encontrei uma família que não é minha, mas é como se fosse”**, esclarece.

Divulgação Fundação Sara



Divulgação Fundação Sara



Trimestre de cuidados com a família

A tríade dos laços dourado, rosa e azul vêm com o objetivo de redobrar a atenção para a família. São os meses de setembro para conscientização do câncer infantojuvenil, outubro para conscientizar sobre o câncer de mama e novembro sobre o câncer de próstata. As três campanhas tem um objetivo comum: promover ações de incentivo ao diagnóstico precoce que, no caso do câncer infantojuvenil, se aliado a um tratamento de qualidade, contribui para que as chances de cura ultrapassem 80%, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA). Um dado animador quando estamos diante da principal causa de morte por doença na faixa etária entre 01 e 19 no Brasil.

O tratamento de câncer mesmo na criança costuma ser longo e por isso a adesão da família ao processo é fundamental. Foi o que aconteceu com a pequena venezuelana Abbish Moreno. Identificada inicialmente com um problema cardíaco e percebendo a falta de estrutura na Venezuela, seus pais Maria Guillhermina Ramos Lozano e Jhoandry José Moreno Castano buscaram refugiar-se no Brasil. Ao chegar em Minas Gerais, Abbish apresentava perda de apetite, olhos inchados, manchas roxas pelo corpo e febre prolongada. Comparecendo ao posto de saúde em Sete Lagoas/MG, os exames de sangue logo mostraram as alterações. Sendo transferida para Santa Casa de Misericórdia em Belo Horizonte, a menina foi diagnosticada com Leucemia Linflobástica Aguda (LLA).

Há 7 meses hospedada na Fundação Sara Albuquerque, Abbish continua o tratamento contra o câncer. Além dos desafios evidentes com o tratamento, a família encontra obstáculos com a nova língua, novos costumes e cultura no Brasil, mas tem encontrado na casa de apoio uma verdadeira família. A mãe que também é acompanhada pela pedagoga da instituição, para auxílio com a língua portuguesa, relata **“O início foi muito difícil e ainda temos muitas dificuldades, mas somos imensamente gratos pela acolhida tanto do Brasil quanto da Fundação Sara”**.

Divulgação Fundação Sara



Divulgação Fundação Sara



22 anos de Solidariedade

A Fundação Sara foi instituída em junho de 1998, na cidade de Montes Claros/MG, com o intuito de oferecer amparo a todas as famílias com crianças e adolescentes com câncer da região. O desejo de criar uma entidade filantrópica nasceu no coração de Álvaro e Marlene, pais da pequena Sara, que durante mais de dois anos lutou para vencer a doença, mas infelizmente não resistiu.

Em 2009 a entidade recebeu convite de médicos e empresários de Belo Horizonte e, em Julho de 2010 foi instalada uma filial na capital mineira expandindo assim, a assistência para todo o estado de Minas Gerais. No total, já somam mais de 1.200 famílias amparadas.

Conheça nosso trabalho:

Site: www.fundacaosara.org.br

Instagram: @fundacaosaraalbuquerque

Facebook: Fundação Sara Albuquerque

GUATEMALA: Explorando um país completamente desconhecido

Por **Raissa Daldegam***

*Textos e imagens

Visão do vulcão do Avião



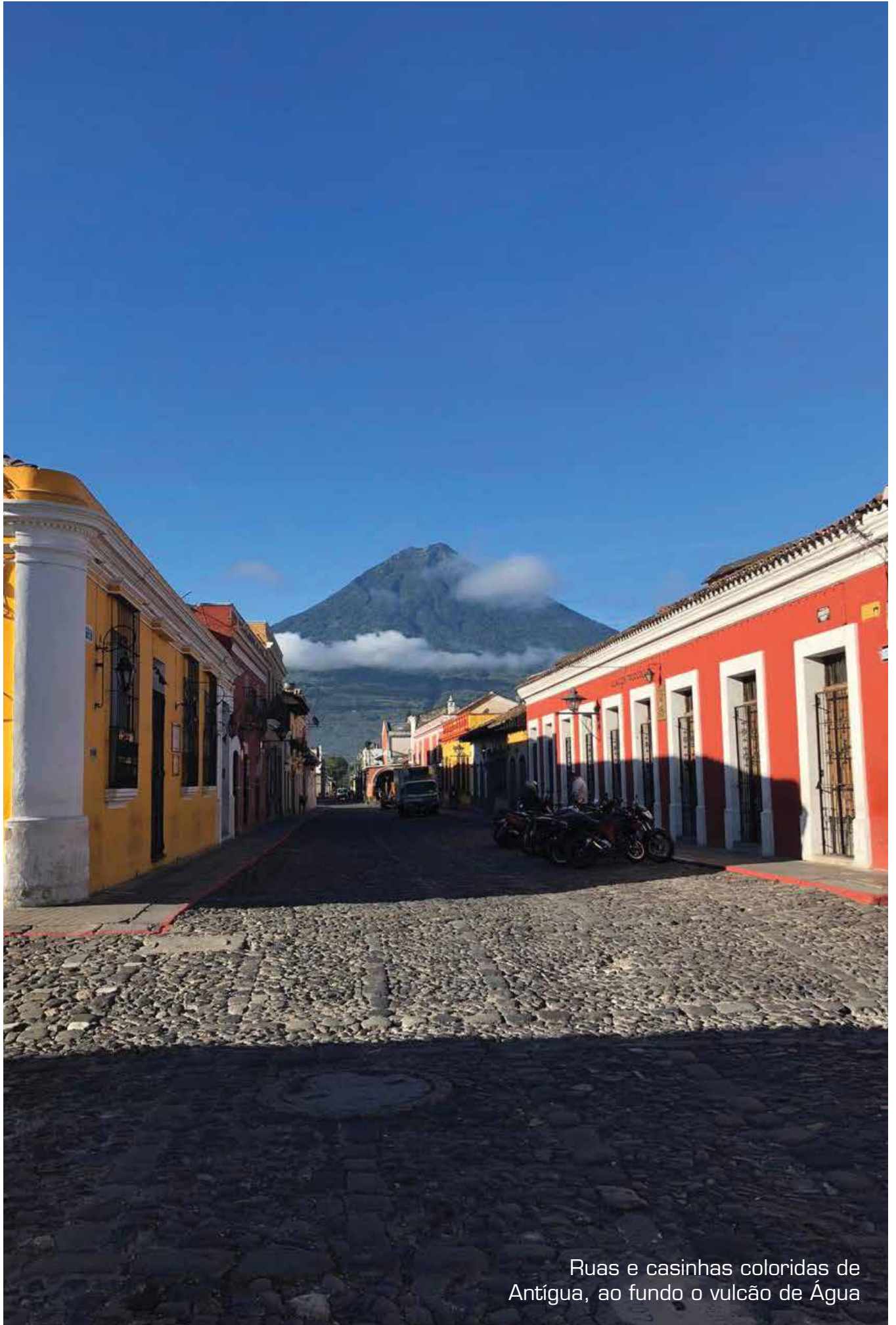
Nunca pensei em conhecer a Guatemala, era um país que não estava nos meus planos. Para ser bem sincera, era um destino que não estava e nem estaria na minha lista de lugares que eu desejo conhecer no mundo. No meu hostel, em Santiago, conheci um guatemalteco (é até difícil de falar, né?), um viajante que já desbravou quase o mundo inteiro, mas que era completamente apaixonado pelo seu país. Era até bonito vê-lo falando sobre a sua cultura, as suas comidas e os seus costumes.

Eu sou bem apaixonada pelo Brasil, levanto a bandeira de Minas Gerais por onde quer que eu vá. Normalmente, os estrangeiros só conhecem Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Minas é completamente desconhecida por eles. E assim como eu, que desejava que as pessoas que eu encontrava no caminho soubessem que existe uma cidade brasileira bem simpática e charmosa, chamada Belo Horizonte, meu amigo queria que as pessoas conhecessem a Guatemala.

Convivemos durante 10 dias, e a cada dia ele me mostrava um lugar incrível para conhecer em seu país. Como a extensão territorial da Guatemala é bem pequena, todas as viagens podem ser feitas de carro ou ônibus, e é possível também visitar outros países vizinhos fazendo bate e volta de carro, como Belize, El Salvador e Honduras. Com os seus relatos, fiquei empolgada em conhecer a América Central e todos os seus países, mas o meu plano inicial era descer para o fim do mundo, no Ushuaia. Conhecer a Patagônia é um sonho que carrego no peito, ver os glaciares de perto deve ser uma emoção indescritível. Depois desses dias, meu amigo guatemalteco voltou para o seu país, antes de partir, ele me disse se eu mudasse os meus planos ele adoraria me receber em sua casa e que seria um prazer me apresentar o seu país.

A ideia ficou na minha cabeça, mas o desejo de conhecer as geleiras era ainda mais forte. Queria viver mais alguns dias em Santiago antes de tomar a decisão, porém, o inverno chegou. Sou uma pessoa que ama o frio, mas sou muito friorenta. Fazia tanto frio no Chile que eu mal conseguia sair do meu quarto. Conheci uma pessoa que tinha acabado de chegar da Patagônia, e que me contou que era lindo, incrível de verdade, mas que quase morreu congelada e que essa não era a melhor época para ir. "Se eu fosse você deixaria para ir no verão, acredito que vai conseguir aproveitar muito mais".

E foi assim que mudei a minha rota, a Guatemala também está ao lado do México, um país que sempre quis conhecer. Pesquisei passagens da Guatemala para o México e eram muito em conta, na faixa de uns 500 reais. Uma mochileira nômade precisa fazer todos os cálculos de quanto custa cada aventura. Sempre fui muito pé no chão em relação às finanças, e a vida na estrada pode dar uma boa bagunçada no orçamento, pois o inesperado sempre acontece. Um dos motivos que também me levaram a tomar a decisão de ir à Guatemala foi a sua moeda desvalorizada, o real estava valendo o dobro. Depois de um país caro como o Chile, economizar seria muito bom. ▶



Ruas e casinhas coloridas de Antigua, ao fundo o vulcão de Água

Cafés charmosos de Antigua



O chama de Antigua



Passagens compradas e um frio enorme na barriga, eu iria para um país completamente desconhecido. Mesmo com meus 30 anos nas costas, posso dizer que meus pais tiveram um pequeno surto com a notícia que eu atravessaria a América do Sul para viajar com um estranho pela América Central. Hoje entendo a preocupação deles, mas naquele momento eu apenas queria viver novas experiências e, graças a Deus, tudo deu certo.

Meu amigo morava na Ciudad da Guatemala, a capital do país, que à primeira vista não é uma cidade bonita. O meu primeiro susto com a cultura foi ver que o exército anda armado pelas ruas, guardas carregando fuzis e metralhadoras tranquilamente, algumas ruas da cidade são fechadas e escoltadas por eles. Isso se deve ao alto índice de criminalidade da cidade que acontece em sua maioria por gangues locais, o que não afeta o turismo diretamente.

O grande problema para mim foi o machismo, assim como quase todos os países da América do Sul e Central, o machismo é algo que impera. Eu não podia andar sozinha que quase todos os carros da avenida buzinaavam ou falavam algumas palavras maldosas, mesmo que eu estivesse de calça jeans e moletom largo. Fiquei um pouco assustada com esse assédio, e passei a não querer andar sozinha. Ainda bem que esse assédio só acontece na capital, as cidades turísticas são muito tranquilas e seguras.

A Guatemala é um país muito conservador, se comparado ao Brasil, as mulheres não usam roupas curtas na rua. Como a cultura Maia ainda é muito preservada no país, é bem comum ver mulheres usando trajes típicos no dia a dia. São roupas coloridas e bordadas com pedrarias, meu amigo me disse que elas custam pequenas fortunas. Encontrei uma amiga de uma amiga que também é guatemalteca nascida e criada na capital, ela fez um intercâmbio no Brasil e se diz apaixonada pelo nosso país, até arranhava o português. Em uma das nossas conversas, ela me relatou que sente saudades de usar roupas mais curtas sem ter problemas pelas ruas, como ela usava no Brasil.

Conversamos bastante sobre a questão do machismo, e então eu percebi o quanto nós já estamos à frente em alguns assuntos (claro, ainda falta muito). Ela me disse que uma mulher separada não é bem vista na Guatemala, e que mesmo em casos de agressão por parte do marido, os familiares e amigos não apoiam a separação. Confesso que meu coração doeu ao escutar alguns relatos.



Outro ponto que foi surpreendente, porém positivamente, foi a culinária. A Guatemala possui uma gastronomia muito rica e bem distinta da nossa, provei pratos diferentes de tudo que eu já tinha experimentado na vida. São tantas opções que você fica perdido. A melhor forma de conhecer a comida local é visitando os seus mercados, ir onde os locais comem. Muitas pessoas não gostam dessa ideia, pois eles não costumam ser turísticos e nem muito bonitos, mas são nesses lugares que você conhece o verdadeiro tempero do país. Eles comem muito feijão, até no café da manhã, essa opção para mim foi um pouco exótica demais.

As tostadas feitas de milho ganharam meu estômago, elas são crocantes, lembram um Doritos gigante, e você pode escolher os diversos recheios e os molhos. Elas são vendidas em todos os lugares, foi o prato que mais comi. Outro ponto estranho é a forma como eles bebem a cerveja, com sal e suco de tomate, para mim essa combinação não dá liga.

A Ciudad da Guatemala é como qualquer outra capital, com um trânsito pesado nas vias principais. Porém, o mais incrível é que em poucos minutos de carro você consegue sair da muvuca da cidade e se deparar com belas paisagens. O país é cercado por vulcões, o que para nós, brasileiros, é uma grande novidade. De qualquer ponto na capital você consegue enxergá-los, enormes e imponentes no horizonte. A maioria deles adormecidos, porém, frequentemente você consegue ouvir um estrondo vindo da terra. Subir um dos vulcões era um dos passeios que eu queria muito fazer no país e fiz, e mais uma vez essa experiência mudou o meu roteiro (relato logo abaixo).

Apesar da capital não ter causado boas impressões, outras cidades do país me deixaram encantada. Foi o caso de Antigua, localizada a uma hora e meia da capital, possui mais de 500 anos de história e leva o título de Patrimônio Mundial pela UNESCO. Ela já chegou a ser a capital do país, mas devido a um forte terremoto, que a destruiu quase por inteiro, a capital foi transferida para a Ciudad da Guatemala. O local foi abandonado por muitos anos, por isso, a cidade ganhou o nome de Antigua. Anos depois a reconstruíram, e hoje é um verdadeiro encanto e um lugar que merece ser conhecido.

A cidade fica aos pés do Vulcão de Água, um dos maiores do país, que não entra em atividade há muitos anos.

No topo do vulcão Acatenango



No topo do vulcão Acatenango com vista para o vulcão de Fuego





Vulcão Fuego
em plena atividade

Quando o clima está bom, ele pode ser observado em toda sua magnitude de vários pontos da cidade. As maiores atrações são os vulcões, e existem vários passeios para eles. Porém, também há lindas igrejas e museus. Os hotéis e pousadas também são um charme. Outras atrações, são os diversos restaurantes, bares e cafés charmosinhos que existem por lá. É uma cidade turística muito segura, eu amava me perder pelas suas ruazinhas. A cidade é toda colorida e muito bem conservada, parece até que você voltou no tempo. E foi lá que eu me aventurei a subir vulcão.

Como você pode ler no box, a experiência de quase morte no vulcão mexeu muito comigo. Na noite que dormi no topo do vulcão eu pensei em toda minha vida, não conseguia descansar ouvin-

do os seus estrondos. Decidi que precisava alugar uma casa e focar no meu trabalho por um tempo, dar uma pausa nas aventuras. Era o meu trabalho que me permitia levar a vida que estava vivendo, por isso, eu precisava ir com mais calma.

A vida na estrada é muito intensa, e eu sentia falta de rotina, meu corpo sentia falta de rotina. Ser nômade é bem diferente de ser apenas um viajante, só viajar já cansa, imagina viajar e trabalhar? Desci do vulcão com minha nova rota traçada, iria para o México e alugaria uma casa. Atravessar a Guatemala de ônibus ficará para uma próxima visita. É um país que quero muito voltar um dia, e meu conselho para você que chegou até aqui, vá para Guatemala antes que ela se torne famosa, porque há uma grande chance disso acontecer. ▶

Próxima parada, México!

Vulcão Acatenango: **Uma experiência única**

Quando decidi que viria para Guatemala, decidi também que subiria o vulcão. Cismeí que precisava fazer isso. Li vários relatos e vi muitas fotos incríveis de mochileiros que fizeram a trilha, e se emocionaram em ver um vulcão ativo de perto. Decidi que queria viver isso também. Não pesquisei muito sobre as dificuldades (sou dessas, eu só vou).

Cheguei à Antigua na quinta, tentei fazer o tour na sexta, no sábado e no domingo, mas devido ao mal tempo a trilha estava fechada. Falaram-me que só quarta o tempo iria melhorar, a cabeça quase pifou de tanto pensar se esperaria o tempo melhorar ou não. Para minha sorte ou azar, o tempo melhorou no domingo e liberaram para subir na segunda.

Acordei feliz da vida com o clima, porém quando cheguei ao local do tour encontrei uma galera esportista, com muita experiência de trilha, e eu lá no meio, perdida. Nem o bastão de trilha eu sabia usar.

Fiz amizade com uma médica espanhola que estava preocupadíssima com a altitude, e eu dizia para ela que tudo daria certo. Eu e meu positivismo sempre exagerado.

Como iríamos dormir no vulcão, precisamos levar 4 litros de água (1 para comida e 3 para beber), mais comida e mais roupas adequadas (o clima no topo chega a $-8C^{\circ}$). A minha mochila pesava em torno de 10 kg. Até o acampamento eram cinco horas e meia de subida.

A primeira parte, segundo os guias, era a mais difícil. Eu já estava subindo há quase duas horas quando o coração começou a acelerar e de repente me faltou o ar. Sentei e não conseguia respirar, a cabeça doía, me deu ânsia de vômito e pensei que ia desmaiar. O mal de altitude me pegou em cheio.

Um dos guias me aconselhou a voltar, porque no topo seria muito pior, já o outro guia disse que subiria com minha mochila. Dei alguns passos sem a mochila, mas a falta de ar ainda era forte. “Não quero voltar, quero subir”, por que insisti nessa loucura? Até agora não sei!

Deram-me a opção de subir em um cavalo, teria que pagar a mais, mas era a única opção. Aceitei. Mesmo em cima do cavalo, eu ainda me sentia mal. A trilha era tão íngreme que em alguns pontos eu pensava que iria cair do cavalo. Choveu, ventou e fez muito frio em boa parte do caminho, e a todo o momento eu me perguntava por que eu estava fazendo aquilo comigo. Era para provar para quem? Foram várias reflexões de autoconhecimento.

Cheguei ao acampamento, as pernas tremiam, quis chorar. Mas foi só ver o vulcão de Fuego em erupção pela primeira vez, sentir a terra tremer, e a lava voando para todos os lados, que entendi porque queria tanto ver isso de perto.

Um daqueles momentos da vida que não se explica, que são únicos e que poucas pessoas têm a oportunidade de viver. Ri da minha loucura, mas agradei a vida em silêncio. Faria isso de novo? Não. Mas, com certeza, levarei para sempre tudo que o vulcão me ensinou.

* O vulcão Acatenango não está em atividade há 40 anos.

* O vulcão Fuego está ativo em uma intensidade baixa há anos, e pouco há pouco mais dois anos, no dia 03/06/2018, houve uma grande explosão e que matou 300 pessoas.



Passamos à noite nessas casinhas no topo do vulcão

10 Curiosidades sobre a Guatemala

Fiquei menos de 20 dias no país, não deu para conhecer cultura afundo, mas consegui observar diversas curiosidades. Posso dizer que é o país mais diferente que eu já fui nestes últimos tempos.

1 - Eles comem feijão no café da manhã (essa tinha que ser a primeira curiosidade, pois foi algo que me chocou).

2 - O café da manhã é a refeição mais importante para os guatemaltecos, eles possuem até a tradição de sair com família para tomar café aos domingos em um lugar chique.

3 - É um país ainda muito machista, o feminismo é algo que está iniciando por lá. O nome do pai é o mais importante e é o que vem primeiro em qualquer documento.

4 - As pessoas são extremamente educadas e simpáticas, e estão sempre dispostas a ajudar. São tão amáveis, que às vezes te deixam até sem graça.

5 - Pela proximidade com os Estados Unidos, a maioria das pessoas fala inglês. Até mesmo pessoas sem estudos.

6 - As Chapinas (como são chamada as mulheres na Guatemala) são muito recatadas para se vestir. Nada de decote ou short curto. Um estilo bem diferente das brasileiras.

7 - Falando ainda de roupas, a Guatemala é um país que conserva muito a sua cultura, é bem fácil ver mulheres vestidas com trajes típicos no dia a dia. Eles são coloridos e possuem alguns bordados de pedrarias, me falaram que custam uma fortuna.

8 - A gastronomia é muito rica. Existem diversos pratos típicos, foi impossível provar todos. A maioria é bem diferente para nós brasileiros.

9 - A Guatemala é cercada por vulcões, são 32 no total. Somente 3 em atividade. É lá que está o vulcão mais alto da América Central.

10 - Por lá são super comuns os autobancos, tipo um drive thru bancário. Você entra em uma espécie de estacionamento, coloca o seu dinheiro e a sua conta em uma cápsula, ela sobe por um cano e chega até uma atendente que faz os trâmites bancários para você e manda o recibo de volta

Curiosidade Extra

11 - Eles tomam cerveja com suco de tomate, sal e pimenta. Há sushi de carne bovina, e eles comem comida japonesa com diversos molhos diferentes, tipo molho rosé.



As famosas tostadas, minha comida preferida na Guatemala



Comidas típicas da Guatemala



Roteiro de Viagem: Guatemala

Com toda certeza você conhece poucas pessoas que foram para a Guatemala, o país ainda é um daqueles paraísos pouco explorados por nós brasileiros. Porque os gringos já o descobriram.

Essa história me lembra quando fui para Colômbia em 2015, quase ninguém considerava a Colômbia um país bacana ou seguro. Muitos amigos e familiares vieram me perguntar por que eu tinha escolhido o destino. Hoje, em algumas partes da Colômbia, o turismo está quase insustentável.

Então, para quem está procurando um lugar diferente, barato, com belezas naturais indescritíveis e ainda pouco exploradas: a Guatemala é uma escolha certa.

Vale a pena jogar no Google e ver a imagem desses lugares.

- Antigua Guatemala - Uma cidade histórica lindíssima, cercada por vulcões, com restaurantes e cafés fofos.

- Lago Atitlán - Fica há duas horas de Antigua, é um lago enorme onde se encontra 12 povoados. Cada um leva o nome de um apóstolo. Para se locomover de um povoado ao outro o transporte é por barco. Cada uma dessas vilazinhas tem um estilo diferente, San Pedro é a do agito, já San Marcos é da galera hippie e por aí vai. Do lago você consegue ver diversos vulcões também.

- Ilha de Flores e Tikal - As Ruínas de Tikal são impressionantes, são pirâmides construídas no meio da vegetação. Há muita história para conhecer ali. Tikal fica localizada na Ilha de Flores, que é um lugar incrível de se conhecer também.

- Semuc Champey - Obrigatório jogar no Google. São diversas piscinas naturais. O lugar é magnífico.

- Livingston - É uma cidade caribenha muito bonita também, com lindíssimas praias.

Vê se esse roteiro não dá uma viagem incrível? O melhor de tudo é que o país é bem pequeno, então o deslocamento de uma cidade para a outra é rápido. Sendo possível fazer tudo de ônibus ou de transporte particular.



Os vulcões no horizonte



Praça Central da Ciudad da Guatemala

Uma reforma incrível que revitalizou e transformou todo o espaço

Projeto: Vanessa Menezes
Designer de Interiores

Esse apartamento no bairro Grajaú em Belo Horizonte, totalmente repaginado para essa alegre e jovem família, sendo um casal de médicos, com dois filhos adolescentes e um cachorro, que adoram estar em casa e receber as pessoas, principalmente os familiares e amigos, recebeu uma reforma incrível, sendo o projeto assinado pelo escritório da Designer de Interiores Vanessa Menezes.

A concepção do projeto partiu da necessidade dos clientes que buscavam um ambiente aconchegante, queriam uma integração total desses espaços que eram totalmente compartimentados: cozinha, área de serviço, DCE (quartinho de empregada e banheiro) e sala de estar e jantar.

A ideia a princípio era aumentar um pouco o espaço da cozinha que era comprida e mal aproveitada na disposição original da planta, fazer uma ilha com uma coifa, queriam uma torre com os eletros, aumentar mais espaço na bancada, fazer um local para passar roupas, aproveitar melhor os espaços e trabalhar a iluminação.

Queriam aproveitar grande parte do mobiliário, apenas dar uma renovada, trocar tecidos e aproveitar mais alguns objetos que são peças de família com um valor sentimental ainda maior. Partindo desse briefing, sem abrir mão do conforto e da praticidade, a designer então desenvolveu vários estudos, sendo esta solução escolhida no qual ela criou para surpreender seus clientes e proporcionar a realização desse grande sonho, com uma transformação inacreditável deixando o ambiente ainda mais amplo e convidativo.

Vale a pena conferir: A DCE, a área de serviço e a cozinha, depois de passar por um laudo de vistoria, avaliação das plantas estruturais e cálculo para a confirmação da retirada de todas as paredes, tonaram-se um ambiente totalmente integrado e ainda para complementar, a designer sugeriu a criação de um lavabo que não existia. E as expectativas então foram além do esperado.

A mistura de matérias utilizada com muita maestria, trouxe muito aconchego e acolhimento fazendo o diferencial sem poluir, imprimindo um ar contemporâneo. Para dialogar com a paleta de cores do piso remetendo ao cimento queimado, no espaço gourmet, as bancadas foram executadas pela Marmoraria Rangel em silestone Ecoart Sand Brown e com o silestone cinza.





Podemos verificar um lindo painel esculpido delicadamente no vidro (peça de família) que a moradora não abria mão. A designer projetou um painel em mdf para valorizar e trazer um certo requinte, sendo complementado com

a iluminação que deu destaque e deixou o ambiente ainda mais aconchegante. O painel foi executado pela Marcenaria Deivid Lemos, que fez toda a diferença na finalização da execução do projeto.



Podemos perceber a paleta de cores marcada por tons pastéis trazendo a sensação de tranquilidade e harmonia. O teto se tornou o grande protagonista com o diferencial do papel de parede aplicado, sem perder a essência clean e leveza na composição.





A reforma deixou o apartamento incrivelmente mais amplo e convidativo. A grande ilha ao centro foi o ponto principal dessa integração permitindo mais ventilação e uma iluminação natural também privilegiada, além de favorecer a circulação. O ambiente tornou-se imponente e estiloso

Ao lado esquerdo, toda a parede que foi removida fazendo essa integração total de todos os ambientes, permitindo uma melhor interação entre os moradores e visitas, podemos verificar também o acesso para o lavabo criado.





Abaixo da bancada mais alta da ilha, foi criado um módulo volante para acoplar a adega climatizada, uma grande paixão do marido. Um elemento importante que aparece compondo o décor do ambiente de forma totalmente integrada e harmônica. Nas banquetas a escolha de uma cor vibrante como o amarelo, trouxe um grande destaque, reforçando o estilo contemporâneo.





O Lavabo projetado em linhas retas e tons de cinza, criou uma atmosfera acolhedora e cheia de modernidade, que por sua vez trouxe mais funcionalidade e praticidade ao receber as visitas, sem ter que entrar na área íntima do apartamento.

A área de serviço e lavanderia foram integradas de forma totalmente sutil. Além da bela composição dos revestimentos, a designer projetou um painel para a TV atendendo ao espaço gourmet e atrás deste painel ela criou um armário de apoio para a área de serviço, dividindo e dando privacidade para a área dos tanques. Ficou um charme e super prática.



Fotografia:

Petrônio Amaral | @petronioamaralfotografias

Parceiros:

Bancadas | **Marmoraria Rangel**

Revestimentos, louças e metais

Bel Lar Casa Contemporânea

Adornos | **Tempori**

Iluminação | **Central Iluminação**

Cortinas, papel de parede

Oficina D'artes Decorações

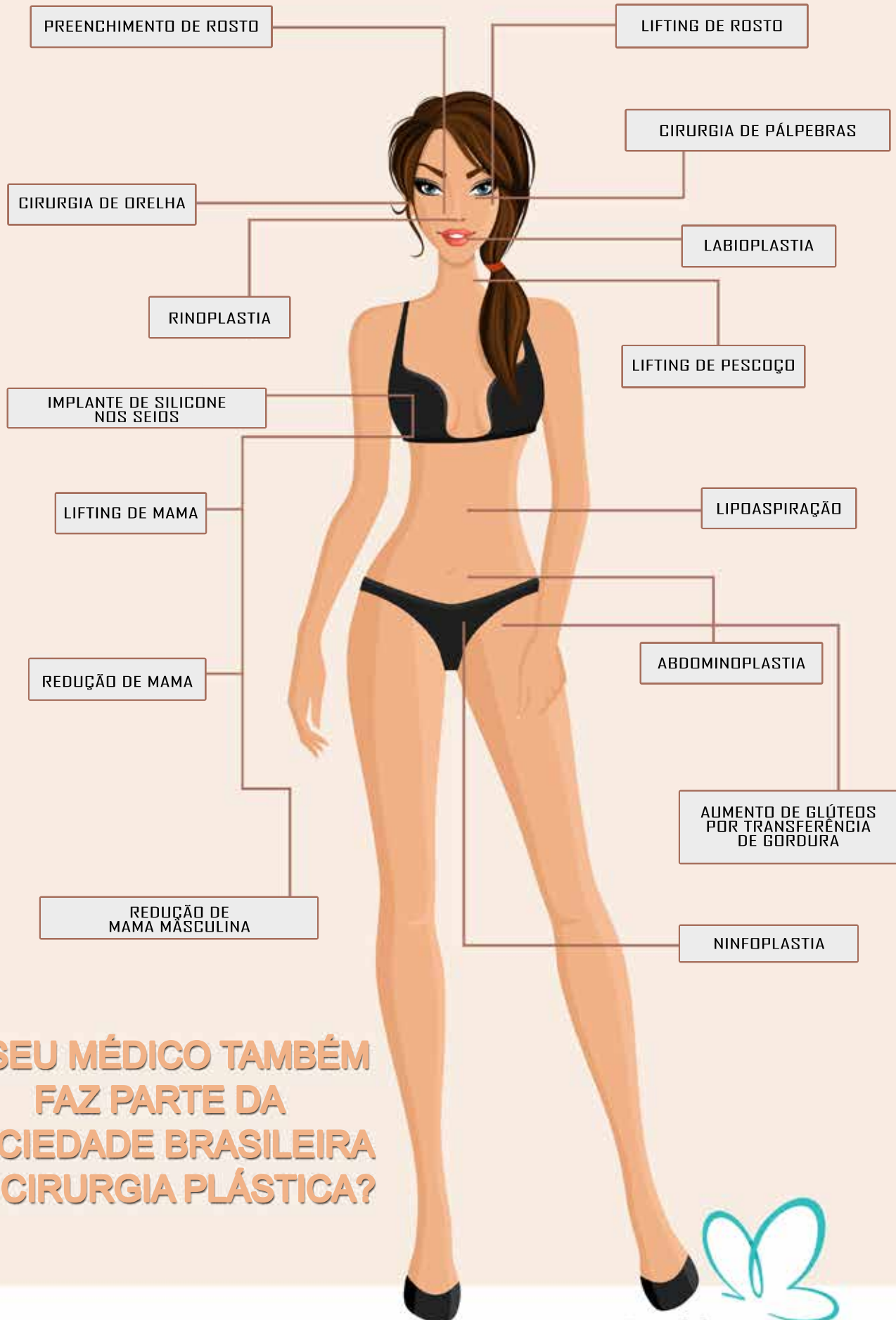
Espelho e vidro porta | **Vidraçaria São Cristóvão**

Marcenaria | **Deivid Lemos**

Portas de vidro e ferragens | **Post Door**

Tintas | **Suvinil**

Para ver mais projetos da Designer, acompanhe seu instagram: **@vanessamenezesinteriores** que está recheado de lindos projetos



**O SEU MÉDICO TAMBÉM
FAZ PARTE DA
SOCIEDADE BRASILEIRA
DE CIRURGIA PLÁSTICA?**

WWW.CLINICABELLADERME.COM.BR

RUA GRÉCIA, 54. GLÓRIA. CONTAGEM.
(31) 3351-0283


Bella Derme
CIRURGIA PLÁSTICA
DR. MARCELO PEREIRA



Viola:

patrimônio cultural imaterial
de Minas Gerais
As 10 cordas que encanta e
carrega consigo tradições,
histórias e muitas paixões

Da Idade Média para o urbanismo dos dias de hoje. Das Árábias para o interior mineiro. Com suas 10 cordas, que já tiveram outros números, a Viola perpassa o tempo, gerações, continentes. Há dois anos foi consagrada como patrimônio cultural de Minas Gerais, mas a história para esta conquista é longa e cheia de luta pela valorização desse instrumento que é um símbolo de brasilidade.

Em junho de 2018, o Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep) aprovou o registro dos **“Saberes, Linguagens e Expressões Musicais da Viola em Minas Gerais”** como patrimônio cultural imaterial.

De acordo com o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha-MG) – fundação vinculada à Secretaria de Estado de Cultura que atua no campo das políticas públicas de patrimônio cultural –, a preservação da cultura ligada à viola em Minas Gerais é muito importante para seus valores históricos, socioculturais e identitário.

Dessa forma, o registro dos **“Saberes, Linguagens e Expressões Musicais da Viola em Minas Gerais”** passou a integrar o conjunto dos bens culturais reconhecidos como patrimônio de natureza imaterial de Minas Gerais que também engloba o Modo de Fazer o Queijo Artesanal da Região do Serro (2002), a Comunidade dos Arturos, de Contagem (2013), a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (2014) e as Folias de Minas (2017).

Reconhecimento da viola como patrimônio cultural

De acordo com o músico, pesquisador e produtor cultural João Araújo, a ideia de transformar a viola como patrimônio cultural partiu de seus estudos. **“A ideia inicial não era que a viola fosse patrimônio cultural de Minas, mas sim da humanidade. Mas, nada se chega ao reconhecimento oficial da Unesco, se não for primeiro patrimônio do país de origem”**, explica.

“Eu sou mineiro e não sou bobo”, brinca João Araújo, ao completar: **“Pensei que poderíamos tornar nosso estado um local de referência para a viola, atraindo turistas, artistas e apreciadores de todo o mundo; movimentando, então, a cultura, o turismo e a economia”**.

O músico realizou uma longa pesquisa sobre a viola e seus principais expoentes, constatando que, com exceção de Almir Sater, os maiores violeiros de nosso país são de Minas Gerais, a citar: Tião Carreiro (um dos mais conhecidos músicos brasileiros), Pena Branca (ganhador do Grammy Latino de Melhor Disco Sertanejo com o álbum Semente Cai-pira), Zé Coco do Riachão (ganhou prêmio na Alemanha), Ivan Vilela, Alberto Correia, Manduca e Manduquinha, Goiás, Tavinho Moura (violeiro e violonista do Clube da Esquina), entre tantos outros.

“Em 2015, montei um documento com embasamento teórico e histórico, juntamente com uma lista de violeiros mineiros. Um amigo que era assessor de um deputado me ajudou a entrar com o projeto na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. O projeto foi aprovado e enviado à lepha, que simplesmente o ignorou naquela época”, conta.

Com o parecer negativo do lepha, João Araújo buscou o órgão federal competente para entrar com seu requerimento, no caso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Lá, ele foi informado que precisaria desenvolver um projeto com regras rígidas e informações muito bem embasadas e minuciosas. **“Assim, passei dois anos pesquisando e montando esse projeto até que, em 2017, protocolei o requerimento para que a viola fosse reconhecida patrimônio cultural do Brasil”**, explica.

No mesmo ano, ele conseguiu de maneira espontânea que 102 violeiros gravassem um vídeo apoiando seu projeto. Mas, por ironia do destino, o lepha acabou voltando atrás e resolveu reconhecer a viola como patrimônio imaterial da cultura de Minas Gerais, antes que ela pudesse ser reconhecida nacionalmente.

Foto: Jornal O Tempo



João Araújo
músico, pesquisador
e produtor cultural



Internet

Do alaúde à viola caipira: a história da viola

Ainda que muitos tratem a viola como um instrumento que toca ‘apenas’ uma bela moda caipira, é fundamental ressaltar que além do clássico modão, ela ainda pode ser tocada em mais 15 diferentes ritmos. A cultura caipira e a viola se encontraram e não se desgrudaram mais, mas a história desse instrumento é antiga, muito mais do que a grande maioria dos apreciadores possa imaginar.

Nascido e criado em Contagem, João Araújo é um grande estudioso da viola e vai sempre além para justificar seus argumentos a respeito de sua importância para nosso país e porquê enaltecer Minas Gerais e até mesmo Contagem quando o assunto é a valorização cultural do instrumento.

“Conta-se que, em 1715, a cidade de Contagem era chamada de São Gonçalo do Ribeirão dos Abóboras. São Gonçalo foi um santo, na verdade um beato, que era violeiro e por viajar bastante tornou-se um santo protetor dos viajantes, além de também ser o santo protetor dos violeiros. Assim, na minha concepção, a cidade de Contagem tem tudo a ver com São Gonçalo, que tem tudo a ver com a viola”, conta João Araújo.

Contudo, muitos anos antes dessa época, em outro lugar do mundo, mais precisamente entre os séculos VII e XIV, os louros saíram da África e levaram a cultura muçulmana para a península Ibérica, fundando o Império Otomano e dominando a região por sete séculos. Junto consigo, eles levaram um instrumento chamado alaúde, que era tocado no colo. Com o tempo, o instrumento do invasor foi inspiração para o surgimento da vihuela (em espanhol, trata-se de uma palavra genérica que significa instrumento de cordas).

Já no século XIII, Portugal começou a registrar em documentos a palavra viola, porque os portugueses não queriam falar vihuela e nem alaúde. E, segundo João Araújo, eles estavam certos, pois eram instrumentos de outros países. A partir daí, qualquer instrumento que aparecesse com cordas passou a ser chamado de viola, seja ele com 10 cordas, 12 ou até 14. Assim, explica o músico e pesquisador, nasceu a palavra viola.

Alguns tempo depois, ao surgir um instrumento chamado guitar, vindo do norte da Europa, os portugueses logo o batizaram simplesmente de viola. Porém, as guitars tinham oito cordas e as vihuelas, que vieram dos alaúdes, tinham 12. **“Essa é a viola que chega ao Brasil, ou seja, não a viola como conhecemos de 10 cordas, mas esses instrumentos: guitars e vihuelas”**, explica João Araújo.

Embora não seja cientificamente comprovado pela organologia, a ciência que estuda o instrumento, de acordo com o músico, a principal característica que define a viola é a presença de 10 cordas em cinco pares. **“Essa diferença começou por volta da segunda metade do século XVIII, quando o violão/guitarra passou a ter seis cordas, se diferenciando. Até então, haviam violas e violões/guitarras de seis e dez cordas. Mas, ao longo da história existiram violas de 4 cordas, de 8 e até de 12”**, relaciona.

Destaca-se que um dos primeiros violeiros que se tem notícia no Brasil foi o escritor Gregório de Matos, que tocava viola de cabaça já no século XVII. Além disso, os registros na história sobre a viola no país remontam ainda às modinhas e ao lundu, ritmos trazidos pelos escravos africanos e muito populares no século XVI.

Viola caipira

De acordo com Mestre Malaquias, violeiro e luthier de Belo Horizonte, atualmente, existem sete tipos de viola, entre eles a viola caipira. Sua história remonta ao surgimento dos contos de Cornélio Pires que difundia a cultura caipira em suas obras literárias, no início do século XX. Antes disso, segundo o violeiro, a viola chegou a ser utilizada pelos jesuítas para catequizar os índios.

“A viola caipira é filha do alaúde e busca valorizar o trabalhador do campo, é uma música boa que fala da colheita, da agricultura, de bois, da roça. Por isso ela se tornou mineira”, explica.

O violeiro ainda lembra que foi em 1929, que a primeira música sertaneja executada com viola caipira foi gravada no Brasil. Intitulada “Jorginho do Sertão”, ela foi executada pela dupla Mariano & Caçula, mas composta por Cornélio Pires, que, além de escritor, foi um jornalista e pesquisador da cultura caipira, fundador do grupo Turma Caipira, que contava com as duplas Alvarenga & Ranchinho, Torres & Florêncio, Tonico & Tinoco, Vieira & Vieirinha.

A importância de Cornélio Pires é tamanha que a data de seu nascimento, 13 de julho, foi escolhida para ser celebrado o Dia Nacional da Música e da Viola Caipira. A primeira ‘moda de viola’ gravada no país pode ser conferida no Youtube, neste link:

www.youtube.com/watch?v=17P7iTvnceM. ▶

Grandes representantes da viola: de Minas Gerais para o mundo

João Araújo

“A minha carreira toda é dedicada a mostrar às pessoas que a viola é muito mais do que um instrumento da música caipira. A viola é um instrumento que toca qualquer música boa e é essa a minha ‘briga’ com o pessoal da música caipira, porque muitos deles querem que a ela toque apenas ‘as modas’. Eu toco Bach, Mozart na viola e é isso que tenho feito na minha carreira, por meio do projeto Viola Urbana”, destaca João Araújo.

Músico, compositor, pesquisador e produtor cultural que busca universalizar a viola enquanto um rico instrumento que vai muito além das modas caipiras, ele começou a se enveredar pelos estudos da música quando tinha apenas 12 anos. **“Continuo sendo criança e a aprender música”,** brinca.

Nascido em Contagem, ainda pequeno, ‘sapiava’ as aulas de música do irmão mais velho Geraldo e vez ou outra apontava: **“Vocês estão cantando essa música de maneira errada”.** Pouco tempo depois, ao conferir os LPs, o irmão e o professor perceberam que aquele menino tinha razão.

Desde aquela época, ele sempre teve memória boa para ouvir e guardar, além de cultivar verdadeira paixão por ler histórias e encartes de LPs. O irmão seguiu outro caminho profissional e aquele menino que tirava as melhores notas no colégio e passava o dia todo lendo clássicos da literatura brasileira e os encartes dos LPs de boa música acabou se apaixonado pela arte das melodias, pela viola e se transformou em músico profissional.

O início da carreira foi ainda na adolescência, quando o irmão se recusava a ir para a noite com os amigos e ele se colocava a disposição para tocar com a turma de rapazes mais velhos. **“Eu falava que sabia tocar uma música e ao voltar para a casa, já havia aprendido a tocar três. No outro dia que saia com a turma, eu já sabia tocar três músicas e aprendia mais duas”,** se diverte.

Porém, somente em 2000, lançou o primeiro álbum, o que marcou sua profissionalização enquanto músico. Com o primeiro álbum já estourado, ele gravou o segundo, em 2007, época em que figurou em vários programas de televisão.

Destaca-se que o grande diferencial de João Araújo é seu modo de estudar a viola, sempre com muita análise, focando em melodia, além da harmonia. **“Estuda-se muito harmonia no Brasil, ou seja, o professor ensina os alunos a tocarem as canções que eles querem, como fazer as posições corretas. Porém, pouco se fala em melodia, o que, a meu ver, não pode ser desmembrado da harmonia e do ritmo”,** explica, ao revelar que este estudo vem sendo desenvolvido há cerca de cinco anos.



Foto: Arquivo Pessoal

Mestre Malaquias da Viola

Apaixonado pela viola caipira, Marcos Aparecido Malaquias, o conhecido Mestre Malaquias da Viola, toca o instrumento que carrega em seu nome artístico desde os 14 anos, uma boa influência de seu pai, Sr. Pedro, que era sanfoneiro, e de seu tio Antônio Macário, andarilho e violeiro. Aprendeu a dominar a arte da música com o auxílio do professor Fernando Sodré, por quem tem enorme carinho e admiração.

Para ele, o grande mestre da viola caipira é Tião Carreiro e por sua grande paixão musical desenvolve vários projetos voltados para levar cultura às comunidades, além de ter se desenvolvido inclusive no ofício de luthier, ou seja, ele também fabrica suas próprias violas, além de comercializá-las.

Ao desenvolver uma técnica própria de fabricação de violas, Mestre Malaquias se destaca na construção do instrumento com características de som e acabamentos que envolvem marchetarias, escalas, tampos e entalhes, tudo com sua marca diferenciada.

Natural da pequena cidade de Rio Espera, em Minas Gerais, sempre esteve envolvido com a música, especialmente nas festas de folia e congado. Mas, em sua vida, nem tudo foi sempre boa música. Ainda muito jovem trabalhou como montador de móveis para ajudar a mãe em casa, mas a crise dos anos 80 o deixou desempregado e o obrigou a viver de resíduos coletados no lixão de Contagem. Por nove meses o violeiro viveu um inferno que pareceu eterno.

Mas, com o incentivo de sua mãe que via nele um grande talento, ele se esforçou, comprou um violão e uma viola usada e começou a tocar em bares, contando com a boa vontade do público que lhe garantia alguns trocados. **“Um guerreiro só para de lutar depois que lhe faltar a vida, mas enquanto respira, não desiste nunca”**, frisa Malaquias da Viola.

Em pouco tempo, ele conseguiu se reerguer e voltou a trabalhar como montador de móveis, mas seu destino já estava traçado com a viola, como músico e como luthier. Ao assistir um show de Renato Andrade e de seu professor Fernando Sodré, ficou encantado e decidido a seguir na mesma carreira. Com a viola em punho, ele se colocou na estrada e começou a participar de festivais e seminários, na busca incessante por conhecimentos e experiências.

Assim, ao desenvolver a própria técnica, logo se enveredou na fabricação do seu instrumento preferido. Além de tocar e fabricar viola, Malaquias sempre gostou de levar cultura e tradição por onde fosse. Por isso, fundou o Grupo Raiz Arte e Cultura Sem Fronteira (PRACSF) em novembro de 2013. Trata-se de uma ação sociocultural e empresarial, que busca valorizar a arte na sociedade.

Mestre Malaquias da Viola se identifica como um artista genuinamente caipira, um defensor e admirador da música caipira ao som da viola. **“Malaquias é um profeta bíblico, cujo nome significa ‘mensageiro’ e é isso que eu busco fazer de minha vida, como um mensageiro levo música, cultura e arte às comunidades, valorizando as tradições de nosso povo”**, completa.

Ao longo do tempo, além de músico, luthier e mensageiro da cultura de raiz, Mestre Malaquias da Viola também se tornou professor de música e produtor cultural. Ao seu cargo estão os projetos Raiz e tradição, Grupo de Seresta Águia, Contação de Histórias e Mensageiros da Viola.

Recentemente, a jornada de Mestre Malaquias da Viola foi contada em cordel por Olegário Alfredo (mestre Gaio), cordelista membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. A obra, intitulada “Mestre Malaquias da Viola: O mensageiro do otimismo” ganhou como capa a ilustração feita em xilografia pelo artista Nonato Araújo. Também foi homenageado com o Certificado Cultural do Fuzuê Cultural do Jaraguá de Fortaleza (CE).



Foto Arquivo Pessoal

Zé Antônio Viola

Zé Antônio Viola nasceu em Belo Horizonte e, desde a juventude, a boa música de raiz já despertava sua atenção. Na década de 1970, ele começou sua história com a viola, mas a profissionalização enquanto músico e produtor cultural somente veio anos depois, a partir de 2010.

Ele começou a tocar violão com apenas sete anos e cerca de 10 anos mais tarde descobriu a viola, por meio de um grande amigo.

“Ao ver meu amigo Raimundo Pradino [editor da Revista Viva Grande BH] tocar uma craviola, fiquei encantado com aquilo. Eu tinha sido dispensado do trabalho, peguei meu acerto e fui a uma famosa loja de música no centro de Belo Horizonte para comprar a minha craviola. Chegando lá, além de ter sido muito mal tratado pelo vendedor, ele ainda riu de mim por causa do pouco dinheiro que eu tinha para comprar o instrumento”, conta, saudosista.

Desiludido, Zé Antônio – que ainda não era Viola – saiu cabisbaixo pelas ruas e, ao caminhar pelo Mercado Novo, entrou na loja Rei do Disco para pesquisar alguns LPS. Enquanto decidia por comprar alguns dos discos, se deparou com um instrumento pendurado logo acima de sua cabeça.

“Moço que instrumento é aquele ali?”, perguntou. E, então, o vendedor respondeu: **“É uma viola caipira”**.

Ali, naquele momento, foi paixão à primeira vista.

“Me deu um aperto do coração, uma sensação de nostalgia. Primeiramente perguntei se ele tinha o método para que eu pudesse praticar e depois indaguei, com certo temor, pelo preço”, conta.

Para sua felicidade, a viola caipira não apenas coube no seu orçamento – ele tinha 6 mil cruzeiros e o instrumento custava 2,5 mil cruzeiros – como também pode comprar as cordas e ainda levou de brinde a capa e o método.

Naquele momento, antes mesmo do músico saber tocar o instrumento, nasceu o Zé Antônio Viola. Em pouco tempo, ele se aperfeiçoou e na sequência gravou o projeto “Viola Urbana”, com um ex-aluno de música, ninguém mais ninguém menos que João Araújo. Zé Antônio Viola revela que no tempo em que morou de aluguel na casa do pai de João, ainda criança, acabou compartilhando com ele o que já sabia de música naquela época.

“Lembro bem quando reencontrei João Araújo e ele me mostrou seu primeiro álbum. Assim que ouvi constatei o quão maravilhoso havia ficado”, lembra.

Do reencontro saiu um trio formado por Zé Antônio Viola, João Araújo e Marisa Minas, que encantou o público por onde se apresentou, trabalho que acabou dando origem ao número um do projeto “Viola Urbana”.

Anos mais tarde, curioso e agradecido, ele fez questão de visitar a fábrica de sua primeira viola em São Paulo, a Casa Del Vecchio. **“Inclusive, tive a felicidade de achar o luthier que fabricou aquela viola e o cumprimentar pessoalmente”,** conta.

Como todo violeiro tem suas especialidades, uma das mais especiais de Zé Antônio Viola é seu modo de tocar na afinação rio abaixo. Ele explica: **“Essa é uma afinação rara entre os violeiros, é a mesma de Almir Sater. Para quem não sabe, a viola possui 37 afinações diferentes e as mais comuns são cebolão em Mi, cebolão em Ré e rio abaixo, que é muito ligada às ‘mineirices’, à música caipira”**.



Foto Arquivo Pessoal

Outra especialidade de Zé Antônio Viola é seu intenso trabalho em prol da preservação das tradições e da cultura raiz. **“Fui observando que, através da viola, podemos conhecer outros segmentos de nossa cultura, como por exemplo, os quatro toques do berrante e a dança da Catira”**, conta. Assim, em 2012, ele criou a Oficina de Estudo de Viola, que conta com dezenas de alunos, violeiros que vão dos seis anos à melhor idade. Nesse projeto, o músico ensina não apenas a arte de tocar viola, mas também passa aos seus oficineiros às tradições de nossa gente.

Atualmente, a oficina funciona em uma escola de música de Betim (MG), mas de tempos em tempos ela costuma ser itinerante. Há pouco tempo, o músico e apresentador Chico Lobo, encantado com o trabalho do amigo, convidou Zé Antônio Viola para uma apresentação em seu programa Viola Brasil, da Rede Horizonte, com a orquestra da oficina. **“Levei 18 violeiros, entre meninas e meninos, todos da Oficina de Estudo de Viola. Montamos uma orquestra linda e foi um sucesso”** revela.

Importante destacar que os violeiros da oficina não são remunerados e nem pagam pelas aulas, além disso Zé Antônio Viola conta com o auxílio de patrocinadores que ajudam nos custos de viagens, produção de camisetas e lanches. Os encontros acontecem a cada 15 dias.

Para esse apaixonado pela viola caipira, o instrumento é o amor pela cultura. **“A viola é isso. É a simplicidade. Não é exibicionismo, é sensibilidade”**, finaliza.



Foto Arquivo Pessoal

Contatos:

João Araújo:

<http://www.violaurbana.com/>

<https://www.facebook.com/joao.araujo.viola>

Mestre Malaquias:

<http://projetoraizarteecultura.blogspot.com/>

<https://www.facebook.com/malaquias.daviola.5>

Zé Antônio Viola:

<https://oficinadeestudovio.wixsite.com/oficinadeestudoviola>

<https://www.facebook.com/zeantonio.viola>



Serum Facial Regenerador Anti-Age

Loção fluída altamente nutritiva que reduz rugas, bolsas palpebrais e linhas de expressão. Efeito Botox Like. Testado cientificamente. Contém Veneno de Cobra.

Serum Vitamina C

Loção fluída que combina Ácido Ascórbico, Ferúlico e Vitamina E. Possui ação antioxidante e promove clareamento e renovação celular.



BB Cream

Multifuncional tonalizante com FPS 50 que corrige as imperfeições da pele. Oil free. Toque seco e aveludado.



BB Powder

Pó compacto tonalizante com FPS 50 que corrige as imperfeições da pele. Oil Free. Toque seco e aveludado.



Protetor Solar

Foto bloqueador com tecnologia tridimensional, que previne o fotoenvelhecimento cutâneo causado pelos raios UVA e UVB, Toque seco e aveludado.

Sabonete Mousse

Remove o excesso de oleosidade e elimina as impurezas da pele. Sem sulfato. Com Água Termal.



Creme Corporal Bioativador

Auxilia na tonificação da pele, tornando-a mais suave, luminosa e hidratada



Esfoliente Bio Complex

Esfoliente físico e químico, com Ácido Glicólico e Microesferas de Cera. Sem Polietileno.



Sabonete Banho de Chá

Remove o excesso de oleosidade da pele e promove uma profunda nutrição.

Cada embalagem vem com 3 unidades.



Bruma Aqua Derma

Água plus com Biotinerais, Ácido Hialurônico, Aloe Vera e Colágeno.



PERMEATA
DERMOCOSMÉTICOS

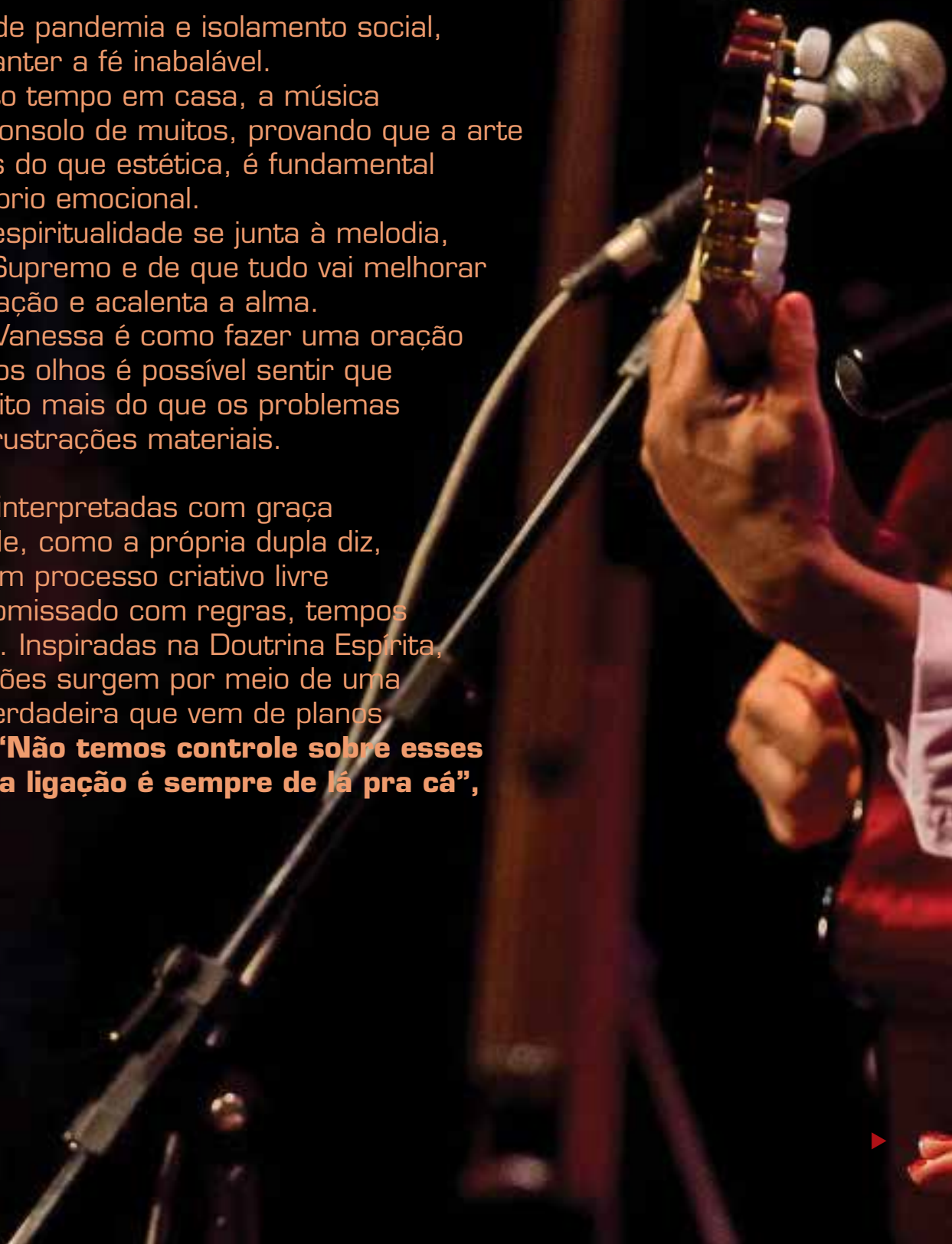
WWW.PERMEATA.COM.BR

Tim e Vanessa:

acalento para a alma em forma de canção

Em tempos de pandemia e isolamento social, é preciso manter a fé inabalável. Estando tanto tempo em casa, a música tem sido o consolo de muitos, provando que a arte é muito mais do que estética, é fundamental para o equilíbrio emocional. E quando a espiritualidade se junta à melodia, a fé no Ser Supremo e de que tudo vai melhorar invade o coração e acalenta a alma. Ouvir Tim e Vanessa é como fazer uma oração e ao fechar os olhos é possível sentir que há mais, muito mais do que os problemas terrenos e frustrações materiais.

As canções interpretadas com graça e simplicidade, como a própria dupla diz, é fruto de um processo criativo livre e descompromissado com regras, tempos e momentos. Inspiradas na Doutrina Espírita, as composições surgem por meio de uma inspiração verdadeira que vem de planos superiores. **“Não temos controle sobre esses processos, a ligação é sempre de lá pra cá”**, contam.







De acordo com Tim e Vanessa, no trabalho musical que desenvolvem não há mágicas, não há mediunidades ostensivas e nem deslumbramentos. **“Não raro, também nos emocionamos, choramos, rimos e aprendemos, como todo mundo, ao ouvir algumas dessas canções”**, relatam. Para a dupla, o aprendizado é de todos e o compromisso, como artistas, é sustentar as vibrações fraternas, buscando sempre o **‘belo bom’**.

Tim Santos (57) é instrumentista autodidata (violão e contrabaixo) e Vanessa Santos (55) sempre foi apaixonada por canto. Ele aprendeu as primeiras notas aos 16 anos e tocou em várias bandas de estilos musicais diversos. Ela sempre cantou por influência da família e a primeira apresentação em público foi em 1992 com o Grupo Estradas. Mas, foi em 1995, que os irmãos se apresentaram juntos pela primeira vez, interpretando “Duplo Eterno”; Tim no contrabaixo e ela nos vocais.

Tim conta que a música sempre foi um gosto pessoal no qual deposita seus sentimentos e aprendizados. As apresentações são profissionais, mas a música espírita em si não é literalmente um trabalho para o músico. Vanessa também compartilha do mesmo sentimento do irmão. Para ela, cantar sempre foi um grande prazer e na música espírita se considera uma ‘tarefeira’ na divulgação do Evangelho e da Doutrina Espírita.

Além da música, Tim também se dedica profissionalmente ao design gráfico e Vanessa à costura criativa, trabalhando como artesã.



Inspiração que vem da Doutrina Espírita e do Evangelho

Os irmãos foram criados em uma família cristã católica. Tim tornou-se espírita quando conheceu sua atual esposa, em 1988. Já Vanessa conheceu a Doutrina Espírita aos 15 anos, acompanhando a família de uma amiga em atividades assistenciais em uma casa no bairro Itapoã, em Belo Horizonte. Atualmente, os irmãos fazem parte do Grupo Espírita “O Consolador”, que fica no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte.

“Antes de conhecer a Ruth, minha esposa, eu tinha me tornado espiritualista, pois não queria compromisso com nenhuma religião. A Ruth é espírita convicta. Em nossos embates filosóficos, eu tentava provar-lhe que essa era mais uma doutrina complicada. Para levar a cabo essa ideia preconceituosa, busquei ler ‘O livro dos Espíritos’ para achar ali algo condenável, escuso ou falso. Qual não foi minha surpresa ao me encantar com as revolucionárias perguntas e respostas ali contidas. Não só me apaixonei pela Doutrina Espírita, mas também passei a ser um divulgador dela, através de nosso trabalho musical”, revela Tim.

Embora a história de Tim e Vanessa, juntos, tenha tido início quando nasceram na mesma família, a dupla musical nasceu quando conheceram Gladston Lage, poeta e pedagogo, no Grupo Espírita “O Consolador”. Logo nasceu uma grande amizade e ele passou a ter seus poemas musicalizados pela dupla. Quando perceberam já haviam composto o primeiro álbum, “Senhor das Estrelas”.

“Em nossa Casa Espírita a música sempre foi muito importante em praticamente todas as atividades, como evangelização e estudos públicos. Cantávamos, em princípio, as canções católicas que conhecíamos, até que as primeiras canções foram surgindo da feliz parceria de Tim e Gladston”, revela Vanessa.

Desde então, a parceria entre os três se fortalece a cada dia. **“Quando ele tem alguma inspiração para escrever sobre algo ou algum tema de estudos, logo registra no papel em forma de poemas”,** contam. E assim, muitos desses poemas que chegaram às mãos da dupla e se tornaram canções, como “Senhor das Estrelas”, “Aurora”, “Concepção Astral”, “Verbos”, entre inúmeras outras.





De acordo com Tim e Vanessa, algumas canções falam mais da parte doutrinária do Espiritismo, outras da parte evangélica ou dos personagens bíblicos, mas tudo em uma atmosfera poética, que leva à reflexão sobre os pontos de ligação com as experiências reencarnatórias (conforme a fé dos espíritas).

“Mas não há nenhum compromisso com temas específicos. Se a inspiração acontece, o trabalho então se converte em canções”, ressaltam.

“Embora simples, nossas canções carregam nossas experiências e aprendizados no campo da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus. Essas duas asas alicerçam o caminho da evolução do espírito imortal. Por misericórdia divina, essa ascensão se faz aureolada de manifestações artísticas. Que possamos, assim, enriquecer cada vez mais nossas canções do mais puro olhar cristão na Terra com vistas a um futuro mais feliz para todos”, complementam.

Discografia e apresentações

Tim e Vanessa já lançaram seis álbuns: Senhor das estrelas (2000), Pétalas da Inspiração (2001), Verbos (2003), Espiritismo em Canção (2008) e Cântaro (2019). A dupla já teve a oportunidade de conhecer centenas de casas espíritas em vários estados brasileiros em uma jornada de mais de 25 anos de apresentações musicais.

O mais recente trabalho, “Cântaro”, de acordo com Tim e Vanessa, veio para preencher uma lacuna de novas canções que já estavam prontas, mas não haviam sido gravadas. Assim, para divulgá-lo, realizaram uma apresentação ao vivo, na qual aproveitaram também para fazer algumas releituras de canções mais antigas (os vídeos podem ser conferidos no site da dupla).

Destaca-se que as apresentações não pararam em 2020, mesmo com o isolamento social imposto pela pandemia. Tim e Vanessa puderam e ainda podem ser vistos em várias lives que, para eles, **“vieram atender a necessidade do ser humano de estar junto do seu semelhante, de se olharem, sentirem vivos e se emocionarem”**.

Site: timevanessa.com.br/ | Facebook: [/timevanessa](https://www.facebook.com/timevanessa)
Instagram: [@timevanessa_oficial/](https://www.instagram.com/timevanessa_oficial/) | Youtube: [/user/timevanessa](https://www.youtube.com/user/timevanessa) ■

A vida pauta a moda

Como o coronavírus influenciou as tendências de peças na nova estação

Victor Dzenk



Que a pandemia do Coronavírus afetou a nossa forma de vestir é fato, mas mesmo em um cenário pós-covid, no quesito moda, tudo está diferente. Em estudos de tendência para as estações mais frias do ano, várias peças que antes não estavam em evidência, agora, ganham força e tomam as passarelas.

O homewear, por exemplo, explodiu durante a pandemia e continuará em alta. No novo cenário, as pessoas podem sair de casa, mas ainda assim, optam por passar mais tempo no lar. E é por isso que essa trend segue firme e forte!

Com o retorno da vida corporativa - mesmo que em modo homeoffice - vemos surgir o workwear. A nova proposta oferece looks bem confortáveis mas com a pegada corporativa. Terninhos em tecidos leves, tshirts e os tênis compõe esse novo estilo.

Outra trend que vem com tudo são as blusas com gola rolê-mask. Elas sobem até a altura do nariz fazendo a vez da máscara e garantindo a proteção. ▶









Em contexto geral, a moda se prepara - mais uma vez - para se reinventar. Com um apelo comercial bem mais sutil, a ideia é que as novas coleções fujam de tendências e apostem em cheio nas peças atemporais.

Reafirmando a importância do segmento, as marcas devem investir em durabilidade, sustentabilidade e outras questões sociais.

Victor Dzenk
Design de Moda

victordzenk@victordzenk.com



Pedro Lázaro e a Arte

Por Júnia Nocchi
Edição: Fábio Gomides

A relação que o arquiteto Pedro Lázaro desenvolveu com as artes ao longo de sua vida é de certo modo muito singular. Mais que admirador, Lázaro possui um olhar clínico para analisar e identificar o potencial de um artista em ascensão, além de despertar no espectador essa vontade de promover uma imersão pelo universo criado por ele para abrigar todos esses trabalhos que o fascinam. Suas participações na CASACOR, principalmente na edição de Minas Gerais, sempre fizeram questão de elucidar essa sua conexão com a arte, garantindo esse lugar de experimentação e a formação desse olhar que hoje é tão aguçado a ponto de identificar os rumos do mercado.

E a criação destes ambientes instigantes e carregados de conceitos e significados em perfeito diálogo com o que há de mais relevante no cenário artístico brasileiro contemporâneo contribuiu muito para inseri-lo no que denominamos como a alta costura da arquitetura brasileira.

E é por este motivo, que ele é o entrevistado da nossa colunista Júnia Nocchi nesta edição. A conversa teve como objetivo refletir sobre o papel da arte em seu trabalho.





Nos projetos de Pedro Lázaro, as obras de arte possuem uma função que vai além da composição do ambiente. Elas dão a tônica do espaço. Por este motivo, é comum perceber peças de mobiliário posicionadas estrategicamente, possibilitando que o morador/visitante possa não apenas contemplar, mas vivenciar a arte no seu cotidiano



Os seus projetos nas áreas de arquitetura, design de interiores e cenografia possuem uma relação muito forte com arte de um modo em geral. Como surgiu isso?

Eu entendo que o vazio é uma grande matéria-prima tanto na arquitetura quanto para o design de interiores. Mesmo que seja um objeto arquitetônico consolidado onde você vai criar um espaço interior, no meu ponto de vista ele é vazio. Vazio dos valores humanos, das características do habitante, de histórias e de memórias, eu trato este lugar como um grande nada para só então iniciar meu processo de construção. E nessa relação, o ser humano tem uma função importantíssima que é de dar um novo sentido àquele espaço e, para mim, a maneira mais genuína de isso acontecer é por meio da arte e da pluralidade que ela carrega/symboliza uma vez que ela consegue unir em uma única peça a matéria e os sentimentos.

E essa sua sensibilidade para a arte começou quando?

Desde muito cedo eu via um objeto de arte e ficava muito encantado com tudo aquilo. Na época eu não sabia direito o porquê, mas com o tempo eu fui percebendo que era porque ali estava a manifestação de um ser humano íntegro, que acredita nas suas verdades, na sua formação e que tem a necessidade de se expressar daquela maneira. Todos nós temos essa necessidade de nos expressarmos de alguma forma e o artista leva essa questão da expressão até as últimas consequências, ou seja, ele materializa questões e percepções individuais intransferíveis. E isso nos coloca em confronto com muitas questões que são nossas, estabelecendo diversas conexões. Isso tudo foi me deixando cada vez mais emocionado cada vez que eu entrava em um museu ou percebia algum elemento até mesmo da arte popular na minha rotina como profissional criativo.

E qual foi a primeira obra que você adquiriu na vida?

Aos 19 anos, eu tinha uma amiga chamada Vanessa, que comercializava alguns trabalhos e ela estava com série de obras do Marco Paulo Rolla e eu fiquei encantado com tudo aquilo e adquiri um trabalho. Tenho um amigo, que é curador, e que diz que na arte contemporânea quando você consome o primeiro, você é picado por uma espécie de inseto que vai te colocar em contato com ela de uma forma ou de outra para sempre. Tudo porque, à medida em que você disponibiliza recursos financeiros para comprar algo tão imaterial como a arte, você imediatamente é transportado para um mundo muito otimista e se entrega à crença de que o ser humano é incrível, de a percepção dele da natureza é algo mais incrível ainda.

De uns tempos para cá, você tem desenvolvido um olhar muito apurado para identificar novos talentos da arte e quem serão os nomes promissores da atualidade.

Eu não sou uma pessoa que faz uma curadoria de arte efetiva. Nunca estudei academicamente a arte além das questões inerentes à arquitetura, filosofia etc. Tenho um longo caminho de estudos a percorrer nesse sentido e, se acontecer, será resultado de uma trajetória muito fluida e natural em consequência da minha carreira. Nada é mais verdadeiro que sua capacidade de ficar emocionado por alguma coisa. E é uma sensação que vem do nada. A pele arrepia, o olho enche d'água e por aí vai. E por causa dessa minha proposta de trabalho e de olhar, eu comecei a manter contato com essas pessoas que simbolicamente, para o mercado de artes, ainda não "existiam". E aí eu comecei a adquirir alguns objetos e comecei entender as estruturas processuais reais da arte contemporânea. E então percebi que eu comecei a ser contratado por pessoas que, além de uma boa arquitetura e de um design e de um pensamento estético mais elaborado no sentido humano, as pessoas queriam ter um contato mais próximo com a arte porque elas também estavam se emocionando da mesma forma que eu. E isso me deu ainda mais força e mais vontade de entrar cada vez mais nesse universo.





E agora me conta um pouco mais sobre a sua coleção. Qual ou quais artistas você gostaria de destacar neste momento?



A minha coleção foi construída com muito senso intuitivo e emocional. Nunca imaginei por exemplo, ao comprar um trabalho do Iran do Espírito Santo há um tempo atrás, que hoje ele valeria no mínimo 40 vezes o valor pago na época. Também nunca imaginei que o trabalho da Sarah Lucas, uma inglesa que eu comprei na década de 90 fosse ficar tão valorizado. Isso aconteceu na verdade com quase todo o meu acervo. Mas independente de valores de venda, todas essas obras foram adquiridas porque são trabalhos que me emocionaram muito. E hoje eu estou muito apaixonado pelo trabalho da Erika Verzutti que se chama Cérebro Cisne. Ela é uma pessoa que trabalha exaustivamente dentro da sua pesquisa e esta é uma obra que me tira do sério de tanta beleza que ela carrega. Bárbara Wagner também dentro deste meu momento. Minha coleção hoje possui cerca de 120 itens, eu costumo fazer um rodizio de obras aqui em casa. E esses dias eu trouxe um trabalho da Barbara logo para a entrada da minha casa. Na verdade, tudo que eu tenho eu gosto bastante. Alguns trabalhos entram e saem de casa várias vezes e alguns outros como de José Bento e Roberto Bethônico nunca saíram, apenas vão trocando de lugar. Também queria destacar o trabalho da Rochelle Costi, que está posicionado de uma forma que parece mais um elemento do espaço arquitetônico, que me fascina. Em determinados momentos você fica mais apaixonado por uma ou por outra, em função de vários fatores como momento histórico, estado emocional etc. Muitas vezes eu reservei peças até sem saber o preço. A escolha foi totalmente baseada na minha conexão com aquele trabalho. ■



Junia Nocchi

Consultora em relacionamento
e RP da Casa Cor Minas
31 99970.7719
junocchi@hotmail.com

Crioterapia: cuidando da beleza e fortalecendo a imunidade

Ao contrário do que dizem as mães, leve um agasalho vai fazer frio! Como se o frio fosse um grande vilão. Na realidade o frio é o primeiro aliado para fortalecer corpo e mente quando se trata de Crioterapia.



Dra. Ghinolfi Ilse

Estive no estúdio médico ANTIAGING MILANO e entrevistei a Dra. GHINOLFI ILSE. Ela é especializada em medicina estética, e ela explicou porque o frio faz tão bem ao nosso corpo e a nossa mente.

Chegou a hora de desassociar Frio x resfriado, febre x agasalho; **é possível aumentar a defesa imunológica com um super resfriamento do corpo e a ainda ter benefícios para sua beleza?** Sim! Com um "banho" frio dentro de uma cabine com temperaturas variando entre - 85* a -110* graus com duração de 3 a 5 minutos - é a Crioterapia.

Para nós brasileiros, que vivemos no famoso país tropical pode parecer uma tortura, mas eu posso assegurar que não é. Passei pela experiência, fazendo uma sessão. Inicialmente são de 3 minutos. Aumenta-se o tempo nas sessões seguintes de acordo com a resistência e necessidade de cada pessoa.

A Crioterapia também conhecida como Terapia do frio, e, acreditem não é uma novidade. Muitas celebridades como Madonna, Lady Gaga, Cristiano Ronaldo entre outros já fazem esta terapia, chamada banho de gelo. Eles já postaram vídeos no Instagram, mergulhando em uma banheira cheia de gelo com 41 graus negativos.

Este método deve ser acompanhado por um profissional pois com temperaturas abaixo de 0 graus, é preciso ter cuidado na aplicação direta na pele, já que o uso desta técnica durante tempo excessivo, pode levar a uma queimadura pelo frio.

A novidade da crioterapia está na criocâmara na qual não se molha o corpo. É como se fosse uma sauna ao contrário, com temperaturas muito baixas, de 85 até 110 graus negativos, onde não existe contato direto com o gelo, assim não ocorrendo riscos de queimaduras na pele.

Ohara: Dr. Ghinolf, quais são os benefícios da crioterapia?

Ghinolf - A Crioterapia é benéfica para a estética, saúde e bem estar além de acelerar a recuperação de lesões e reduzir a sensação de fadiga. A crioterapia é utilizada em ambiente desportivo, sobretudo em lesões traumáticas de tecidos moles, para redução da inflamação.

Na estética: tonifica a pele. É anti celulite, auxilia na perda de peso, acelera o metabolismo, elimina retenção hídrica.

Para o bem estar: reduz o estresse e distúrbios do sono, elimina toxinas, estimula o sistema psíquico, reduz espasmo musculares reduz a tensão da musculatura, melhora a circulação.

Para a saúde: Reduz patologias inflamatórias, cura fibromialgia, reduz pequenas lesões, recupera a musculatura, cura neurodermatite/psoríase, reduz reumatismo.

Ohara: Existem contraindicações?

Ghinolf - A crioterapia está contraindicada, em pessoas com patologias cardíacas importantes nos últimos 6 meses.

Está provado: frio faz bem para a nossa beleza e aumenta nossa defesa imunitária. Nos revigora e nos dá mais energia. Eu já comecei a me congelar. E vocês, querem provar este novo procedimento?

Para vocês leitores da Revista Viva Grande BH, estarei disponível no Instagram para esclarecimento de dúvidas. aguardo por vocês.



Ohara Raad

Maquiadora e Hairstylist
ohara.raad@hotmail.com

Seja você!

Há quem diga que o padrão de beleza muda conforme gerações, e de certo modo, não estão enganados. Vestimentas, maneira de se portar, de gesticular, de seduzir. Todas essas são características culturais e arquétipos. Entretanto, há algo que não muda, a autenticidade. Branca, parda, negra, amarela. Qual cor for, a essência é própria, intransferível.

No Brasil podemos observar a diversidade da beleza feminina. A colonização e a miscigenação permitiram tal fato. E com isso, deixou certas áreas do Brasil com características dos países colonizadores. Isso faz com que o país seja um dos mais atrativos na admiração à beleza da mulher. Em contrapartida, a beleza, por muito tempo, foi sinônimo de fragilidade. O que importava à mulher uma condição submissa. De forma até cultural, era dito que lugar de mulher é na cozinha. Passiva ao provedor, que era responsável pelo sustento da casa.

O advento do novo milênio mudou muito a forma como as mulheres se veem e se portam em sociedade. Elas passaram cada vez mais a conquistar seu espaço, começaram a exercer atividades que até então eram tipicamente masculinas. Também começaram a se preocupar em ter diplomas, contribuir de forma ativa para o desenvolvimento econômico pessoal e nacional, e, acima de tudo, passaram a ser também responsáveis pelo sustento da casa.

Atualmente, as mulheres ocupam diversos cargos profissionais em variadas áreas, seja comercial ou governamental. E, muito tem se falado em feminismo, sororidade e empoderamento feminino. Esses movimentos versam a equidade, ou seja, garantir o direito da mulher de forma empática e igualitária. Inclusive, em 2010, a ONU (Organização das Nações Unidas) lançou sete princípios que versam o empoderamento feminino. E descobriu-se que “o lugar da mulher é onde ela quiser”. Com liberdade, autenticidade e responsabilidade.

E empoderar tal premissa é fazer valer a consciência de que tudo podemos, sempre observando as consequências. Os caminhos somos nós quem escolhemos, e somos nós também quem decidimos sobre nosso futuro. Não importa nossa cor ou orientação sexual, nada disso nos importa. Apenas sabemos que somos mulheres, somos a expressão da beleza, e, acima de tudo somos mulheres fortes, guerreiras, que cada vez mais conquistaremos nossos espaços, e estaremos exatamente no lugar onde nós decidirmos e dermos conta. E, acreditarmos em nós próprias é o grande passo de nossa mudança.

Sejamos nós!



Juliana Mariani Ananias Pereira

Administradora e Esteticista
instagram@jumarianiap
permeata.com.br



A segurança das emoções

Convido você hoje para acessar suas emoções, seus sentimentos, e permitir SER.

Quem nunca sentiu medo, ansiedade, tristeza, raiva, angústia, frustração, vergonha, alegria, calma, gratidão, amor...

Um misto de borboletas no estômago, de lágrimas e sorrisos, não é mesmo?! Assim somos nós nessa jornada da vida, uma roda gigante de acontecimentos e aprendizados.

Sempre digo que cada um vivencia a sua vulnerabilidade de uma forma diferente.

Você já percebeu o quanto a gente paralisa diante de alguns dos nossos sentimentos?

Se temos vergonha, não agimos, se temos medo, paralisamos, as vezes se sentimos muita alegria, nos culpamos, e por aí vai ...

Eu te desafio a SER VOCÊ, autêntico, para poder entender melhor como suas emoções funcionam. Percebo que quanto mais a gente se conhece, mais a gente se empodera.

Percebo muito nos meus atendimentos de mentorias e na minha própria jornada da vida, que o sentir traz uma história exclusiva para cada pessoa, umas na história familiar, outras nas histórias amorosas, dentre outras experiências da vida.

Por isso é tão importante quando permitimos a jornada do autocohecimento, onde podemos montar o nosso quebra-cabeça da vida e entendermos melhor nossas reações diante das emoções.

É mais seguro a caminhada quando a gente entende melhor a dor do outro e a nossa também. É um olhar mais generoso com a nossa fragilidade e a nossa potencialidade.

E foi na oportunidade de conversar e conviver com as pessoas e nas atividades realizadas durante as minhas palestras, workshops, mentorias, que comecei a perceber que quando acolhemos a nossa vulnerabilidade, caminhamos mais seguros.

Seguros em vários sentidos da vida.

Nas relações pessoais e interpessoais, na forma como trabalhamos, na condução de um projeto, no cuidado comigo mesma. Evitamos acidentes e incidentes quando nos permitimos compartilhar nossos "eu não consigo", "hoje eu não estou bem", "Preciso de ajuda".

Com esse cuidado para com os sentimentos, usei da minha criatividade e lancei uma Palestra Empresarial para a Semana de Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho- SIPAT- 'A segurança das emoções' – Uma equipe motivada é uma equipe mais segura.

Uma palestra criada para compartilhar com as pessoas o que aprendi com as minhas vulnerabilidades, como as tornei minha aliada no desenvolvimento profissional e pessoal.

E você, compartilhe comigo como eu posso te ajudar a criar e a empreender junto com as suas emoções.



Sarah Pardini

sarah@sarahpardini.com.br

(31) 98636.0295

www.sarahpardini.com.br



Trilhas em Nova Lima ganham novos adeptos e cuidados durante a pandemia

Por Fred Lanna e Rede Comunicação

Fernando Piancastelli

A prática de mountain bike nas montanhas de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte, tem se mostrado uma das válvulas de escape perfeitas para enfrentar a pandemia. O contato com a natureza, aliado à busca por melhor qualidade de vida, a sensação de liberdade e adrenalina são alguns dos motivos que atraem fãs do esporte.

Nossa região, reconhecida por suas belezas naturais e amplos espaços abertos preservados, também possui uma ampla malha de trilhas que podem levar o ciclista à diversas cidades do entorno como Brumadinho, Rio Acima, Itabirito e até Ouro Preto.

A mistura de profissionais e amadores pelos estreitos caminhos de terra vem chamando nossa atenção. O Projeto Trilhas, idealizado em 2013 por mim e Christian Wagner e o grupo, que participou ativamente do tombamento de 380 km de trilhas em Nova Lima em 2016, agora traz um novo olhar para a região revitalizando alguns dos traçados e alertando para as boas práticas do esporte, com ênfase na sustentabilidade das trilhas, aliado a segurança. Juntamente com o Peloton BH e com apoio de empresas como a CSul Desenvolvimento Urbano, que possui um terreno no entorno da Lagoa dos Ingleses, e da loja Giga Bike, lançou nesta semana uma cartilha que convida os praticantes mais experientes a “adotarem um iniciante”.

O documento traz cinco importantes dicas de segurança para quem quer se aventurar sob duas rodas: Uso do capacete; Equipamentos de segurança fundamentais; Planejamento do pedal; Check up da bike; e Segurança em 1º lugar.

“Queremos seguir incentivando a prática do esporte de forma consciente e segura. Tendo em vista o crescimento do esporte e a busca pela região durante a pandemia, percebemos que há muitos novatos ingressando na modalidade e por isso começamos uma campanha de conscientização sobre o mountain bike. A utilização dos equipamentos e a importância da segurança desde o momento em que o ciclista sai de casa. É fundamental entender que não se trata de um ambiente com riscos controlados, como em parques de diversões, a segurança é responsabilidade de cada um”, reforça Fred Lanna.

Trilhas revitalizadas

Entre junho e julho o Projeto Trilhas realizou um trabalho de revitalização, manutenção e sinalização de duas importantes trilhas próximas da Lagoa dos Ingleses – Trilha Milkshake e Trilha Jack Daniel's – com apoio de um novo empreendimento que irá se instalar na região.

“A ideia foi melhorar o fluxo e qualidade das trilhas. Essa manutenção é fundamental para amenizar os desgastes causados pelo uso, que cria caminhos que podem acumular água, principalmente em áreas com menor capacidade de drenagem, gerando erosões no solo, o que pode acabar destruindo e causando problemas maiores nessas trilhas”, ressalta Christian Wagner.

De acordo com os idealizadores do Projeto, a região metropolitana de Belo Horizonte abriga uma das maiores redes de conexão de trilhas do mundo. **“Temos poucos exemplos no mundo de trilhas que conectam tantos municípios e distritos, e que são amplamente utilizadas, como vemos aqui. Essa rede é muito única e especial para nós e um motivo ainda maior para lutarmos por essa conservação. Somos a capital nacional do mountain bike”,** finaliza Christian.

Ladeira acima

De acordo com dados de mercado, as bikes estão mesmo pedalando ladeira acima. Pesquisa divulgada pela Aliança Bikes (Associação Brasileira do Setor de Bicicletas), mostrou que em julho houve um aumento de 118% nas vendas de bicicletas no Brasil, em comparação com o mesmo período do ano passado. Para Marlen Ferreira, líder de mountain bike marketing da marca Sense, o crescimento está relacionado não só àqueles que tem buscado as bicicletas como alternativa para locomoção diária, mas também como opção de lazer aliada à qualidade de vida.

A marca acaba de inaugurar uma loja conceito em Nova Lima e o ponto escolhido foi o Shopping Navegantes, na Lagoa dos Ingleses. **“Existe uma forte cultura de bike instalada nessa região e temos observado um aumento expressivo no número de clientes, principalmente de novos entrantes, buscando mountain bikes e outros modelos para usufruir das belezas naturais e trilhas por ali. Queremos estar ainda mais próximos e contribuir com esse movimento de ocupação das montanhas de Minas sob duas rodas”** ressalta Ferreira.

Para o gestor de franquias da Sense, Wenio Nogueira, a pandemia acelerou a evolução do mercado e da marca, inclusive com o desenvolvimento de nichos dentro das modalidades mais conhecidas.

“Além do ciclismo oferecer um universo democrático que acolhe bem os mais diferentes tipos de praticantes, temos também no Brasil uma condição especial favorável que é o clima, que permite a prática constante desse esporte, com destaque para o mountain bike, que hoje representa 75% das bikes vendidas pela Sense no país” explica Nogueira.

“Belo Horizonte e Nova Lima são o maior polo de mountain bike, com a maior concentração de mountain bikers, do Brasil. Comercializamos 10 vezes mais bikes para Minas Gerais do que para São Paulo, por exemplo” completa.

Rua Heston, 47
Jardim Canadá | Nova Lima
achcondominios@gmail.com
31 3547-2114



A vida e os pets nos tempos de pandemia

Por: **Maria Clara Madureira**

médica veterinária, mestranda UFMG

Há milhares de anos, os animais serviam tanto como alimento e quanto auxílio na caça e como proteção contra ataques de outras tribos ou outros predadores.

Com o passar dos anos, os animais foram ganhando mais e mais espaço e significado para o homem. Nesses tempos de pandemia, eles têm sido grandes aliados contra a ansiedade, depressão e solidão impostos pelo distanciamento social. É visível o aumento de pessoas adquirindo e passeando nas ruas com seus [novos] pets.

Esta relação pode proporcionar melhor qualidade de vida, aumentando o bem-estar, a saúde emocional, física, social e cognitiva dos seres-humanos, sendo comprovada através de estudos científicos e adotada principalmente em hospitais.

A terapia assistida por animais, também conhecida como zooterapia, é um tratamento auxiliar para diversos tipos de doenças, tais como autismo, câncer e dificuldades locomotoras. Tem como objetivo promover o desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo e social dos pacientes (DOTTI, 2005; MORALES, 2005). É um complemento para os tratamentos convencionais; uma nova linha de pesquisa em atenção à diversidade.

Em um estudo feito por médicos da USP afirma que a terapia com animais aliada a atividades físicas como caminhadas e passeios, gera benefícios físicos e emocionais, momentos de relaxamento e alegria, em uma integração de corpo e alma com os animais, o que propicia a redução da pressão arterial.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os tutores devem-se atentar para as seguintes orientações quando forem passear com seus pets:

- Usar máscara;
- Passear em locais em horários menos movimentados;
- Realizar passeios curtos, apenas para atender às necessidades do animal;
- Evitar interações com outros animais e pessoas durante o passeio;
- Ao chegar em casa lavar as patas do animal com água e sabão neutro, assim como as próprias mãos;
- Vacinar e vermifugar seu animalzinho.

Essa última dica vale tanto durante a pandemia quanto para depois dela! Já que seu animalzinho pode se infectar e adoecer com patógenos de outros animais na rua, podendo até passar a doença para outros humanos (a tão temida zoonose!).

Referência Bibliográfica:

DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: Noética, 2005. 294p.

MORALES, L.J. Visita terapêutica de mascotas em hospitales.

Revista Chilena Infectología, v.22, n.3, p.257-263, 2005.

MORAES, Thulio Cunha. **Pet's e distanciamento social: a importância dos animais domésticos em tempos da Covid-19**. 2020. Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br/pets-e-distanciamento-social-a-importancia-dos-animais-domesticos-em-tempos-da-covid-19/>. Acesso em: 06 set. 2020.



Fotografia:
Cleber Lima Prado - Diretor Acolasa

Os limites do home office nos condomínios residenciais em tempos de pandemia

Para muitas pessoas trabalhar em casa não é uma opção, mas sim a única alternativa para resistir aos impactos da covid-19. Porém, as pessoas que moram em condomínios residenciais devem observar se as regras dos seus respectivos condomínios permitem a realização de atividades comerciais, independentemente se exploradas nas partes exclusivas de cada morador. Não basta a transferência do escritório comercial para o **home office** ou a opção pelo trabalho informal com atendimento de clientes em casa. É necessário verificar na convenção condominial os fins a que as unidades se destinam: se é residencial, comercial ou mista.

Não se proíbe o trabalho em casa. Pelo contrário, o **home office**, através da utilização de tecnologias da informação e da comunicação, é uma realidade e uma necessidade em tempos de covid-19. Atividades que demandam rotatividade de clientes e que perturbem a rotina, a segurança e o funcionamento do condomínio devem ser autorizadas por este, enquanto atividades que não desvirtuem a finalidade da moradia e não alterem o dia a dia do condomínio poderão ser exercidas nos condomínios que não permitem atividades comerciais nas unidades residenciais.

Embora cada condômino tenha o direito de usar e fruir do seu imóvel, segundo suas conveniências e interesses, não é permitido o desvio do uso residencial se a convenção não o permitir, devendo, inclusive, o síndico fazer cumprir as regras da convenção condominial, as quais poderão ser modificadas e flexibilizadas através do consenso entre os moradores (**rerratificação da convenção**).

Trata-se, por outro lado, de um desafio para a fiscalização do condomínio a verificação do que é teletrabalho, visita, clientes eventuais ou venda de produto ou realização de serviço dentro do condomínio para os próprios moradores ou terceiros que não impactam a rotina e a segurança do condomínio. Enfim, cada caso deverá ser analisado cuidadosamente para que o condomínio não impeça as pessoas de trabalharem em tempos de pandemia e que os condôminos não utilizem desse momento para exercer atividade comercial que extrapolem a finalidade principal de moradia.

É importante o diálogo entre os moradores e o síndico, de maneira a realizarem, presencial ou virtualmente, reuniões com o objetivo de verificar a aplicabilidade das regras condominiais e alterá-las de acordo com as particularidades de cada condômino no enfrentamento dos impactos da covid-19. Mas, que os condôminos conheçam e respeitem as regras condominiais, pois não gostar delas não quer dizer que possam descumpri-las.

Nada impede, então, o exercício das atividades que não interfiram no cotidiano do condomínio ou que o condomínio autorize, nas unidades residenciais, a exploração de atividades comerciais que impactam a sua rotina, desde que o faça de maneira consciente e dispondo de procedimentos que garantam a segurança, a funcionalidade, a valorização e o sossego, evitando, dessa maneira, qualquer tipo de desconforto e ônus aos condôminos.

Acredita-se, portanto, que este seja um bom momento para que a gestão condominial e os moradores analisem e atualizem as suas respectivas convenções e regimentos internos, de modo a equilibrar os interesses do condomínio e dos moradores.

Allan Milagres

Advogado especializado em condomínios.
Professor do Centro Universitário UNA.
Whatsapp: (31) 99203.5566



Setembro Amarelo

Falar, Conscientizar, Informar, Prevenir

Foi de uma dor transformada em amor que surgiu a campanha SETEMBRO AMARELO, conhecida no mundo todo. No dia 10 de setembro de 1994, Mike Emme, um jovem de 17 anos de Westminster, cidade no Colorado, nos Estados Unidos, se matou no seu Ford Mustang 1968, que havia pintado de amarelo. Mike estava triste, depressivo por causa de um término de namoro, porém não sabia pedir ajuda e viu no suicídio a única saída para a sua dor. No enterro, os pais de Mike, Dale e Darlene Emme, entregaram cartões e fitas amarelas para todos os presentes com a frase: **“se você está pensando em suicídio, entregue este cartão a alguém e peça ajuda!”**. Bastou para que outros cartões fossem confeccionados na cidade e redistribuídos. Logo o movimento se tornou nacional e hoje é uma campanha internacional.

No Brasil, onde segundo o Ministério da Saúde, temos mais de 11 mil vítimas de suicídio por ano não poderia ser diferente. É um problema nacional que ainda gera preconceito. A questão precisa ser tratada com naturalidade, um problema de saúde, para que todos procurem conversar, dialogar já que cada vez mais temos jovens e até mesmo crianças e adolescentes apresentando distúrbios, como a automutilação e pensamentos degenerativos que levam para a consequência maior- o suicídio.

Os problemas relacionados à mente humana eram tidos como tabu pelas antigas sociedades, proibidos de serem comentados e isso foi passando de geração para a geração. Assim, falar com nos entes queridos dos problemas existenciais se tornava sinal de fraqueza. Procurar profissionais de saúde como psiquiatra, psicólogo ou psicopedagogo atestava loucura ou **“mal da cabeça”**. Não, temos que mudar esses velhos paradigmas.



Nada melhor que começar com um exemplo que nos chega da esfera política, mas com a participação de todos que compõe este cenário que precisa ser mudado. Foi realizado simpósio no dia 10 Dia Mundial de Combate ao Suicídio, 10 de setembro e no dia 16 do mesmo. O evento foi organizado pela Frente Parlamentar de Combate ao Suicídio e à Automutilação no Brasil, que tem como coordenador o Deputado Federal Lucas Gonzalez (Novo/MG), mineiro, de Belo Horizonte. Ele falou que o Legislativo pode ajudar: **“Modernizar a nossa legislação para que possamos, cada vez mais, ter acesso à saúde mental, investimentos em saúde mental, a saúde mental desde a educação na primeira infância, a valorização da família, dentre tantas outras formas que nós temos na nossa atuação parlamentar”**.

No simpósio online foram relatadas diversas iniciativas da sociedade para minimizar o problema e com a participação de profissionais de diversas áreas, mostrando que o problema precisa ser tratado interdisciplinarmente.

Um agravante para quem sofre de distúrbios da mente é o momento que o mundo todo tem passado com a pandemia do coronavírus, conforme dito pelos representantes das entidades que trabalham na área. Os adolescentes estão mais suscetíveis e causam grande preocupação, pois foram tirados de suas rotinas.

Leila Herédia, porta-voz do Centro de Valorização da Vida (CVV), que existe há 58 anos, a instituição brasileira mais conhecida de prevenção ao suicídio, recomenda mais um mecanismo de proteção a esses grupos vulneráveis: a escuta ativa e diz: **“A ideia é que à medida que a pessoa se sente à vontade para falar das próprias emoções, dos próprios sentimentos, a gente vai estar prevenindo o suicídio. O nosso acolhimento, ele é feito de uma forma incondicional. A pessoa pode falar sobre o que ela quiser, pelo tempo que ela quiser, da forma como ela quiser”**.

Bernardinho, ex-jogador e técnico de vôlei, se tornou um simpatizante da causa para enfrentar este grande mal de nossa sociedade e disse que a escuta é de grande importância para salvar vidas, podendo ser feita em qualquer lugar. E ainda ressaltou: **“Algumas atividades podem colaborar muito no processo: o esporte, as artes, como forma de socialização, de uma comunicação, de você quebrar barreiras, de você encontrar pessoas diversas e, com isso, de alguma forma, dissipar um pouco daquilo, atenuar um pouco aquela dor”**.

Angela Gandra, Secretária Nacional da Família, destacou que é preciso prestar atenção aos alertas emitidos, como isolamentos e posts publicados nas redes sociais.

Humberto Corrêa, professor de Psiquiatria da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, salientou que o suicídio está habitualmente ligado à doença mental, e “que é uma morte que pode ser evitada.” Tristemente, segundo o psiquiatra e professor, o país está 20 anos atrasado para implantar estratégias de prevenção, mas acrescentou que este não é um trabalho apenas do especialista. Ainda completou: **“Na prevenção do suicídio, cada um de nós tem que estar presente: o professor, o educador, o religioso, o político, os governos, é uma ação de todos. Não se reduz taxa de suicídio em nenhum lugar se não existir uma ação de todos”**.

“Fale, procure um psicólogo, um terapeuta, um psiquiatra, não tenha medo de chorar seus medos e anseios. A vida vale a pena.”

Ana Maria Nogueira Rezende

*Historiadora formada pela Universidade de Itaúna em 2002; Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG em 2017; Psicopedagoga, Professora e Palestrante. Autora do livro publicado em 2012: Transportador Mineiro- História Pioneira, entre outros.
anitarezende@gmail.com



“Quem inventou o avião? Carlos Drummond ou Santos Dumont?”

**Calma!... Não se assuste com a pergunta! É mais uma provocação.
Mas não pense que tal indagação não ocorreu. “E agora José?”.**

Cota Zero

Stop.

A vida parou
ou foi o automóvel?

Ao sair de meu trabalho, no início da noite da quinta-feira, 24 de setembro, ouvi a interrogação acima, que dá título à minha crônica. Era um diálogo entre um homem e uma mulher que esperavam alguém na entrada de um prédio vizinho.

Ouvi a indagação, tentei seguir em frente, ignorando aquele debate. Mas uma força estranha conteve meus passos. Recuei e não contive meu ímpeto de tentar me certificar de que se tratava de uma brincadeira, de mais uma argumentação negacionista ou até mesmo de mais uma “notícia” do planeta dos terraplanistas, onde teima uma realidade paralela.

Eu me aproximei, ouvi o diálogo e, para minha consternação, constatei que não se tratava de uma brincadeira. Mas pude verificar também que existe uma distância quase infinita entre o céu da educação/cultura/conhecimento e a cidadã/cidadão aqui embaixo.

Os dois conversavam sem a máscara, acessório essencial nos últimos tempos, em razão da pandemia que tomou conta do mundo. Mesmo a distância e também com receio de ser rechaçado, senti-me na obrigação de arriscar levar até eles a informação e, assim, pôr fim à turbulência. Então lhes disse:

— Amiga, amigo, boa noite! Ouvi o que falavam e senti necessidade de dizer-lhes algo. Vocês me permitem?

Foram receptivos. Eu me senti seguro e continuei. Expliquei que Carlos Drummond de Andrade e Alberto Santos Dumont, embora com alguma semelhança no sobrenome e tendo os dois nascidos em Minas, tratavam-se de pessoas diferentes. Segui dizendo que o primeiro, natural de Itabira, em 1902, voava de certa forma, porém na nave da poesia e, com ela, podia nos elevar e levar juntos para infinitos lugares. Já o outro nasceu em 1873, na cidade que hoje leva seu nome, Santos Dumont. Audacioso, Alberto quis realizar o sonho de Ícaro e foi o primeiro homem a voar. Inicialmente (1901), a bordo do balão “nº 6”, contornou a Torre Eiffel e, depois (1906), com seu 14 Bis em Paris, voou por 60 metros. Mas ressaltei que, embora também seja chamado de “Pai da Aviação”, há controvérsias sobre se foi ele mesmo o primeiro homem a voar em um equipamento mais pesado que o ar. Existem informações de que dois irmãos norte-americanos talvez tenham alcançado o feito primeiro. Mas polêmicas à parte, prefiro acreditar que Santos Dumont foi o inventor do avião. Foi um pioneiro, superou a gravidade, mas sucumbiu à depressão, tirando a própria vida.

Após minhas explicações, *smartphones* à mão, um pouco constrangidos, discretamente deslizavam o dedo nas telas. Pensei que ainda verificavam a veracidade do que eu lhes havia informado. Mas, abruptamente, mudaram de assunto e passaram a falar sobre as mazelas da pandemia e o poder da cloroquina como arma contra elas. Argumentaram, dizendo que, se tivéssemos adotado o remédio desde o início, não teríamos empregado tanto dinheiro em respiradores. Ainda tentei argumentar com a informação de que tal remédio não tinha aprovação da comunidade científica e da OMS, e que, portanto, o uso não seria seguro. Logo um deles retrucou, alegando que os chineses criaram o vírus e deixaram que se espalhasse pelo mundo.

Senti então que seria inútil qualquer nova tentativa de tirar das nuvens escuras aqueles semelhantes e fazer com que colocassem os pés no chão da realidade na qual acredito. Mas tentando esperar ainda assim argumentei:

— Olha, essa história de que a China criou o vírus é invenção de Trump. A meu ver, tal acusação não faz o menor sentido e tem o único objetivo de desviar o olhar dos norte-americanos sobre sua total imprudência, negligência e incompetência para lidar com a pandemia. Lembro a vocês que teremos eleições neste ano, nos EUA. Lembro também que nesta ordem, EUA, Índia e Brasil têm os maiores índices de contaminação e perda de vidas.

A resposta veio rápida, quase que simultânea à conclusão de minha fala, quando a mulher disse:

— Isso é exagero!

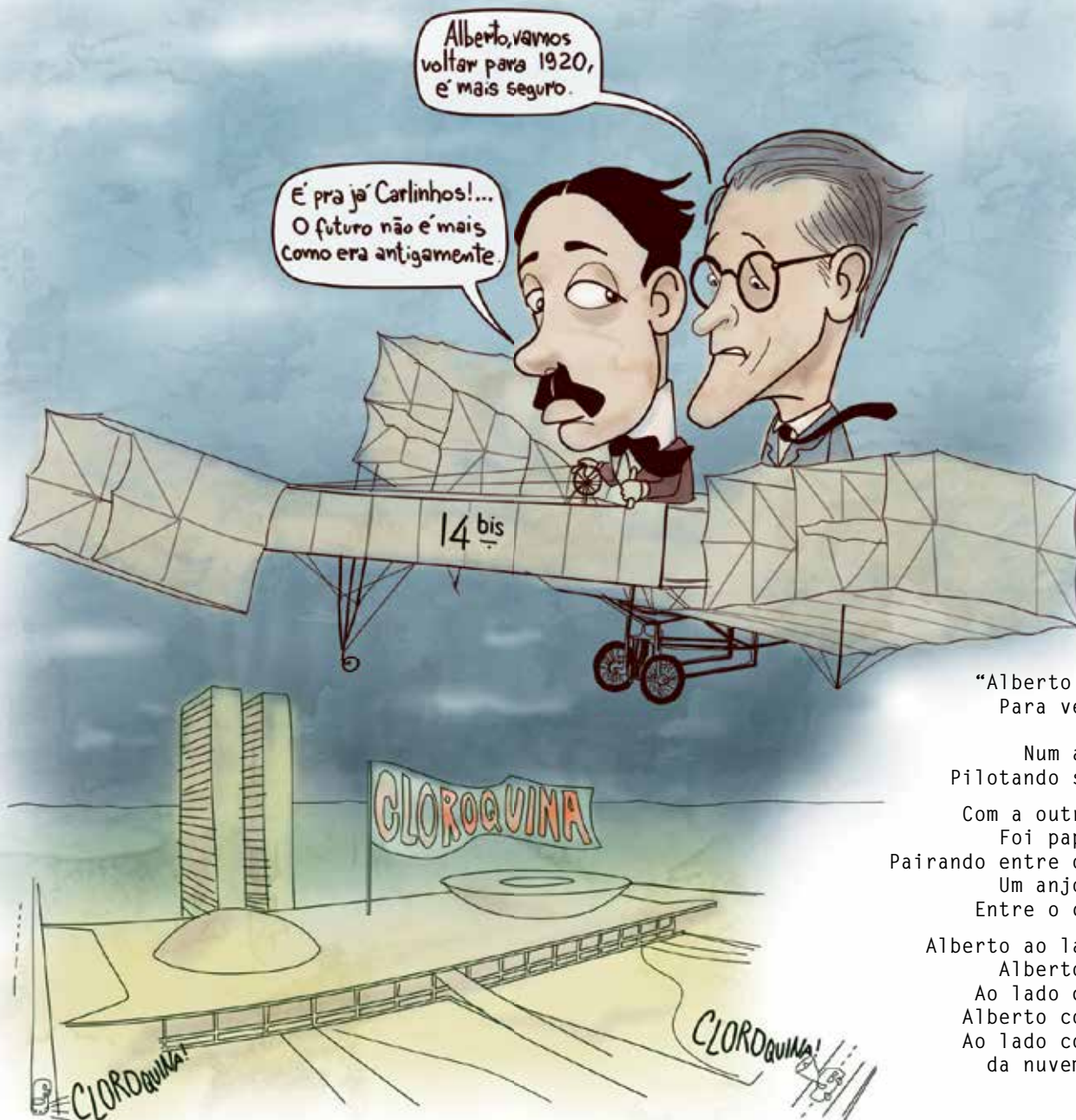
E o homem completou de bate-pronto:

— Eu não tenho nada a ver com esse Donald Trump ou EUA, e acho que isso não tem nada a ver com o Brasil.

Já vencida minha última reserva de paciência, resolvi sujar minhas chuteiras e jogar no campo enlameado da ignorância e tentei a última jogada, chutando de canela, uma quase *fakenews* à *delivery* na rede adversária:

— Sabiam que, neste ano, caíram 1.400 aviões no Brasil, com uma média de 100 pessoas em cada um, e não houve sobreviventes? Isso os jornais, tevês, rádios não deram!

Um misto de perplexidade, surpresa/tristeza e desalento/ira invadiu meu coração. Os dois passaram a deslizar o dedo freneticamente na tela de seus celulares querendo confirmar a “novidade”.



Alberto

“Alberto Santos Dumont
Para ver o que é bom
Subiu ao céu
Num avião de papel
Pilotando só com uma mão
Com a outra dando adeus
Foi papai da aviação
Pairando entre o homem e deus
Um anjo que ascendeu
Entre o chão _ e o céu

Alberto ao lado dos santos
Alberto acima Dumont
Ao lado do próprio pai
Alberto como um caderno
Ao lado com a borboleta
da nuvem alberto vai”

CHICO CÉSAR

Inútil! Essa rede adversária não sabe lidar com metáforas. Ela gosta é de mentiras e manipulações. Seria esse “O Dilema das Redes”?

Com esta crônica, não pretendi tripudiar ou mesmo zombar da ignorância alheia, fazendo valer alguma diferença de conhecimento entre semelhantes sobre determinadas áreas. Afinal, todos nós temos pouco ou quase nenhum domínio sobre inúmeros temas. Pretendi por meio da narrativa de acontecimentos reais do cotidiano, sugerir a retomada do pensar autônomo (não confundir com autômato). Ou seja, de alguma forma, contribuir para o combate à cultura da ignorância e à servidão digital.

Terminando este texto, recebo a notícia de que Donald Trump e a esposa foram contaminados pelo vírus. Se não forem outras *fake news*, certamente ele não vai pedir de volta a cloroquina que nos enviou e, muito menos, eles vão tomar detergente ou vodca como tratamento.

Lembro que estamos há 1 ano e 9 meses sob os desmandos de um desgoverno pelo qual já passaram três ministros da “educação” (um colom-

biano, outro psicopata, um mentiroso) que cumpriram o papel de atacar e arrasar a educação. O que chegou também já disse a que veio, quando declarou: As “famílias desajustadas” são responsáveis pelos filhos homossexuais. O governo quer aumentar a tributação sobre os livros. Não temos Ministério da Cultura. O ministro da Saúde tem formação em logística. O ministro do Meio Ambiente gosta de dar tiros e não gosta de florestas.

Mas, afinal, para que educação, cultura, saúde, e meio ambiente? Daqui a pouco, teremos a internet mais rápida, 6G, e tudo vai se resolver. Para que livro? Para que professor? Para que cultura? Para que florestas? Vai estar tudo prontinho na rede adversária, e “Nós não vamos pagar nada”.

Referências:

Músicas: “Alberto” - Chico César; “Índios” - Legião Urbana; “Aluga-se” - Raul Seixas.

Poemas: “Cota Zero”, “José” - Carlos Drummond de Andrade.

Ilustração: Evandro Rocha.

Rafael Vicente Ferreira

É desenhista gráfico, graduado em Letras Tecnologias de Edição; mestrando em Linguagens
rafaelvicenteferreira@gmail.com



A PEDRA

Pense num texto de um grande poeta. Nele lemos que no caminho havia uma pedra. O texto possui versos e estrofes e, pela estrutura e forma chamamos de poema. Esta simples pedra mudou o seu significado quando foi parar no meio do caminho.

A palavra pedra, antes de se transformar no símbolo, que encanta e provoca tantas discussões entre os leitores era apenas um substantivo feminino, concreto, simples, comum, que significa substância dura e compacta que forma as rochas. E dependendo da frase poderia ocupar a função de sujeito ou objeto, ainda sem muita importância.

Porém, o poeta a captura para o seu texto mergulhando-a em um mundo de aventuras. Provavelmente outras palavras tentaram ocupar o seu lugar, mas não caíram na graça do autor. Ou simplesmente se recusaram a obstruir o caminho dos leitores, pois não é fácil se envolver no desconhecido naquela jornada de versos e estrofes.

Atendendo ao chamado do autor lá se encontra ela: a Pedra. De simples e comum tem uma mudança no seu significado. Não é mais uma rocha dura e compacta. Nos versos, deste determinado texto, pode assumir formas, pode ser maleável. Pode inclusive ser abstrata, pode até não existir.

A pedra no caminho de várias pessoas, leitoras, testa seus limites e convida a reflexão. Transformada, já não possui um significado, mas muitos. Recompensada sai dos seus domínios transformada. Será heroína de muitas histórias com a possibilidade de ser vencida, de representar a vitória para alguns ou a desistência de outros. Vitória quando o leitor consegue superar e seguir em direção ao seu destino. Derrota quando o leitor desiste de vencê-la e segue outro caminho, mais fácil e sem a pedra.

A vida é assim, um dia encontramos uma pedra no meio do caminho. Superamos a pedra e vencemos, ou tomamos outro caminho e perdemos a chance de aprender.

E no percurso desta simples palavra, antes presa no dicionário, agora ampliada pela mente do autor e dos leitores, percebemos a recompensa de se aventurar e se doar.

Antes que esqueça, o poema que transformou a pedra é “No Meio do Caminho” do mineiro Carlos Drummond de Andrade. Mas esta é outra história.



Ronan Gomes

Especialista em práticas de ensino em inclusão de pessoas com deficiências, professor de Língua portuguesa/literatura na rede de ensino de Contagem, revisor e escritor. ronangomes23@gmail.com

PIX: O que é e porquê eu preciso me cadastrar

Nos últimos dias, todos os bancos enviaram e-mails e mensagens pelos aplicativos e Internet Bank solicitando que seus correntistas cadastrassem uma chave no PIX. Vale o número de CPF ou CNPJ, o endereço de e-mail e o número de celular. Mas, o que é PIX? Ele serve para quê? Sou obrigada a fazer tal cadastro? É seguro? Essas e outras questões tratamos aqui neste artigo.

Apelidado pelo Banco Central de PIX – palavra que remete a pixels e tecnologia –, o Pagamento Instantâneo estará disponível a partir do dia 16 de novembro deste ano, mas, os bancos já estão realizando o cadastro dos dados de seus correntistas. Trata-se de uma nova, moderna e prática maneira de realizar transações financeiras, que poderão ser feitas em até 10 segundos, inclusive entre instituições financeiras diferentes.

As transferências poderão ser feitas entre pessoas físicas, entre empresas, de pessoas físicas para empresas e até mesmo para órgãos públicos. O serviço estará a disposição 24 horas por dia, sete dias por semana e em todos os dias do ano; diferentemente das arcaicas Transferências Eletrônicas Disponíveis (TED) ou dos antigos Documentos de Ordem de Crédito (DOC). Se fizer as contas de quanto já teve que pagar aquela “taxinha” de R\$8,00 ou R\$10,00, verá o quanto irá economizar daqui para frente!

Uma vez que as transferências serão realizadas diretamente, sem a necessidade de um intermediador, o custo é reduzido. Assim, o Banco Central irá cobrar apenas R\$0,01 pela liquidação a cada 10 pagamentos instantâneos realizados. Ou seja, esqueça aquela tarifa cobrada pelos bancos quando há necessidade de transferir por TED ou DOC.

Os usuários ainda poderão utilizar o QR Code para fazer as transações, o que as tornarão ainda mais rápidas e práticas. Assim, é possível que em pouco tempo, pagar com PIX seja tão ou mais fácil do que pagar com dinheiro vivo. Já com relação ao seu funcionamento, em breve, bastará que o receptor do pagamento envie sua chave ou mesmo o QR Code (extremamente útil para estabelecimentos comerciais físicos) ao pagador e esse realiza a transferência pelo aplicativo do banco (ou Internet Bank).

Sabemos que ainda vai demorar um tempo até que boa parte da população se acostume a utilizar o PIX, por isso, as formas tradicio-

nais de transferências ainda continuarão a vigorar por um bom tempo; além disso ninguém é obrigado a se cadastrar, se assim preferir. Contudo, se você ainda não se convenceu dos benefícios de adotar esse novo modelo, saiba que existem muitas vantagens, entre as quais se destacam o poder de escolha na hora de fazer as transferências, seja em compras simples ou grandes aquisições. Acrescente a rapidez e a praticidade a essas transações. Imagine poder pagar uma simples viagem de trem com o PIX, por meio do smartphone!

Outro benefício é a melhoria da gestão do fluxo de caixa de empresas e pessoais. Com o PIX será mais fácil gerenciar os pagamentos e organizar a vida financeira. Mas, se tais benefícios ainda não te convenceram, pois seu maior medo é com a segurança de suas transações, saiba que o PIX tem segurança garantida pelo Banco Central que, inclusive, criou um manual com regras básicas de utilização.

De acordo com o BC, ao utilizar a nova modalidade de transação financeira, o receptor do pagamento deverá validar a assinatura digital da mensagem recebida para pagamento; além disso, as instituições financeiras terão que adotar o certificado ICP-Brasil para autenticação e criptografia.

Os comerciantes e quem tem uma loja virtual já devem estar vibrando, pois com o PIX, a compensação dos pagamentos será realizada na mesma hora, não precisando daqueles dois a três dias úteis que o pagamento via boleto exige. Isso sem contar com o fim da taxa de cartão de débito, quando o cliente opta por pagar a vista, mas não tem dinheiro em espécie ao realizar a compra.

Quem não deve estar gostando nadinha são as donas das famosas “maquininhas” de pagamento. Paciência. Para a grande maioria, o PIX está vindo para revolucionar e nos fazer economizar. É a tecnologia a serviço da população. Resta saber se os mais conservadores também irão aderir à essa nova moda ou irão demorar a fazer suas transações em tempo real, da mesma forma que têm demorado a pagar as contas pelo Internet Bank, lotando, até os dias de hoje, as Loterias e os caixas bancários no quinto dia útil de todo mês.

Camila Martucheli

Doutoranda e Mestre em Administração - Linha Finanças (UFMG),
administradora, pesquisadora, analista de investimentos, palestrante,
professora e jornalista.camila.martucheli@gmail.com





Av. Cardeal Eugênio Parcelli trincheira da Cid. Industrial sentido Itaú Shopping | Av. Amazonas | Centro | BH



Av. João César com David Sarnoff frente a Direcional Engenharia próximo Itaú Shop. e Unimed Contagem



Av. João César de Oliveira em frente ao Big Shopping próximo Shop. Oiapoque Contagem - Duplo sentido



Av. João César de Oliveira - Big Shopping ao lado da Caixa - sentido Itaú Shop. e Pça. Cemig



Campanhas em Back Bus

ooh!

Mídia out-of-home

Impressionar, é o que sabemos fazer de melhor!

Painéis de Led

Nossa forma de comunicar é simples, de alto impacto, clara e objetiva trazendo ótimos resultados para você!

@rottapaineismg Mídia OOH

- Painel de Led | Outdoor
- Produção e veiculação de mídia ônibus
- Planejamento
- Produção em pequenos e grandes formatos em lona e papel

31 3395.7163 - Direct
comercial@rottapaineis.com.br

Rotta Painéis

A sua mídia no caminho certo!

